



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

AS RELAÇÕES ENTRE PARES DE JOVENS ADOLESCENTES  
SOCIALMENTE RETIRADOS

**João Carlos Verdelho Correia**

Dissertação orientada por

Professor Doutor António José dos Santos

(ISPA-Instituto Universitário)

Tese submetida com requisito parcial para obtenção do grau de

**Doutoramento em Psicologia**

Especialidade em Psicologia do Desenvolvimento

2013

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização de Psicologia do Desenvolvimento, realizada sob a orientação do Prof. Doutor António José dos Santos, apresentada no ISPA - Instituto Universitário no ano de 2013.

O presente trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/4135/2007)

## **Dedicatórias**

Para a Inês



## **Agradecimentos**

Este trabalho é o resultado do empenho, dedicação, confiança e disponibilidade de muitas pessoas. Há um agradecimento a cada uma delas em todas as páginas, mesmo que nem sempre esteja visível...

Ao meu orientador, Professor Doutor António José dos Santos, pela sua influência determinante, pela autonomia e liberdade guiada que sempre soube proporcionar e, sobretudo, por ter sido capaz de potenciar o meu crescimento profissional e pessoal mais do que qualquer agradecimento pode expressar.

À Professora Doutora Manuela Veríssimo pela confiança que depositou em mim, pela disponibilidade infinita e pelo tanto que me ensinou ao longo destes anos. Agradeço ainda a sensibilidade rara de saber sempre qual o momento para promover a autonomia e aquele em que é necessário securizar.

A todos os que se disponibilizaram para participar neste estudo, tornando-o possível.

A todos os meus colegas da Linha 1 da UIPCDE pela partilha de um trajecto e de conhecimentos. A competência, empenho e gosto pela ciência de cada um foram uma inspiração diária para mim.

Ao Miguel, um irmão, um amigo indispensável com quem tive o privilégio de partilhar mais esta etapa da minha vida.

Ao Tulha, outro irmão, companheiro de muitas horas e de inúmeras histórias, pela sua Amizade sem limites.

Às Ritas, Patrícia, Sofias, Diogos, Teresas, Xana, Rafa, Leonor e Rute, pela presença constante e central na minha vida.

Ao Zé Pedro.

À Teresa e à Constança pelo sorriso e ternura que me trazem.

À Inês.

À minha família.

Ao meu pai.



## **Palavras-Chave**

Retirada Social; Adolescência; Relações Sociais; Amizade

## **Key Words**

Social Withdrawal; Adolescence; Social Relationships; Friendship

## **Categorias de Classificação da tese**

2800 Developmental Psychology

2840 Psychosocial & Personality Development



## Resumo

Pela primeira vez, na realidade nacional, procurou estudar-se o fenómeno da retirada social na adolescência, isto é, da remoção própria, recorrente e consistente da interação social com os pares. Com base em amostras retiradas de um projeto de investigação longitudinal ainda em curso, procurámos atingir três grandes objetivos: validar um instrumento que permita a sua correta avaliação; caracterizar as relações sociais destes jovens, quer com o grupo de pares, quer com os seus melhores amigos; e, finalmente, analisar a influência de diferentes trajetórias desenvolvimentais de retirada social e de diferentes padrões de amizade no ajustamento psicossocial destes indivíduos ao longo de um ano. Os dados foram recolhidos com base em 3 instrumentos: o Extended Class Play (Burgess, Rubin, Wojslawowicz Bowker, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2003) — que permite captar as avaliações que os pares fazem do comportamento, funcionamento e reputação sociais dos colegas —, as Nomeações de Amizade (Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994) e o Friendship Quality Questionnaire (Parker & Asher, 1993) — destinado a aceder às perceções que os sujeitos têm de vários aspetos qualitativos da sua melhor amizade. Uma Análise Fatorial Confirmatória permitiu concluir que o modelo hexafatorial do ECP revelou uma boa qualidade de ajustamento global e local, bem como fiabilidade compósita e validade fatorial, convergente e discriminante e, ainda, boa adequação para género e idade. No que diz respeito às relações sociais, verificámos que os jovens socialmente retirados eram descritos pelos pares como sendo significativamente mais isolados, excluídos e vitimizados, mas também mais prosociais do que os seus colegas. Por outro lado, não diferiam destes no número, nem na qualidade de amizade relatada, ainda que tendessem a ter amigos significativamente mais isolados e excluídos, bem como menos agressivos do que os adolescentes do grupo de controlo. Finalmente, observámos que os adolescentes, que no decurso de um ano deixam de ser considerados pelos pares como retirados, são significativamente menos retirados e excluídos num segundo momento avaliativo do que os que continuam ou passam a sê-lo, mesmo controlando os níveis iniciais destas dimensões. Por outro lado, os sujeitos sem amigos em nenhum dos momentos avaliativos considerados são mais excluídos e vitimizados, bem como menos prosociais do que os que têm sempre um amigo recíproco. Os resultados serão discutidos à luz do que tem sido reportado na literatura, refletindo-se sobre as dificuldades sociais que os jovens retirados enfrentam, bem como sobre o possível efeito protetor da participação numa melhor amizade.

## Abstract

We tried, for the first time in Portugal, to study the phenomenon of social withdrawal in adolescence, meaning, the recurring and consistent removal of itself from social interaction with peers. Based on samples taken from a longitudinal research project still in progress, we sought to achieve three major goals: to validate an instrument that allows its correct evaluation; to characterize the social relations of youth with the peer group and their best friends; and, finally, to analyze the influence of different developmental pathways of social withdrawal and of different patterns of friendship on the psychosocial adjustment of individuals during one year. Data were collected based on three instruments: the Extended Class Play (Burgess, Rubin, Wojslawowicz Bowker, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2003) — which allows to capture the evaluations that peers make of the behavior, social functioning and social reputation of their colleagues —, the Friendship Nominations (Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994) and the Friendship Quality Questionnaire (Parker & Asher, 1993) — meant to access the perceptions that individuals have of various qualitative aspects of their best friendships. A Confirmatory Factor Analysis showed that the ECP hexafactorial model tested had a good local and global adjustment, as well as composite reliability and factorial,

convergent and discriminant validity, and was also suitable considering gender and age. With regard to social relations, we found that socially withdrawn youth were described by their peers as being significantly more isolated, excluded and victimized, but also more prosocial than their colleagues. On the other hand, they did not differ in the number of mutual friends nor in the reported relationship's quality, although they tended to have friends significantly more withdrawn and excluded, as well as less aggressive than the control group's adolescents. Finally, we observed that adolescents, who leave to be considered by peers as withdrawn during one year, are significantly less withdrawn and excluded in a second stage evaluation than those who remain or pass to be so, even after controlling initial levels of these dimensions. Moreover, the friendless subjects, in any moment of evaluation, are more excluded and victimized and also less prosocial than the ones who always have a reciprocal friend. The results will be discussed according to what has been reported in the literature, reflecting on the social difficulties that withdrawn young people face, as well as the possible protective effect of a best friendship's communion.

## Índice

Introdução	p. 1
Enquadramento Teórico	p. 5
Antecedentes do Estudo da Retirada Social	p. 5
A Perspectiva de Piaget	p. 6
A Perspectiva de Mead	p. 7
A Perspectiva de Sullivan	p. 7
Teoria da aprendizagem social	p. 8
Definição de Retirada Social	p. 8
Retraimento social	p. 10
Desinteresse social	p. 10
Evitamento social	p. 11
Instrumentos de Avaliação da Retirada Social	p. 12
Evolução do Class Play	p. 14
Modelo Etiológico da Retirada Social	p. 17
Consequências Desenvolvimentais	p. 19
Relações Sociais	p. 21
Relações de amizade	p. 22
Prevalência da amizade	p. 24
Identidade dos amigos	p. 26
Qualidade da amizade	p. 27
Relação com o grupo de pares	p. 29
Relações sociais de jovens socialmente retirados	p. 32
Relações de amizade	p. 32
Relação com o grupo de pares	p. 35

Fatores de Risco e Protetores	p. 36
Relações entre pares	p. 38
Objetivos	p. 42
1º estudo: análise fatorial confirmatória do Extended Class Play	p. 43
2º estudo: relações sociais de jovens socialmente retirados	p. 44
3º estudo: ajustamento psicossocial de jovens com diferentes trajetórias de retirada social e padrões de amizade	p. 45
1º Estudo: análise fatorial confirmatória do Extended Class Play	p. 47
Participantes	p. 47
Instrumento	p. 47
Procedimento	p. 48
Análise Estatística	p. 49
Apresentação dos Resultados	p. 49
2º Estudo: relações sociais de jovens socialmente retirados	p. 55
Participantes	p. 55
Instrumento	p. 55
Extended Class Play	p. 55
Nomeações de amizade	p. 55
Friendship Quality Questionnaire	p. 56
Procedimento	p. 57
Identificação do grupo de adolescentes socialmente retirados e do grupo de controlo	p. 57
Identificação das díades de melhores amigos	p. 58
Apresentação dos Resultados	p. 59
Relação com o grupo de pares	p. 59
Relações de amizade	p. 61
Prevalência de relações de amizade nos grupos	p. 61
Características dos melhores amigos	

dos adolescentes retirados	p. 62
Qualidade da amizade	p. 63
Funcionamento social dos adolescentes retirados com e sem amigos recíprocos	p. 64
3º Estudo: ajustamento psicossocial de jovens com diferentes trajetórias de retirada social e padrões de amizade	p. 67
Participantes	p. 67
Instrumentos	p. 67
Extended Class Play	p. 67
Nomeações de amizade	p. 67
Procedimento	p. 67
Identificação das Trajetórias Desenvolvimentais de Retirada Social	p. 68
Identificação dos Padrões de Amizade	p. 68
Apresentação dos Resultados	p. 69
Análise preliminar	p. 69
O ajustamento psicossocial e as trajetórias desenvolvimentais de retirada social	p. 71
O ajustamento psicossocial e os padrões de amizade	p. 72
Discussão	p. 75
Extended Class Play	p. 75
Relações Sociais	p. 77
Relação com o grupo de pares	p. 77
Relações de amizade	p. 79
Prevalência da amizade	p. 79
Características do amigo	p. 79
Qualidade da Amizade	p. 80
Funcionamento social de retirados com e sem amigos	p. 82
O Ajustamento Psicossocial Consoante Trajetórias de Retirada Social e Padrões de Amizade	p. 84
O ajustamento psicossocial e as trajetórias	

desenvolvimentais de retirada social	p. 84
O ajustamento psicossocial e os padrões de amizade	p. 85
Direções Futuras	p. 87
Referências Bibliográficas	p. 91
Anexos	p. 111

### **Lista de Tabelas**

Tabela 1:	
Validade Convergente e Discriminante dos 6 Fatores sob estudo	p. 52
Tabela 2:	
Qualidade de ajustamento global do modelo fatorial para Género e Idade	p. 53
Tabela 3:	
Resultados nas dimensões do ECP do Grupo de Retirados e do Grupo de Controlo	p. 60
Tabela 4:	
Resultados nas dimensões do ECP do Grupo dos Melhores Amigos de Retirados e do Grupo dos Melhores Amigos de Controlo	p. 62
Tabela 5:	
Média e Desvio-Padrão do score global de Qualidade da Amizade para Sujeitos-alvo e para os Melhores Amigos	p. 63
Tabela 6:	
Resultados nas dimensões do ECP dos sujeitos do Grupo de Retirados consoante tenham ou não Amigos Recíprocos	p. 65

Tabela 7:		
Intercorrelações nas dimensões do ajustamento em T1 e T2 (N = 115)		p. 70
Tabela 8:		
Médias ajustadas e erros-padrão nas dimensões do ajustamento por trajetória desenvolvimental de retirada social		p. 71
Tabela 9:		
Médias ajustadas e erros-padrão nas dimensões do ajustamento por padrão de amizade		p. 72

### **Lista de Figuras**

Figura 1:		
Modelo Simplificado do ECP ajustado a uma amostra de 465 adolescentes Portugueses		p. 51

### **Lista de Anexos**

Anexo A:		
Outputs Estatísticos do 1º Estudo		p. 111
Anexo B:		
Outputs Estatísticos do 2º Estudo		p. 129
Anexo C:		
Outputs Estatísticos do 3º Estudo		p. 213



## Introdução

A literatura tem atestado, de forma inequívoca, a importância que as interações e relações com pares — particularmente as de amizade e com o grupo — assumem no desenvolvimento e bem-estar psicossocial dos indivíduos ao longo de todo o ciclo vital (i.e., Piaget, 1994; Sullivan, 1953; Cairns & Cairns, 1994; Rubin, Bukowski, & Parker, 2006; Rubin, Bukowski, & Laursen, 2009).

Deste modo, surgiu o interesse por aqueles sujeitos que, devido ao medo, à ansiedade e à timidez, se retiravam da interação com os pares, perdendo, assim, todos os benefícios individuais, sociais, cognitivos e emocionais que lhe estão associados e empiricamente verificados (i.e., Rubin *et al.*, 2006; 2009; Rubin, Coplan, Chen, Buskirk, & Wojslawowicz Bowker, 2005).

Assim, o estudo do fenómeno da retirada social — isto é, da remoção promovida pelos próprios sujeitos da interação com os pares, de forma recorrente e consistente ao longo de diferentes situações, contextos e tempo, com o objetivo de evitar o medo da rejeição (Coplan, & Rubin, 2008; Rubin, 1982; Rubin & Asendorpf, 1993; Rubin & Coplan, 2004; Rubin, Coplan, & Bowker, 2009) — tem assistido a um crescimento exponencial ao longo das últimas quatro décadas.

Neste período, tem sido consistentemente demonstrado que estes indivíduos revelam uma grande variedade de dificuldades individuais — apresentando mais problemas de internalização, como baixa autoestima, perturbações depressivas ou de ansiedade (i.e., Boivin, Hymel, & Bukowski, 1995; Prior, Smart, Sanson, & Oberklaid, 2000; Rubin, Chen, McDougall, Bowker, & McKinnon, 1995) —, escolares — evidenciando piores relações com os professores e aproveitamento académico (i.e., Coplan & Prakash, 2003) — e sociais, da infância à adultícia.

Relativamente a este último domínio, a investigação tem-se centrado, essencialmente, em dois níveis de complexidade (Hinde, 1987): o da relação com o grupo de pares e o das relações de amizade. Assim, tem sido verificado que sujeitos socialmente retirados são não só menos aceites, como também ativamente rejeitados, excluídos e vitimizados pelos colegas, de forma estável e cada vez mais evidente ao longo do desenvolvimento (i.e., Boivin & Hymel, 1997; Gazelle & Rudolph, 2004; Hymel, Bowker, & Woody, 1993; Oh, Rubin, Bowker, Booth-LaForce, Rose-Krasnor, & Laursen, 2008; Rubin, Chen, & Hymel, 1993).

No entanto, e apesar destas dificuldades com o grupo mais alargado, da timidez e de todos problemas de internalização supracitados que tendem a impedir a normal interação com

os pares, estes indivíduos são tão capazes quanto os seus colegas de formar e manter relações de melhor amizade (i.e., Ladd & Burgess, 1999; Rubin, Wojslawowicz Bowker, Rose-Krasnor, Booth-LaForce, & Burgess, 2006; Schneider, 1999), ainda que a maior parte delas tenda a ser de menor qualidade e com alguém que partilha muitos dos seus problemas psicossociais (i.e., Hogue & Steinberg, 1995; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Mais recentemente tem-se procurado, igualmente, averiguar como as relações sociais poderão ser fatores protetores e/ ou de risco nas trajetórias desenvolvimentais destas crianças e jovens. Tem-se concluído que diferentes respostas do ambiente social — concretamente diferentes graus de rejeição, exclusão e vitimização por parte dos colegas —, preveem não só os níveis iniciais de retirada social dos sujeitos, como contribuem significativamente para a sua manutenção, exacerbação ou diminuição ao longo do tempo (i.e., Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004; Oh *et al.*, 2008).

Por outro lado, também a participação numa melhor amizade parece proteger de maiores dificuldades sociais e emocionais, ainda que não as evite completamente (i.e. Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006; Oh *et al.*, 2008) e que dependa sempre quer das características sociais dos amigos, quer da qualidade da relação estabelecida (i.e., Oh, Rubin, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2004; Oh *et al.*, 2008).

Adicionalmente, a estabilidade ou o ganho de uma amizade têm sido associadas a um melhor ajustamento ao longo do tempo, enquanto a perda ou a ausência destas relações próximas e recíprocas se correlacionam com um agravamento dos problemas intra e interpessoais (i.e., Parker & Seal, 1996; Wojslawowicz Bowker, Rubin, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2006).

Contudo, a maioria do que se sabe sobre o fenómeno da retirada social, seus correlatos, consequências desenvolvimentais e fatores protetores e/ ou de risco deriva de estudos realizados com amostras norte-americanas, canadianas, asiáticas e centro e norte-europeias. Mesmo nestes têm sido evidenciadas algumas especificidades culturais na avaliação do comportamento de retirada social. De facto, nas sociedades orientais, ao contrário das ocidentais, este pode ser não só aceite, como mesmo valorizado (i.e., Chen, Rubin, & Sun, 1992; Chen, Rubin, Li, & Li, 1999), ainda que investigações mais recentes apontem no sentido contrário (i.e., Chen, Cen, Li, & He, 2005; Hart, Yang, Nelson, Robinson, Olson, Porter, Jin, Olsen, & Wu, 2000).

Por outro lado, apesar do número crescente de estudos sobre esta problemática, a grande maioria ainda se centra sobre os períodos da infância e idade escolar (6-12 anos),

sabendo-se consideravelmente menos sobre as manifestações e implicações da retirada social na adolescência.

Este é um dado que não deixa de ser interessante, na medida em que é um período em que as relações sociais — especificamente ser aceite pelo grupo de pares e ter amigos — se tornam particularmente importantes e influentes no bom desenvolvimento dos sujeitos (i.e. Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998; Rubin, 2004; Sullivan, 1953). Efetivamente, o sentido de inclusão e pertença, assim como a intimidade, afeto, validação e segurança emocional que estas relações proporcionam são fundamentais para a aprendizagem de uma série de competências e para a concretização das tarefas desenvolvimentais específicas da adolescência, concretamente a adaptação a um novo corpo púbere, a conquista de uma maior autonomia face aos pais ou a formação de uma identidade e autoconceito positivos (i.e., Berndt, 2004).

Deste modo, é nosso objetivo estudar o fenómeno da retirada social numa amostra de adolescentes portugueses. Por ser a primeira investigação realizada na realidade nacional, procuraremos, primeiramente, validar um instrumento que permita a sua correta avaliação. Depois, tentaremos caracterizar as relações sociais destes jovens nos dois níveis de complexidade aqui apresentados: com o grupo de pares e nas de amizade — averiguando a sua prevalência, qualidade e identidade dos amigos (Hartup, 1996). Finalmente, analisaremos a influência de diferentes trajetórias desenvolvimentais de retirada social e de diferentes padrões de amizade no ajustamento psicossocial destes indivíduos ao longo de um ano.

Assim, o nosso trabalho começará com uma revisão da principal literatura existente sobre este domínio, descrevendo quando, porquê e em que bases teóricas assentou o estudo desta problemática. Depois, definiremos a retirada social enquanto constructo complexo e multidimensional, especificando como a vamos conceptualizar e operacionalizar. Apontaremos igualmente aqueles que têm sido os instrumentos mais utilizados na sua avaliação, as consequências desenvolvimentais que lhe têm sido associadas — a nível individual, escolar e, sobretudo, social —, assim como os principais fatores protetores e/ ou de risco nas trajetórias desenvolvimentais destes sujeitos. Culminaremos esta secção com a clarificação da pertinência e objetivos do nosso estudo, levantando igualmente hipóteses quanto a possíveis resultados, de acordo com a literatura revista.

De seguida, dividiremos parte empírica em três capítulos distintos, relativos aos três estudos que efetuámos, apresentando a metodologia e resultados obtidos em cada um deles.

Finalmente, procuraremos uma discussão teórica e empírica de cada um destes resultados, bem como uma leitura integrada dos mesmos, confrontando-os com os

apresentados pela literatura. Como nenhuma investigação decorre sem limitações, faremos uma reflexão sobre as nossas, sugerindo igualmente possíveis formas de as ultrapassar. Por último, levantaremos uma série novas questões que consideramos relevantes de serem averiguadas no futuro, de modo a que possa almejar-se uma melhor compreensão do fenómeno da retirada social na realidade portuguesa.

## Enquadramento Teórico

### Antecedentes do Estudo da Retirada Social

O estudo do fenómeno da retirada social, sua definição, métodos de avaliação, causas, correlatos, consequências desenvolvimentais e fatores de proteção e/ ou risco encontra-se profundamente ligado ao *Waterloo Longitudinal Project* (1980-1992), coordenado por Kenneth H. Rubin (University of Maryland).

De facto, e até então, a grande maioria do investimento científico centrava-se na definição conceptual e investigação empírica sobre os problemas de externalização ou de falta de controlo sobre os impulsos, onde se podem incluir a hiperatividade e as condutas agressiva, de oposição ou desafio (i.e., Dodge & Coie, 1998). Tal deveu-se, essencialmente, a três razões: primeiro, por estes serem mais fáceis de detetar e capazes de provocar reações negativas ou mesmo aversivas nos outros (i.e. Cheah & Rubin, 2004); depois, por serem francamente incompatíveis com a organização escolar (i.e., Rubin & Coplan, 2004); e, finalmente, por diversos estudos terem atestado que se tratavam de manifestações altamente estáveis ao longo de todo o desenvolvimento e que se associavam a uma grande variedade de dificuldades de ajustamento psicossocial na infância, adolescência e adultícia (i.e., Moskowitz, Schwartzman, & Ledingham, 1985).

Por outro lado, os poucos estudos realizados nas décadas de 50, 60 ou 70 sobre os problemas de internalização ou de sobrecontrolo dos impulsos — nos quais se inserem a ansiedade, a depressão ou a retirada social — concluíam que as suas manifestações na infância eram não só instáveis, como não previam problemas de adaptação social e emocional no futuro (i.e. Kohlberg, LaCrosse, & Ricks, 1972; Robins, 1966 cit. por Rubin, Coplan, & Bowker, 2009).

Contudo, alguns autores consideraram que estas conclusões poderiam ser prematuras e baseadas em estudos que revelavam importantes falhas metodológicas e conceptuais. Efetivamente, alguns utilizaram delineamentos retrospectivos (Parker & Asher, 1987), mas mesmo os longitudinais recorreram sucessivamente a amostras clínicas (em detrimento de normativas), a uma avaliação da retirada social através de medidas de preenchimento pelo professor, cuja validade era não só desconhecida, como também questionável e, ainda, a uma medida de externalização como variável dependente, nomeadamente a agressividade ou delinquência (Coplan & Rubin, 2008; Rubin & Coplan, 2004). Adicionalmente, quer uns,

quer outros, apresentavam uma definição conceptual pobre e pouco consistente do que se entendia por retirada social.

Assim, o estudo deste fenómeno até à década de 80 era marcado pela “*conceptual confusion, methodological difficulties, and inappropriate conclusions*” (Rubin, Hymel, & Mills, 1989, p. 240).

Paralelamente, existia a confiança numa série de teorias clássicas que reiteravam a importância das interações e das relações com os pares enquanto contexto único e fundamental para o bom desenvolvimento social, cognitivo e emocional, entre as quais se destacavam as perspectivas de Jean Piaget, Gregory Mead, Harry Stack Sullivan ou as da Aprendizagem Social.

### **A Perspectiva de Piaget.**

Piaget (1994) defendia que as relações com os pares poderiam ser diferenciadas das mantidas com os pais tanto na forma, como na função. Assim, acreditava que as primeiras, por serem mais equilibradas, simétricas e horizontais do ponto de vista hierárquico do domínio, poder e estatuto, promoveriam interações mais espontâneas, nas quais as crianças poderiam explorar ativamente as suas ideias, cognições, perspectivas e crenças. Deste modo, seriam o contexto ideal para a ocorrência de diferenças de opinião e conflitos interpessoais, que o autor via como oportunidades únicas para a emergência de processos de discussão, negociação e decisão sobre aceitar ou rejeitar as ideias dos outros.

A resolução destes conflitos deveria ocorrer a dois níveis — o individual e o interpessoal —, de modo a que as experiências sociais com os pares pudessem ser positivas e delas resultar um aumento das competências de tomada de perspectiva — isto é, da capacidade para compreender os pensamentos, sentimentos e intenções do outro —, bem como do repertório social da criança, o que lhe permitiria ser cada vez mais competente na resolução destes dilemas e disputas interpessoais.

Nesta linha de pensamento, as interações com os pares seriam, então, indispensáveis para o desenvolvimento sociocognitivo e a verdadeira base do comportamento socialmente competente que, por seu turno, permitiria o estabelecimento de relações sociais adequadas com os pares. De referir ainda que todas estas ideias teóricas têm sido comprovadas em diversos estudos empíricos realizados (i.e., Selman & Schultz, 1990).

### **A Perspectiva de Mead.**

A Teoria do Interacionismo Simbólico de Mead (1967) destacou a importância das interações com os pares nos primeiros anos de vida na emergência, desenvolvimento e organização de um sentido de *self*.

Segundo o autor, a participação em jogos e atividades estruturadas com os pares — independentemente da sua natureza cooperativa, amigável, competitiva ou conflituosa — permitiriam à criança a compreensão do *self* quer como sujeito, quer como objeto das perspectivas dos colegas. Neste processo, as crianças conseguiriam, gradualmente, conceptualizar a existência dos outros como distintos do eu e seria esta capacidade que conduziria à emergência de um sentido de *self* organizado e diferenciado do outro.

Assim, de acordo com esta teoria, as trocas sociais existentes entre o indivíduo e o grupo social, independentemente do seu contexto ou natureza, seriam essenciais para a formação de dois constructos interdependentes: o de eu e o de outro.

### **A Perspectiva de Sullivan.**

No seu modelo desenvolvimental de relações interpessoais, Sullivan (1953) acreditava que durante os períodos do pré-escolar e primeiros anos escolares (sensivelmente até aos 7 anos de idade), as crianças eram basicamente insensíveis aos pares, com as suas relações a organizarem-se, essencialmente, em torno do jogo e de atividades ou interesses comuns.

Por outro lado, o período entre os 7 e os 9 anos de idade seria marcado pela necessidade de aceitação social, isto é, os sujeitos preocupar-se-iam crescentemente com o seu lugar no grupo de pares e com um sentido de pertença ao mesmo. Segundo o autor, aqueles que não conseguissem esta aceitação ou fossem mesmo rejeitados pelos colegas, estariam em risco de desenvolverem uma série de problemas psicossociais, nomeadamente sentimentos de solidão.

Já na pré-adolescência (9-12 anos), Sullivan realçou a importância do estabelecimento de relações de melhor amizade com um par do mesmo género — a que chamou de “*chumships*” —, nas quais os sujeitos pudessem experienciar trocas baseadas na reciprocidade, intimidade, lealdade, validação e companheirismo. Deste modo, seriam fundamentais para o bem-estar psicológico dos jovens, para o desenvolvimento não só de um sentido de identidade, como também de uma segurança narcísica e, ainda, uma importante base de aquisição de competências interpessoais essenciais para o estabelecimento de futuras relações de amizade e amorosas com pessoas do género oposto.

### **Teoria da aprendizagem social.**

Nesta perspectiva defende-se que as crianças aprendem sobre o mundo social, e como se comportar adequadamente nele, através de três processos: orientações tutelares específicas dos outros que lhes são significativos; observação do comportamento dos que as rodeiam; mecanismos de reforço dos comportamentos competentes, adaptativos e culturalmente valorizados e punição dos indesejados e desajustados (Bandura & Walters, 1963; Bandura, 1977).

Mas, de acordo com esta teoria, não seriam só os pais ou outros adultos significativos (familiares, professores, entre outros) com esta capacidade socializadora: os próprios pares tê-la-iam e poderiam exercê-la de forma direta — reconhecendo e valorizando os comportamentos e padrões de ação que estivessem de acordo com as suas normas, e ignorando ou mesmo punindo aqueles que fossem desviantes ou incoerentes com as mesmas — ou indireta — observando que comportamentos dos outros são reforçados ou desencorajados (Bandura & Waters, 1963).

Todas estas teorias e respetivo suporte empírico evidenciado em diversos estudos ao longo dos anos (ver Rubin, Bukowski, & Parker, 2006 para uma revisão aprofundada) realçam a importância que as interações e relações sociais com os pares assumem no desenvolvimento da competência social (que potenciará interações positivas com os pares e o estabelecimento de relações de amizade), da identidade, de um autoconceito positivo, ou, ainda, de um bem-estar psicológico, isto é, salientam todos os seus contributos para um bom desenvolvimento social, sociocognitivo e emocional (Rubin, Bowker, & Gazelle, 2010).

Contudo, ao destacarem-se todos os seus benefícios, legitimou-se igualmente a questão sobre o que aconteceria aos sujeitos que, por qualquer motivo, não interagissem, evitassem ou se retirassem da companhia dos outros, perdendo assim todas as vantagens da interação social: qual seria o seu impacto no desenvolvimento e ajustamento psicossocial destes indivíduos?

### **Definição de Retirada Social**

Com base nesta questão que orientou toda a investigação realizada no âmbito do *Waterloo Longitudinal Project*, o primeiro desafio que se colocou foi definir, de forma concreta e objetiva, o que se entendia por retirada social, tanto ao nível da nomenclatura a utilizar — na medida em que os termos “retirada social”, “isolamento”, “timidez”, “inibição” ou “renitência social” eram usados indistintamente para representar um mesmo fenómeno —, como a nível conceptual (Coplan & Rubin, 2008).

Por outro lado, questionava-se ainda se todos os sujeitos que se mantêm à margem do grupo de pares poderiam ser considerados iguais, isto é: teriam todos os mesmos comportamentos? E os mesmos motivos ou fatores desencadeantes para esta falta de interação social? E o mesmo funcionamento e riscos de futuro desajustamento psicossocial?

Rubin (1982) propôs inicialmente uma importante distinção entre os fenômenos do isolamento ativo e o da retirada social. Assim, o primeiro remete para o processo segundo o qual os sujeitos são mantidos à margem do grupo porque os pares não querem interagir com eles (Rubin, 1982), ou seja, é o próprio grupo de pares que rejeita/exclui o sujeito, provavelmente devido aos seus comportamentos sociais desadequados — como a imaturidade, a agressividade ou a impulsividade (i.e., Rubin, Lemare, & Lollis, 1990; Rubin Hymel, & Mills, 1988; Rubin *et al.*, 2006). Já a Retirada Social refere-se ao processo pelo qual é o próprio sujeito que se isola e retira da interação com o grupo de pares, de forma recorrente e consistente ao longo de diferentes situações, contextos e tempo (Coplan & Rubin, 2008; Rubin, 1982; Rubin & Asendorpf, 1993; Rubin & Coplan, 2004; Rubin, Coplan, & Bowker, 2009).

Apesar desta definição genérica, Rubin & Coplan (2004) defendem que o conceito de Retirada Social é complexo e multifacetado, encerrando diferentes definições, causas e motivações para a inexistência de interação social, bem como diferentes trajetórias de adaptação psicossocial.

Asendorpf (1990) propôs que estas distinções poderiam ser melhor compreendidas à luz das motivações para a aproximação ou evitamento, num raciocínio semelhante ao defendido pelas Teorias da Personalidade Clássicas que consideravam existir três orientações possíveis em relação aos outros: “*moving towards, against or away from the others*” (Caspi, Elder, & Bem, 1988, p.824).

Dentro desta lógica, uma elevada motivação de aproximação e baixa de evitamento seria característica, quer dos sujeitos ativamente isolados pelo grupo de pares, quer dos mais sociáveis, residindo a diferença entre estes dois grupos no grau de competência e sucesso social de cada um.

Os restantes três quadrantes remeteriam para a retirada social, nas suas três faces distintas: o retraimento, o desinteresse e o evitamento social.

### **Retraimento social.**

Recorrendo à mesma linha de pensamento, estes sujeitos caracterizar-se-iam por terem elevadas motivações de aproximação e evitamento, ou seja, por quererem muito interagir com os outros, mas, paradoxalmente, evitarem-no fortemente (Asendorpf, 1990; 1993; Rubin & Coplan, 2004), de modo a conseguir reduzir a timidez, a ansiedade e o medo de poderem vir a ser rejeitados ou avaliados negativamente (Rubin & Burgess, 2001). Ao fazê-lo, perdem oportunidades para desenvolver cognições e competências sociais adequadas, ficando crescentemente ansiosos e desconfortáveis na presença dos pares (Rubin & Burgess, 2001).

A literatura tem designado este fenómeno por “*Shyness*” ou “*Shyness-sensitivity*” (Chen, He, De Oliveira, Lo Coco, Zappulla, Kaspar *et al.*, 2004), “*Passive-Anxious Withdrawal*” (Harrist, Zaia, Bates, Dodge, & Pettit, 1997), “*Anxious-withdrawal*” (Oh *et al.* 2008) ou “*Anxious-solitude*” (Gazelle & Ladd, 2003) e demonstrado empiricamente a sua estabilidade ao longo do tempo (i.e. Fordham & Stevenson-Hinde, 1999), bem como fortes associações com dificuldades de internalização (baixa autoestima, ansiedade ou sintomatologia depressiva), de relação com os pares (rejeição, exclusão e vitimização) e escolares, desde a infância até à adolescência (i.e. Bowker & Raja 2011; Coplan & Armer, 2005; Coplan, Rose-Krasnor, Weeks, Kingsbury, Kingsbury, & Bullock, 2013; Crozier, 1995; Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004; Prior *et al.*, 2000), particularmente para os rapazes (i.e., Caspi *et al.*, 1988; Coplan, Closson, & Arbeau, 2007; Gazelle & Ladd, 2003; Morison & Masten, 1991; Stevenson-Hinde & Glover, 1996).

### **Desinteresse social.**

Por outro lado, existem também aqueles sujeitos que revelam uma baixa motivação para socializar com os outros (habitualmente porque preferem atividades solitárias), mas, ao contrário dos primeiros, não a evitam, se considerarem a proposta de interação suficientemente atrativa e interessante (Asendorpf, 1990; Coplan, Prakash, O’Neil, & Armer, 2004). Ou seja, são indivíduos com baixas motivações de aproximação, mas também de evitamento que, quando optam por interagir com os outros, revelam competências sociais adequadas (Asendorpf, 1990; Coplan *et al.*, 2004).

Habitualmente designada por “*Unsociability*” (Asendorpf, 1993) ou “*Social Disinterest*” (Coplan *et al.*, 2004), esta forma de retirada social não só é facilmente distinguida do retraimento social por pais, professores e colegas (i.e. Coplan *et al.*, 2004; Arbeau & Coplan, 2007; Coplan, Girardi, Findlay, & Frohlick, 2007), como não parece estar

associada a dificuldades de ajustamento socio-emocional na infância (Harrist *et al.*, 1997; Rubin & Asendorpf, 1993), idade escolar (i.e., Coplan & Weeks, 2010) ou adolescência (i.e., Bowker & Raja 2011). Alguns autores têm proposto que as razões para estes sujeitos não apresentarem os riscos comumente associados à solidão são, não só o facto de conseguirem ter a quantidade e qualidade suficiente de interações com os pares (Bowker & Raja 2011), como também não exibirem sinais visíveis de ansiedade ou medo (i.e. Coplan & Weeks, 2010).

### **Evitamento social.**

Finalmente, seriam incluídos na terceira face da retirada social todos os sujeitos que, não só preferissem a solidão — isto é, com baixa motivação de aproximação —, como evitassem ativamente e fortemente qualquer interação com os pares, sem revelar nenhum dos sinais de ambivalência exibidos pelos retraídos (Asendorpf, 1990).

Asendorpf (1990) especulou que estas crianças estariam em grande risco de desajustamento social e emocional, mas poucos são os estudos que têm incidido sobre o evitamento social. Ainda assim, Coplan, Wilson, Frohlick, & Zelenski (2006) relataram que estes sujeitos eram os que apresentavam maior afeto negativo e mais sintomas depressivos, bem como os menores níveis de afeto positivo e bem-estar psicológico.

Uma série de estudos realizados em diferentes culturas (ocidentais e orientais) têm atestado empiricamente que o constructo da retirada social é, de facto, lato, complexo e multidimensional, tanto na infância como na adolescência (i.e., Bowker & Raja 2011; Coplan *et al.* 2004; Coplan & Weeks, 2010; Kim, Rapee, Oh, & Moon, 2008), no sentido em que poderá ser consequência de diferentes razões — medo e ansiedade, baixa motivação de aproximação aos outros e preferência por estar só, ou, ainda, forte evitamento de qualquer interação com os pares —, com cada uma destas diferentes faces a associar-se a diferentes riscos e trajetórias desenvolvimentais (i.e., Coplan & Armer 2007; Bowker & Raja 2011).

Contudo, a grande maioria dos instrumentos de avaliação disponíveis não permite a diferenciação entre estes diferentes tipos de retirada social, operacionalizando-a apenas como a remoção própria, recorrente e continuada da interação com o grupo de pares, independentemente da motivação subjacente (Rubin, 1982; Rubin & Asendorpf, 1993; Rubin & Coplan, 2004; Rubin *et al.*, 2009).

## **Instrumentos de Avaliação da Retirada Social**

Com base nesta definição conceptual, diversos instrumentos foram criados de modo a poder medir e avaliar o fenómeno da retirada social. Entre eles, destacam-se medidas de observação do comportamento, instrumentos para professores, pais e pares.

Entre muitas outras medidas de observação (i.e. Kagan, Reznick, Clarke, Snidman, & Garcia-Coll, 1984; Rubin, Hastings, Stewart, Henderson, & Chen, 1997), destaca-se o *Play Observational Scale* (Rubin, 1982; Rubin, 2001), fundamental ao longo da história da investigação desta problemática e um dos poucos instrumentos que permitiram atestar a heterogeneidade dos comportamentos e jogo não social das crianças. Diferentes investigações (i.e. Coplan, 2000; Coplan, Rubin, Fox, Calkins, & Stewart, 1994; Hart *et al.*, 2000) têm confirmado a existência de três tipos de padrões distintos: comportamento renitente (“*reticent behavior*”) — típico do retraimento social e objetivado pelo facto de as crianças passarem longos períodos de tempo desocupadas a observar os colegas —, jogo solitário ativo (“*solitary-active play*”) — em que as crianças realizam atividades funcionais ou dramáticas, mas sem a companhia de outras, o que parece ser indicador do isolamento promovido pelo grupo de pares — e, ainda, jogo solitário passivo (“*solitary-passive play*”) — no qual as crianças preferem atividades solitárias de construção ou exploração, manifestando assim o seu desinteresse social.

Também diversas medidas destinadas aos professores têm sido utilizadas, procurando aferir diferentes aspetos do comportamento e jogo não social no pré-escolar — i.e. *Preschool Play Behavior Scale* (Coplan & Rubin, 2008) ou o *Teacher Behavior Rating Scale* (Hart *et al.*, 2000) —, ou dos comportamentos de retirada e ansiedade social em idade escolar — i.e., o *Child Behavior Scale* (Ladd & Profilet, 1996).

Recorreu-se ainda a medidas de preenchimento pelos pais, sobretudo para avaliar disposições temperamentais na reação a estímulos novos (sociais e não sociais), níveis de timidez — i.e. *Colorado Child Temperament Inventory* (Rowe & Plomin, 1977) ou o *Child Behavior Questionnaire* (Rothbart, 1996 cit. por Coplan & Rubin, 2008) — ou, ainda, para distinguir entre o retraimento e o desinteresse social — i.e., o *Child Social Preference Scale* (Coplan *et al.*, 2004). Este último tem sido testado e validado para diferentes idades e realidades culturais, tendo sido recentemente adaptado para ser também um instrumento de avaliação por parte dos pares (i.e., Bowker & Raja, 2011).

Ainda assim, Coplan & Rubin (2008) defendem que “*despite the plethora of available measures, the methodology for assessing social withdrawal and its related constructs has tended to ‘lag behind’ the theoretical and conceptual advances made in this area over the last*

15 years” (p.10), na medida em que poucos instrumentos conseguem distinguir as diferentes faces da retirada social e a maioria dos que existem foram concebidos para avaliar este fenómeno na infância — como atesta a proporção consideravelmente menor de estudos na adolescência.

Efetivamente, todas as transformações biológicas, cognitivas e, sobretudo, sociais que caracterizam a adolescência tornam difícil a aplicação de muitas destas medidas — da observação à dos pais, passando pelas dos professores —, uma vez que as interações entre os pares passam a decorrer numa multiplicidade de contextos e numa intimidade pouco acessíveis a adultos (i.e. Gifford-Smith & Brownell, 2003).

Assim, o método mais utilizado no estudo da retirada social para lá da infância tem sido as nomeações de pares e, mais concretamente, o *Class Play*, nas suas diferentes versões (Lambert & Bower, 1961 cit. por. Masten, Morison, & Pellegrini, 1985; Burgess, Rubin, Wojslawowicz Bowker, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2003; Menzer, Oh, McDonald, Rubin, & Dashiell-Aje, 2010). De forma geral, neste instrumento pede-se aos sujeitos que indiquem o(s) colega(s) que melhor personifica(m) uma série de papéis ou descrições comportamentais de natureza variada, como manifestações de agressividade, retirada social, vitimização ou comportamento prosocial.

Este é um método que apresenta diversas vantagens. Desde logo, cumpre um dos princípios básicos de qualquer método sociométrico: a confiança que cada elemento de um dado grupo está preparado para avaliar outro colega em diferentes domínios — seja o comportamento, a aceitação, o estatuto, a reputação social, ou qualquer outro —, na medida em que estes constructos apenas se definem na relação entre o indivíduo e o grupo de referência (Moreno, 1934). Depois, confia em vários informadores — os diferentes colegas — e que estes, que partilham uma história de múltiplas interações em diversos contextos com os sujeitos, são os melhores conhecedores dos seus comportamentos sociais e aqueles que determinam, em última análise, a sua integração, estatuto e reputação social (Hymel & Rubin, 1985). Finalmente, é um procedimento que tem sido eficazmente utilizado em diferentes culturas (i.e. Casiglia, Lo Coco, & Zappulla, 1998; Chen, Rubin, Li, & Li, 1999; Menzer, Oh, McDonald, Rubin, & Dashiell-Aje, 2010).

Contudo, o facto de a reputação social tender para a estabilidade poderá ser encarado como uma potencial desvantagem deste procedimento, uma vez que as avaliações dos colegas poderão estar, de algum modo, enviesadas. Efetivamente, um sujeito pode ter já cessado ou modificado um determinado comportamento social, mas a sua reputação tende a permanecer e a resistir à mudança (Hymel, Wagner, & Butler, 1990), algo particularmente evidente nas

manifestações de agressividade (i.e., Moskowitz *et al.*, 1985). Adicionalmente, este instrumento não permite a diferenciação da retirada social nas suas várias componentes.

### **Evolução do Class Play.**

O *Revised Class Play* (Masten *et al.*, 1985) é uma extensão do *Class Play* que, na sua versão original, evidenciou estabilidade a curto-prazo, bem como validade concorrente — correlacionando-se com desajustamento emocional e comportamental — e preditiva — antecipando de forma mais precisa do que os autorrelatos, relatos dos professores ou desempenho académico futuras dificuldades académicas e psicopatológicas.

Ainda assim, Masten *et al.* (1985) procuraram desenvolver um método de avaliação da reputação social que: **a)** revelasse melhores propriedades psicométricas; **b)** pudesse distinguir diferentes dimensões da reputação social, incluindo também os seus aspetos positivos (que se encontravam pouco representados na versão original); **c)** explorasse melhor as relações entre estas dimensões e outras medidas de competência académica; **d)** analisasse a relação entre a reputação social e padrões de competência ou desajustamento sociais.

Deste modo, os autores criaram esta nova versão do *Class Play* — o *Revised Class Play* (RCP) —, introduzindo algumas modificações na estrutura, no conteúdo e na forma de aplicação. Assim, a nova medida passou a ser composta por 30 papéis — 15 de valência negativa e 15 de valência positiva —, de modo a não só incluir aspetos positivos da competência social, como também a criar uma bipolaridade nos atributos sociais descritos. Para evitar possíveis enviesamentos na avaliação dos professores e dos pares, foram retirados os itens relativos à competência académica ou intelectual, enquanto outros foram simplificados. Finalmente, foi anexada uma lista de todos os membros da turma, procurando facilitar a inclusão de todos os colegas (Masten *et al.*, 1985).

Com base numa amostra composta por 612 sujeitos, alunos entre o 3º e o 6º anos de escolaridade, os autores realizaram uma análise fatorial de componentes principais com rotação varimax que revelou uma estrutura de 3 dimensões ortogonais que explicavam 64% da variância total. Todos os itens positivos saturaram substancialmente no primeiro fator — designado por Sociabilidade-Liderança (*Sociability-Leadership*) —, enquanto os itens negativos dividiram-se nos restantes fatores, denominados de Agressivo-Disruptivo (*Aggressive-Disruptive*) e Sensível-Isolado (*Sensitive-Isolated*).

Esta estrutura fatorial foi confirmada numa segunda amostra independente e em análises separadas para género e ano escolar, tendo revelado boa consistência interna ( $\alpha$  entre .85 e .95) e estabilidade ao longo do tempo (Morison & Masten, 1991). Adicionalmente, os

três fatores apresentaram correlações entre si de muito fracas a moderadas — sugerindo tratarem-se de constructos relativamente independentes — e associações com medidas de adaptação psicossocial na adolescência (Morison & Masten, 1991).

Contudo, investigações realizadas em diferentes contextos culturais — por exemplo China (Chen *et al.*, 1992) ou Itália (Casiglia *et al.*, 1998) — revelaram não só uma inadequação da estrutura de três fatores proposta por Masten e colaboradores (1985), como também a existência de modelos distintos para cada realidade considerada, realçando assim a importância e necessidade de se considerar a especificidade cultural no estudo da reputação social. Também Zeller, Vannatta, Schafer, & Noll (2003) não obtiveram suporte empírico para esta estrutura original numa análise fatorial confirmatória, o que os levou a defenderem a necessidade de se discriminar melhor os diferentes comportamentos sociais.

Deste modo, a partir do *RCP* (Masten *et al.*, 1985), Burgess *et al.*, 2003 desenvolveram uma nova versão, mais longa, que pudesse concretizar esta melhor diferenciação entre os vários comportamentos sociais listados.

Assim, acrescentaram 10 novos itens, com o objetivo de melhor captar diferentes tipos de agressão e isolamento social, bem como avaliar a vitimização pelos pares. Mais especificamente, foram adicionados dois itens relativos à Agressão (e.g. “*Espalha boatos sobre os outros para que os colegas deixem de gostar deles*”), procurando distinguir diferentes tipos de agressividade: física, relacional e verbal. Acrescentaram-se igualmente cinco itens relativos ao Isolamento Social (e.g. “*Fala pouco, fala baixo*”), de modo a poder diferenciar dois fenómenos conceptualmente distintos: o da retirada social **do** grupo de pares e o do isolamento ativo promovido **pelo** grupo de pares. Por último, foram adicionados três itens que pudessem captar comportamentos de Vitimização (e.g. “*É frequentemente ofendido/insultado*”).

Com base numa amostra de estudantes dos 5º e 6º anos de escolaridade, uma análise exploratória de componentes principais com rotação varimax deduziu a existência de cinco fatores ortogonais (Burgess *et al.*, 2003; Burgess, Wojslawowicz Bowker, Oh, Rubin, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2004): Agressividade (9 itens;  $\alpha = .91$ ); Timidez/ Retirada social (6 itens;  $\alpha = .82$ ); Vitimização/ Exclusão (8 itens;  $\alpha = .87$ ); Comportamento prosocial (6 itens;  $\alpha = .82$ ); Sociabilidade (5 itens;  $\alpha = .87$ ). Refira-se que, dos dez itens adicionados por Burgess *et al.* (2003), sete não foram incluídos na estrutura final de cinco fatores, por apresentarem pesos fatoriais inconsistentes.

O *Extended Class Play (ECP)* revelou fiabilidade, validade e estabilidade em diferentes momentos de avaliação, com recurso a uma amostra normativa de 827 crianças que

frequentavam o 5º ano de escolaridade (Burgess *et al.*, 2003). Este modelo foi posteriormente suportado por uma análise fatorial confirmatória —  $\chi^2 = 2196.47$ ,  $df = 395$  ( $p < .001$ ), CFI = .86, RMSEA = .08, e SRMR = .09 (Burgess *et al.*, 2003; 2004) — e, desde então, tem-se revelado válido não só em diferentes estudos (i.e., Wojslawowicz Bowker, Rubin, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2006), como também em diferentes realidades culturais (i.e., Menzer *et al.*, 2010).

Ainda assim, mais recentemente, alguns autores têm procurado separar o fator da Vitimização/ Exclusão em duas dimensões distintas (e.g. Menzer *et al.*, 2010). De facto, e apesar de ambas estarem associadas a desajustamento futuro (e.g. Gazelle & Rudolph, 2004), o fenómeno da vitimização consiste em ser alvo de agressividade física ou verbal por parte dos pares (Buhs, Ladd, & Herald-Brown, 2010), enquanto o da exclusão diz respeito a comportamentos de rejeição que passam pelo evitar, ignorar ou mesmo excluir ativamente os sujeitos das atividades do grupo (Gazelle & Ladd, 2003).

Assim, foi proposto um modelo composto por seis fatores: Agressividade (9 itens;  $\alpha = .91$ ); Timidez/ Retirada social (6 itens;  $\alpha = .81$ ); Comportamento prosocial (6 itens;  $\alpha = .82$ ); Sociabilidade (5 itens;  $\alpha = .87$ ); Vitimização (3 itens;  $\alpha = .91$ ); e Exclusão (3 itens;  $\alpha = .90$ ). Nesta nova estrutura, dois itens anteriormente pertencentes ao fator Vitimização/ Exclusão foram excluídos (“*É facilmente melindrável ou ofendido*”; “*Habitualmente está triste*”) por não caracterizarem particularmente bem qualquer um dos fenómenos (Menzer *et al.*, 2010).

A evolução registada ao nível do instrumento justificaria, por si só, que se continuasse a averiguar a sua adequação, validade e fiabilidade em diferentes realidades sociais. Adicionalmente, diversos estudos têm atestado a variabilidade na avaliação do comportamento social consoante o contexto cultural, o género ou a idade considerados.

De facto, e relativamente ao contexto cultural, tem-se concluído que os comportamentos prosociais na interação com pares e pais (i.e., ajudar, partilhar, apoiar, entre outros) são mais prevalentes nas culturas orientais do que nas ocidentais, enquanto a agressividade (física, verbal ou relacional) se encontra mais presente nestas últimas (i.e., Chen, Chung, & Hsiao, 2009). Por outro lado, os trabalhos de Chen e colaboradores (i.e., Chen *et al.*, 1992; 1999) concluíram que o comportamento de retirada social, francamente desencorajado e associado a risco de futuro desajustamento psicossocial nas culturas ocidentais, é não só aceite, como também valorizado por pais, professores e pares e, ainda, positivamente associado com competência e aceitação social, bem como com sucesso académico na cultura chinesa.

A investigação tem demonstrado igualmente a existência de diferenças no funcionamento e na aceitação de determinados comportamentos sociais consoante o género considerado. Efetivamente, os rapazes parecem estar mais preocupados com o seu estatuto social no grupo de pares, enquanto as raparigas procuram a afiliação em pequenos grupos nos quais a intimidade é maior (i.e., Rubin *et al.*, 2006; Rose & Smith, 2009). De igual modo, a agressividade parece ser mais aceitável nos rapazes (Rose & Smith, 2009), enquanto a retirada social é mais tolerada para o género feminino, acarretando menos riscos de ajustamento futuro (i.e., Rubin *et al.*, 2009) — ainda que estes resultados provenham essencialmente de estudos realizados com crianças, existindo muito menos evidência conclusiva quando se foca a adolescência (i.e., Gazelle & Rudolph, 2004) ou outras culturas que não a norte-americana.

Finalmente, poucos estudos procuraram evidência empírica para medidas de reputação social em diferentes grupos de idade ou se focaram especificamente na adolescência e o que os fizeram, não só utilizaram apenas o *RCP*, como não encontraram suporte empírico para a estrutura fatorial proposta (i.e., Luthar & McMahon, 1996; Zeller *et al.*, 2003).

Assim, são vários os fatores que justificam a contínua investigação sobre este instrumento, de modo a garantir a sua adequação às diferentes realidades culturais e faixas etárias sob estudo.

### **Modelo Etiológico da Retirada Social**

Com base nas diversas investigações realizadas no âmbito do *Waterloo Longitudinal Project* e respetivas conclusões, Rubin e colaboradores (i.e., Rubin *et al.*, 2009) procuraram definir o modelo etiológico da retirada social e as complexas relações transacionais que se estabelecem entre biologia e ambiente ao longo do desenvolvimento.

Preconiza-se que a inibição comportamental tem uma origem biológica, ou seja, o modelo começa com as características disposicionais do recém-nascido, concretamente com o facto de este ter um baixo limiar de excitação (ou hipersensibilidade) quando confrontado com estimulação e novidade social (e não-social). De facto, diversas investigações têm demonstrado, de forma consistente, a existência de diferenças biológicas e fisiológicas entre bebés e crianças inibidas e os seus colegas ao nível da excitabilidade da amígdala e respetiva ativação do circuito do medo (i.e. Fox, Henderson, Marshall, Nichols, & Gera, 2005; Marshall & Stevenson-Hinde, 2001), do tom vagal — responsável pela reatividade à novidade e capacidade de regular o nível de excitação (i.e. Anderson, Bohlin, & Hagekull, 1999; Fox, Henderson, Rubin, Clakins, & Schmidt, 2001) — e, ainda, do funcionamento hormonal

adrenocortical, concretamente nos níveis de cortisol, uma hormona de stress (i.e. Schmidt, Fox, Rubin, & Sternberg, 1997).

Esta disposição biológica faz com que estes bebés sejam extremamente difíceis de acalmar e confortar e, assim, em algumas circunstâncias, os pais podem sentir estas características como aversivas e revelar dificuldades para lidar com estes e responder-lhes adequadamente. Assim, em situações de tensão e *stress* com um bebé ansioso e facilmente excitável, os pais podem reagir com a crença de que ele é vulnerável e que, por isso, necessita de proteção (i.e., Rubin, Root, & Bowker, 2010). Por conseguinte, adoptam um estilo parental superprotetor, intrusivo e sobresolícito (i.e. Barber, Olsen, & Shagle, 1994; Rubin, Burgess, & Hastings, 2002; Rubin, Cheah, & Fox, 2001; Rubin, Nelson, Hastings, & Asendorpf, 1999), restringindo a sua independência e dirigindo os seus comportamentos.

A conjugação destes fatores endógenos, de socialização e de relações precoces podem, em condições contextuais negativas (i.e., baixos recursos financeiros, fraca rede de suporte, discórdia e insatisfação conjugal ou psicopatologia parental), levar ao estabelecimento de relações de vinculação inseguras (Rubin, Burgess, Kennedy Root & Stewart, 2003).

O “sentimento de segurança” (Sroufe & Waters, 1977) é um constructo central no desenvolvimento socio-emocional, na medida em que promove a confiança para a exploração do meio, da qual deriva a competência social. Crianças que desenvolvem, pelo contrário, modelos internos dinâmicos inseguros das relações sociais, encaram o mundo como imprevisível, desconfortável e não-responsivo (Bowlby, 1969; Cassidy, 1999; Lieberman, Doyle, & Markiewicz, 1999; Sroufe, 1983), o que as faz retraírem-se da exploração do seu meio social (Dykas, Ziv, & Cassidy, 2008). Por esta razão, parece existir uma associação conceptual entre um padrão de vinculação “C” — inseguro-ambivalente — e a retirada social (i.e. Calkins & Fox, 1992), na medida em que estas crianças procuram evitar o medo da rejeição pela adoção de um comportamento passivo, dependente ou de fuga da interação social (i.e., Rubin & Burgess, 2001; Rubin *et al.*, 2009).

Assim, o temperamento da criança, ligado ao sentimento de insegurança, conduzem-na a uma trajetória desenvolvimental de inibição comportamental, impeditiva da experiência dos aspetos positivos da interação e exploração social e, conseqüentemente, do desenvolvimento de competências e cognições sociais adequadas. Deste modo, é previsível que, ao longo do tempo, se torne cada vez mais assustada, ansiosa e isolada do grupo (Rubin *et al.*, 2003).

Esta retirada social torna-se, com a idade, gradualmente mais saliente para o grupo de pares, que o passa a representar como desviante a partir da idade escolar (i.e., Younger,

Schwartzman, & Ledingham, 1985), o que leva ao estabelecimento da rejeição e, também, da exclusão e vitimização por parte dos colegas (i.e., Rubin *et al.*, 2009).

Assim, é cada vez mais difícil a vivência de interações sociais normativas que promovam o desenvolvimento de competências sociocognitivas e, em última análise, de sentimentos e pensamentos positivos sobre si próprio, sobre as suas aptidões sociais e também sobre as relações de pares (Rubin *et al.*, 2003).

Os pais da criança retirada, ao assistirem ao agravamento das suas dificuldades e do seu desamparo, podem tentar direcionar cada vez mais os comportamentos sociais do filho de uma forma autoritária, dizendo-lhe o que fazer, como agir ou até resolvendo por eles os vários dilemas interpessoais (i.e., Burgess, Rubin, Cheah, & Nelson, 2001). Assim, a perpetuação deste estilo parental excessivamente controlador e envolvido resulta na manutenção e exacerbação das dificuldades intra e interpessoais da criança socialmente retirada, uma vez que é impeditivo do desenvolvimento de estratégias de *coping* adequadas ou de um sentido de auto-eficácia (Rubin & Burgess, 2002; Rubin, Burgess, & Coplan, 2002; Rubin, Burgess e Hastings, 2002). A associação entre este estilo parental e a retirada social tem sido demonstrada em diversos estudos, da infância à pré-adolescência (i.e., Kennedy Root, & Rubin, 2009)

A conjugação e interação entre esta grande constelação de variáveis — as disposições biológicas, as crenças e práticas parentais desajustadas, o estabelecimento de uma relação de vinculação insegura, a inibição comportamental e a crescente rejeição, exclusão e vitimização por parte do grupo de pares — terá uma série de consequências negativas na trajetória desenvolvimental destes sujeitos.

### **Consequências Desenvolvimentais**

*“Clinical and applied developmental psychologists have long suggested that extremely shy and withdrawn children may be ‘at risk’ for later difficulties”* (Caspi *et al.*, 1988, p. 829) e a literatura das últimas décadas tem comprovado que a retirada social se associa concorrente e preditivamente a uma série de dificuldades nos domínios individual, académico e social (i.e., Rubin *et al.*, 2009).

Relativamente ao primeiro, diferentes estudos têm demonstrado que crianças socialmente retiradas de idade pré-escolar apresentam, comparativamente com os seus colegas, mais problemas de internalização. De forma mais concreta, revelam maior sintomatologia ansiosa e depressiva, mais sentimentos de solidão e, ainda, perceções mais negativas sobre si próprias, sobre a sua competência e relações sociais (i.e., Coplan *et al.*,

2004; Hymel, Rubin, Rowden, & LeMare, 1990; Hymel, Bowker, & Woody, 1993; Rubin, Chen, & Hymel, 1993; Rubin *et al.*, 2003, 2009).

Como vimos anteriormente, estas dificuldades de internalização tendem a agravar-se com a idade, na medida em que as noções e conceptualização da retirada social como comportamento desviante aumentam da idade escolar até à pré-adolescência (i.e., Asendorpf, 1990; Younger & Boyko, 1987; Younger *et al.*, 1985). De facto, Younger e colaboradores (1985; 1987) comprovaram empiricamente que, se na infância elas são limitadas e instáveis, no início da idade escolar a remoção da interação social começa a ser crescentemente saliente e reconhecida pelos pares e pelos próprios sujeitos como desviante relativamente ao comportamento social normativo, aumentando fortemente a estranheza e a estigmatização entre os 7 e os 12 anos de idade (Younger & Piccinin, 1989).

Dentro desta linha de pensamento, não é de estranhar que, ao longo do desenvolvimento, a retirada social se correlacione de forma cada vez mais significativa com os problemas de internalização descritos, tanto na idade escolar (i.e. Boivin & Hymel, 1997; Boivin, Hymel, & Bukowski, 1995; Gazelle & Ladd, 2003; Rubin, Chen, & Hymel, 1993; Rubin, Chen, McDougall, Bowker, & McKinnon, 1995), como na adolescência (i.e. Gazelle & Rudolph 2004; Prior *et al.*, 2000; Rubin *et al.* 1995; Schwartz, Snidman, & Kagan, 1999).

Por outro lado, o fenómeno da retirada social também tende a ser relativamente estável não só ao longo do tempo (i.e. Rubin *et al.*, 1995; Schneider, Richard, Younger, & Freeman, 2000; Schwartz *et al.*, 1999), como também em diferentes contextos (Schneider *et al.*, 2000; Schneider, Younger, Smith, & Freeman 1998). Esta mesma estabilidade foi demonstrada empiricamente entre os períodos da infância e idade escolar (i.e., Hymel *et al.* 1990; Rubin, Hymel, & Mills, 1989), entre esta e a adolescência (i.e., Rubin *et al.*, 1995; Schneider *et al.*, 1998) e até à jovem adultícia (i.e., Caspi, Harrington, Milne, Amell, Theodore, & Moffitt, 2003), particularmente para os sujeitos que apresentavam valores mais elevados de retirada social. De facto, e a título de exemplo, Rubin (1993) demonstrou que aproximadamente dois terços de crianças extremamente retiradas mantinham a sua reputação social entre os 5 os 11 anos de idade.

Deste modo, também não é de estranhar que a investigação longitudinal tenha demonstrado igualmente que os níveis de retirada social na infância preveem não só problemas de internalização na adolescência (i.e., Boivin *et al.*, 1995; Gazelle & Rudolph 2004; Rubin *et al.* 1995), mas também atrasos nas tarefas desenvolvimentais normativas da adultícia, concretamente o matrimónio, a parentalidade ou a estabilidade profissional (Caspi, *et al.*, 1998; Asendorpf, Denissen, & van Aken, 2008).

Mas os problemas dos sujeitos socialmente retirados estendem-se igualmente ao domínio escolar, com diferentes estudos a evidenciarem dificuldades no aproveitamento acadêmico, tendência para a recusa e mesmo evitamento em ir à escola, bem como relações de pior qualidade e maior dependência com os professores (i.e., Coplan, Gavinski-Molina, Lagace-Seguin, & Wichmann, 2001; Coplan & Prakash, 2003; Hart *et al.*, 2000; Ladd & Burgess, 1999; Ollendick, Greene, Weist, & Oswald, 1990; Rubin, *et al.* 1993; Wentzel, Barry, & Caldwell, 2004). Tudo isto os leva, frequentemente, a um abandono escolar precoce ou a menores habilitações literárias quando comparados com os seus colegas (i.e., Asendorpf *et al.*, 2008).

Finalmente, também as relações sociais das crianças e jovens socialmente retirados são marcadas por enormes dificuldades em todos os seus níveis de complexidade (Hinde, 1987), como veremos de seguida.

### **Relações Sociais**

A literatura tem demonstrado, de forma consistente, a importância que as experiências com os pares assumem no desenvolvimento, funcionamento e bem-estar psicossocial dos sujeitos, da infância à adultícia (i.e., Piaget, 1994; Sullivan, 1953; Cairns & Cairns, 1994; Rubin, *et al.*, 2006; Rubin, Bukowski, & Laursen, 2009).

Robert Hinde (1987) defende que a compreensão das relações com os pares poderá ser facilitada pela consideração de diferentes níveis de complexidade — individual, interacional, relacional e grupal —, que se encontram intimamente ligados, na medida em que cada nível influencia e é influenciado pelos restantes.

Assim, o autor defende que cada sujeito possui características próprias e distintivas que influenciam a natureza das trocas sociais que terá com os seus pares, nomeadamente traços temperamentais, uma história de relação com os seus pais ou um repertório pessoal de competências sociais.

O encontro com um outro par — também ele com as suas particularidades —, proporcionará uma interação social que variará sempre de acordo com as características dos atores sociais presentes, com a dinâmica que estabelecem entre si e com o contexto e estágio do desenvolvimento em que ocorrem. Por exemplo, na adolescência, comparativamente com a infância, estas interações com os pares tornam-se mais complexas, diferenciadas, íntimas e prolongadas no tempo (i.e., Gifford-Smith & Brownell, 2003; Rubin *et al.*, 2006; Sullivan, 1953). Assiste-se, ainda, a uma crescente aceitação social do comportamento agressivo e antissocial (i.e., Bukowski, Sippola, & Newcomb, 2000) que passam a estar associados à

popularidade, sobretudo se e quando acompanhados de outros de cariz mais prosocial e de liderança (Hawley, 2003).

Uma série de interações poderá levar ao estabelecimento de uma relação entre dois indivíduos, cuja natureza depende, uma vez mais, das características individuais dos sujeitos e da natureza, quantidade e qualidade das interações existentes entre ambos (i.e., Parker & Asher, 1993; Rubin, Root, & Bowker, 2010). Apesar de baseada nas interações passadas, o tipo de relação construída permite, igualmente, a elaboração de expectativas quanto às que ocorrerão no futuro, à força do vínculo estabelecido e, assim, quanto à possível longevidade da mesma (Rubin *et al.*, 2006).

Finalmente, as relações que se criam entre os indivíduos inserem-se numa rede mais alargada de relações. Deste modo, os grupos são em parte definidos pelos níveis de complexidade anteriores — características individuais, interações e relações —, mas são mais do que a soma destas parcelas. Efetivamente as suas propriedades, processos e organização específicos definem o tipo de sujeitos, interações e relações aceitáveis e desejáveis, de acordo com as suas normas e valores (Rubin *et al.*, 2006).

Dentro desta lógica, a literatura tem procurado definir, caracterizar e avaliar a importância que diferentes tipos de relações sociais assumem no desenvolvimento, particularmente as de amizade e as com o grupo de pares, sugerindo que, enquanto as primeiras são uma importante fonte de afeto, intimidade e cuidado, o grupo de pares proporciona um sentido de inclusão e pertença (i.e., Klima & Repetti, 2008).

### **Relações de amizade.**

A amizade pode ser definida como uma relação diádica, recíproca, próxima e voluntária (Bukowski & Hoza, 1989; Rubin, Coplan, Chen, Buskirk, & Wojslawowicz Bowker, 2005), que resulta de interações frequentes e se prolonga no tempo (Laursen, 2005). Até à adolescência, esta relação universal (Gifford-Smith & Brownell, 2003) é mais frequente entre indivíduos da mesma idade e género (Rubin *et al.*, 2006; 2010), ainda que se manifeste de forma diversa ao longo das diferentes idades — apesar dos seus traços fundamentais como o companheirismo, a validação, o auxílio ou o afeto mútuo se manterem constantes (i.e., Berndt & Hoyle, 1985; Hartup, 1996).

Neste sentido, a amizade implica que ambos os membros da díade afirmem a sua existência (de modo a distingui-las de meras atrações ou relações fantasiosas e desejadas, mas não reais), partilhem um laço afetivo genuíno (e não uma qualquer necessidade instrumental)

e que cada um dos amigos escolha, livremente, estar envolvido nesta relação (Bukowski, Newcomb, & Hartup, 1996; Rubin, Fredstrom, & Wojslawowicz Bowker, 2008).

Assim, o método mais utilizado para avaliar a existência de uma relação de amizade implica que os sujeitos indiquem qual ou quais os seus amigos e que este(s), por seu turno, o nomeiem também (Asher, Parker, & Walker, 1998; Bukowski & Hoza, 1989; Rubin *et al.*, 2006). Este procedimento, concordante com a definição anteriormente apresentada, tem-se revelado válido para diferentes estádios do desenvolvimento — do pré-escolar à adolescência — e em diferentes culturas (i.e., Chen *et al.*, 1992). Apresenta ainda vantagens comparativamente com outras metodologias possíveis — como a observação ou o questionário a pais e/ ou professores —, por ser de fácil aplicação e confiar que os próprios sujeitos serão os melhores informadores sobre quem são os seus amigos (Rubin *et al.*, 2008).

Contudo, alguns autores apontam críticas a esta metodologia (i.e., Berndt & McCandless, 2009; Gifford-Smith & Brownell's, 2003), concretamente quanto à forma como as indicações deverão ser dadas, à conceção de amizade a ser utilizada (dicotómica ou contínua), à limitação do número de nomeações ou à exigência da reciprocidade como condição de definição da existência de amizade. Adicionalmente, apresenta ainda duas potenciais desvantagens: primeiro, obriga a considerar-se apenas as amizades que o indivíduo tem no grupo de referência selecionado (habitualmente a turma), não conseguindo determinar se os sujeitos terão amigos fora do mesmo; depois porque, ao pedir-se um número limitado de escolhas (normalmente entre 2 a 3), se poderá estar a negligenciar a existência de outras amizades ou, pelo contrário, a sobrestimá-las, no caso de indivíduos que, perante a obrigatoriedade de apontarem outros, podem acabar por ser reciprocamente nomeados (Rubin *et al.*, 2006).

Ainda assim, o que parece consensual é que as amizades são relações únicas e distintas das outras que os sujeitos mantêm entre si, com o seu grupo de pares ou com os pais, apresentando funções e contributos desenvolvimentais específicos (Hartup, 1996; Newcomb & Bagwell, 1995). De facto, a literatura tem demonstrado que as crianças e jovens interagem de modo diferenciado com amigos ou com outros pares, ao relatar, entre outras, maior responsividade, intimidade e afeto positivo, mais interações positivas ou estratégias mais construtivas e equitativas na resolução de discordâncias nas díades de amigos (i.e., Hartup, 1996; Newcomb & Bagwell, 1995; 1996).

As amizades são também consideradas essenciais para o bom desenvolvimento social e emocional das crianças e adolescentes (i.e., Rubin *et al.*, 2006), na medida em que oferecem suporte social, companheirismo, diversão, auxílio instrumental e segurança emocional fora da

esfera familiar, conduzindo ao aumento da competência social, da autoestima e de uma autoavaliação positiva. Permitem ainda oportunidades para a partilha da intimidade (um aspeto nuclear na adolescência), bem como a validação de interesses, esperanças, receios e do autoconceito em desenvolvimento. Finalmente, estas relações possibilitam, pela base-segura em que se constituem para a exploração de comportamentos e sentimentos em relação a si próprios, aos outros e ao ambiente social, estabelecer protótipos para as futuras relações amorosas, conjugais e parentais (Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998; Furman & Burhmester, 1985; Newcomb & Bagwell, 1995; Rubin, 2004; Rubin *et al.*, 2005; 2006; 2008; Laursen & Mooney, 2005; Sullivan, 1953).

Na adolescência, estas relações são particularmente importantes. De facto, nesta fase verifica-se uma mudança nas prioridades sociais dos sujeitos: o foco deixa de estar apontado sobre a necessidade de ser socialmente aceite pelo grupo, passando a incidir sobre a intimidade e a reciprocidade que as amizades proporcionam (Gifford-Smith & Brownell's, 2003; Parker & Gottman, 1989; Sullivan, 1953) — que, de acordo com alguns autores, são maiores nesta fase do que em qualquer outra do desenvolvimento (i.e., Berndt, 2004).

Por outro lado, com as alterações cognitivas que se registam neste período (que permitem uma maior capacidade de refletir sobre si próprios, sobre os outros e sobre o que os rodeia, bem como para perceber os pensamentos e sentimentos dos amigos), os sujeitos recorrem às suas amizades e à ajuda, compreensão, apoio e segurança emocional que estas lhes transmitem para enfrentar todas as tarefas desenvolvimentais normativas da adolescência, concretamente as mudanças físicas iniciadas com a puberdade, a maior independência face aos pais e o desafio de construírem uma identidade (i.e., Berndt, 1982; Berndt, 2004).

Independentemente do período desenvolvimental considerado, alguns autores sugeriram a importância de se estudar a amizade em três vertentes distintas: a prevalência, a identidade/características dos amigos e a qualidade da relação estabelecida entre ambos (Bukowski & Hoza, 1989; Hartup, 1996).

### ***Prevalência da amizade.***

Relativamente à primeira, a investigação relata que entre 60 e 80% das crianças e adolescentes têm pelo menos um amigo recíproco, consoante a definição de amizade utilizada — apenas a melhor amizade ou qualquer amizade recíproca (Howes, 1983; Parker & Asher, 1993; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006). Demonstrou, também, que estas tendem a ser cada vez mais estáveis ao longo do desenvolvimento (i.e. Berndt & Hoyle, 1985; Rubin *et al.*, 2005; 2010), particularmente nos rapazes (i.e. Benenson & Christakos, 2003) e que,

mesmo em caso de dissolução, a maioria dos sujeitos tem a competência suficiente para a substituir por outra (Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006). Finalmente, entre a infância e a adolescência, as amizades tendem a ser maioritariamente com sujeitos do mesmo género, existindo poucas nomeações entre rapazes e raparigas (i.e., Haselager, Hartup, van Lieshout, & Riksen-Walraven, 1998).

A importância e os benefícios da participação em amizades no desenvolvimento e ajustamento de crianças e adolescentes têm sido inequivocamente demonstrados ao longo dos últimos trinta anos (i.e. Parker & Asher, 1993; Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998), assim como as consequências negativas da sua ausência (i.e. Hodges, Boivin, Vitaro, & Bukowski, 1999; Laursen, Bukowski, Aunola, & Nurmi, 2007).

Assim, os sujeitos com amigos são mais competentes socialmente, cooperantes, altruístas e autoconfiantes (Newcomb & Bagwell, 1995) e, consistente com as ideias de Sullivan (1953), reportam maior confiança e melhores perceções sobre si próprios, os outros e as relações sociais, assim como um maior nível de bem-estar psicológico (Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998; Parker & Asher, 1993; Hartup & Stevens, 1997).

Por outro lado, a evidência indica igualmente que não ter amigos é prejudicial para o ajustamento psicológico, na medida em que estes indivíduos tendem a relatar níveis mais elevados de solidão, incompetência social, timidez e de problemas de internalização (Ladd & Troop-Gordon, 2003; Laursen *et al.*, 2007; Parker & Asher, 1993; Proulx & Poulin, 2013), concretamente menor autoestima e maiores níveis de sintomatologia depressiva (Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998; Bagwell, Schmidt, Newcomb, & Bukowski, 2001; Boivin, Hymel, & Bukowski, 1995). Demonstaram, ainda, uma maior vulnerabilidade aos efeitos de experiências negativas com a família ou com os pais. Efetivamente, algumas investigações demonstraram o papel protetor da amizade contra o desenvolvimento de auto perceções negativas por dificuldades na relação com os pais (Rubin, Dwyer, Booth-LaForce, Kim, Burgess, & Rose-Krasnor, 2004) e contra a vitimização — concretamente que adolescentes com melhores amigos eram, de acordo com os colegas, menos vitimizados do que aqueles que não tinham (Boulton, Trueman, Chau, Whitehead, & Amatya, 1999), que os sujeitos que conseguiam estabelecer uma amizade ao longo do ano letivo tendiam a ser menos vitimizados do que aqueles que permaneciam sem amigos (Proulx & Poulin, 2013; Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006) ou que um aumento dos problemas de externalização e internalização associados a serem vitimizados apenas se verificava para sujeitos sem amigos recíprocos (Hodges, Boivin, Vitaro, & Bukowski, 1999).

### ***Identidade dos amigos.***

No que diz respeito à segunda vertente estudada na amizade — a identidade dos amigos —, a literatura tem demonstrado que a grande maioria das amizades são estabelecidas entre sujeitos que apresentam semelhanças entre si (i.e. Newcomb & Bagwell, 1995) ao nível de características observáveis — como idade, género, etnia ou aparência física (i.e. Aboud & Mendelson, 1998; Hartup & Abecassis, 2002) —, mas também dos seus comportamentos, tanto na infância, como na adolescência (i.e. Rubin, Lynch, Coplan, Rose-Krasnor, & Booth-Booth-LaForce, 1994; Vitaro, Tremblay, Kerr, Pagani, & Bukowski, 1997).

De facto, a homofilia parece ser uma característica central da amizade e tem sido hipotetizado que se poderá dever ao facto de ela proporcionar uma maior validação das perceções e ideias dos sujeitos, assim como uma comunicação mais fácil entre eles. Tem também sido proposto que ela tende a aumentar ao longo do tempo (Newcomb, Bukowski, & Bagwell, 1999), sob pena de a relação terminar.

Assim, as características dos amigos influenciam as interações, atitudes e comportamentos dos sujeitos e, conseqüentemente, a qualidade da sua relação, bem como a sua reputação ao nível do grupo de pares (i.e., Gifford-Smith & Brownell's, 2003). Deste modo, a homofilia tem sido demonstrada também para comportamentos socialmente desajustados — i.e., agressivo ou retirado —, para problemas de internalização ou na relação com o grupo de pares — i.e., ser rejeitado, excluído ou vitimizado — (i.e. Cairns, Cairns, Neckerman, Gest, & Garipey, 1988; Guroglu, van Lieshout, Haselager, & Scholte, 2007; Haselager *et al.*, 1998; Poulin, Cillessen, Hubbard, Coie, Dodge, & Schwartz, 1997; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006) e levanta a questão de, se o facto de ter um amigo exacerba as dificuldades do sujeito ou, por outro lado, o protege contra as mesmas (Hodges *et al.*, 1999; Rubin, 2004; Rubin *et al.*, 2008).

A investigação tem demonstrado que quando se tem um amigo socialmente competente e ajustado, os indivíduos têm menos problemas de comportamento, lidam melhor com situações de *stress*, as suas amizades são mais harmoniosas e adotam mais comportamentos prosociais e cooperativos no seio da díade (Berndt, Hawkins, & Jiao, 1999; Haselager *et al.*, 1998). Por outro lado, amizades com sujeitos pouco competentes do ponto de vista social e que tenham comportamentos desviantes tendem a ser caracterizadas por maiores níveis de conflito e menores níveis de intimidade, reforçando as dificuldades comportamentais individuais de cada membro, sejam elas de tendência antissocial ou de retirada social (Dishion *et al.*, 1995; Kupersmidt, DeRosier, & Patterson, 1995; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

### *Qualidade da amizade.*

Por último, e de acordo com a teoria de Sullivan (1953), a qualidade da amizade tem sido definida quanto aos recursos que oferece — como o companheirismo, diversão, partilha de intimidade, segurança, validação, cuidado ou ajuda —, conflitos existentes — concretamente a frequência de desentendimentos e a capacidade de os resolver — e, ainda, a afetividade entre os membros da díade (i.e. Parker & Asher, 1993; Bukowski *et al.*, 1996).

Assim, a caracterização da natureza e qualidade da relação é habitualmente feita através de questionários de autopreenchimento nos quais se pede ao sujeito que avalie quão verdadeiras são determinadas afirmações relativas a diversos aspetos qualitativos da sua amizade, como a validação, a partilha de intimidade ou a capacidade de resolver conflitos (Parker & Asher, 1993).

As técnicas de observação também são adequadas para este fim, mas apresentam diversos obstáculos que tornam a sua utilização pouco frequente, nomeadamente a elevada exigência de recursos e tempo, a dificuldade de isolar os contributos dos membros individuais nos padrões de interação diádica observados (Hinde & Stevenson-Hinde, 1987) ou o facto de muitas das interações ocorrerem em contextos não acessíveis a observadores externos (Furman & Buhrmester, 1985), principalmente na adolescência.

Assim, os autorrelatos afiguram-se como a melhor solução, uma vez que os próprios indivíduos são os que se encontram em melhor posição para relatar a natureza, importância, significado e laços afetivos da sua relação de amizade (i.e., Furman, 1996), mesmo com toda a sua subjetividade e possíveis enviesamentos que a investigação comprovou existirem (i.e., Hymel *et al.*, 1993).

Um dos instrumentos mais utilizados é o *Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1993), que se tem revelado válido em diferentes idades (i.e., Oh *et al.*, 2008; Sebanc, 2003) e culturas (i.e., French, Bae, Pidada, & Lee, 2006; Kingery, Erdley, & Marshall, 2011; Svavarsdottir & Orlygsdottir, 2006; Zongkui, Dongmei, Xiaojun, & Xianfeng, 2006), inclusivamente na portuguesa (Freitas, Correia, Santos, Ribeiro, & Fernandes, no prelo).

Com base nesta metodologia, a investigação tem demonstrado que a qualidade da amizade tem influências específicas no desenvolvimento, em diferentes idades (i.e. Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994; Hoza, Bukowski, & Beery, 2000). Assim, amizades de maior qualidade têm sido associadas a um melhor ajustamento psicossocial, concretamente a um maior bem-estar psicológico, autoestima, capacidade para lidar com o *stress*, aceitação social, perceções mais positivas sobre a sua competência social e sobre a escola e, ainda, a menores problemas de externalização e internalização (i.e. Berndt, Hawkins, & Jiao, 1999; Burk, &

Laursen, 2005; Hartup & Stevens, 1999; Nangle, Erdley, Newman, Mason, & Carpenter, 2003). Parece ter ainda uma função protetora quanto ao desenvolvimento de problemas de ajustamento quando o número de amigos e a aceitação pelos pares não são elevadas (Bowker, Rubin, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2007; Waldrip, Malcolm, & Jensen-Campbell, 2008), ou, ainda, quando existem dificuldades nas relações com os pais (Rubin *et al.*, 2004).

A literatura tem igualmente atestado, de forma consistente, diferenças de género na qualidade de amizade relatada, com as raparigas a reportarem níveis superiores de partilha de intimidade, resolução de conflito, validação e cuidado, ou ajuda e orientação (Parker & Asher, 1993; Rubin, Dwyer, Booth-LaForce, Kim, & Burgess, 2004). Ainda assim e não obstante esta maior intimidade, as amigas femininas tendem a ser menos estáveis ao longo do tempo (i.e., Hardy, Bukowski, & Sippola, 2002), apresentando também maior tendência para a corruminação sobre acontecimentos ou sentimentos privados (Rose, 2002) e para a vitimização relacional (Crick & Nelson, 2002), comparativamente com as dos rapazes.

Adicionalmente, alguns estudos longitudinais também atestaram que, apesar de os rapazes começarem com níveis de qualidade de amizade inferiores aos reportados pelas raparigas, no fim da adolescência os valores entre ambos são semelhantes (Way & Greene, 2006). Os autores discutem estes resultados com base, quer nas diferentes práticas e expectativas de socialização de cada um dos géneros, quer pelo facto de, na adolescência, os rapazes ainda não se sentirem suficientemente seguros quanto à sua identidade sexual e, assim, demonstrarem um maior desconforto na expressão da intimidade no seio das suas relações de amizade.

Com base em tudo o que foi referido anteriormente, para perceber qual a importância da amizade no desenvolvimento e ajustamento dos sujeitos, é necessário considerá-la nesta perspetiva multifacetada defendida por Hartup (1996), atendendo, não só ao facto de os sujeitos terem ou não amigos, mas também a identidade destes e qual a qualidade da relação que estabelecem entre si.

De facto, alguns estudos têm revelado relações complexas entre estas componentes e como variações em qualquer uma delas poderão potenciar diferentes trajetórias desenvolvimentais. Por exemplo Berndt, Hawkis e Jiao (1999) concluíram que uma amizade estável e de qualidade previa aumentos nos níveis de liderança e sociabilidade dos sujeitos, mas também dos problemas de comportamento se estas fossem com um amigo que tinha, ele próprio, problemas a este nível. De igual modo, Kupersmidt, Burchinal e Patterson (1995) verificaram o risco de aumento de problemas de externalização para sujeitos que tinham uma melhor amizade recíproca, mas em que esta era caracterizada por elevados níveis de conflito

entre ambos, isto é, por uma baixa qualidade. Assim, as relações entre amizade e bom ajustamento futuro podem não ser sempre positivas (Berndt, 1996), pelo que importa considerar as suas três vertentes e as interações que se estabelecem entre elas.

### **Relação com o grupo de pares.**

Para além destas relações diádicas, é igualmente importante considerar a relação que o indivíduo mantém com o grupo de pares.

Enquanto na infância existe um claro predomínio das “*cliques*” — ou seja, de pequenos grupos baseados em relações de amizade, onde se registam interações intensas e um grande envolvimento emocional entre os membros —, na adolescência assiste-se também à afiliação em grupos maiores — habitualmente designados por “*crowds*” —, que se caracterizam por serem menos íntimos e organizados do que as *cliques* e baseados na reputação social e na semelhança entre os seus constituintes — a nível das suas atitudes, comportamentos, valores e atividades. Para além destas alterações ao nível da estrutura e tamanho do grupo de pares, registam-se outras quanto à sua composição, uma vez que passam a incluir também membros do sexo oposto (i.e., Rubin *et al.*, 2005; 2006).

Apesar da existência de muitos dados empíricos que apontam no sentido de os rapazes, não só se inserirem em grupos de maiores dimensões, como também em mais atividades de conjunto do que as raparigas, outros estudos não encontraram diferenças significativas entre géneros, talvez devido à utilização de diferentes metodologias — observação ou autorrelatos (i.e., Cairns, Leung, Buchanan, & Cairns, 1995; Tarrant, 2002; Maccoby, 1995).

O que parece inequívoco é a enorme importância que a pertença a um grupo assume para os adolescentes (i.e., Dekovic, Engels, Shirai, De Kort, & Anker, 2002; Rubin *et al.*, 2005). Desde logo, possibilita a aprendizagem de uma série de competências sociais fundamentais para o seu funcionamento efetivo, tais como a capacidade de saber liderar e seguir os outros em diferentes momentos, controlar os impulsos (utilizando a agressividade apenas contra indivíduos que não pertençam ao grupo e a favor da lealdade ao mesmo), cooperar com os outros para bem do seu funcionamento e preservação ou, ainda, compreender a sua estrutura social e as inter-relações complexas que se estabelecem no seu seio (Rubin *et al.*, 2005).

Esta relação é também decisiva para o bem-estar emocional, validação pessoal, desenvolvimento de uma autonomia, identidade e autoconceito positivos (i.e., Brown, 1990; Dekovic *et al.*, 2002; Harter, 1993; Sullivan, 1953), bem como para a capacidade para lidar com o *stress* (i.e., Hartup, 1992) e, ainda, para o bom ajustamento futuro (i.e., Bagwell,

Newcomb, & Bukowski, 1998). Contudo, alguns estudos demonstraram a influência que o grupo de pares tem na adoção de comportamentos desviantes e de delinquência ou no abandono escolar (i.e., Cairns & Cairns, 1994; Chen, Chen, & Kaspar, 2001).

A maioria da investigação no domínio do grupo de pares tem-se centrado sobre a aceitação, a saliência, a dominância ou a reputação social, isto é, sobre o grau de apreciação por parte dos colegas, a centralidade na rede de relações, a posição na hierarquia social ou como os sujeitos são percebidos pelos pares (i.e., Gifford-Smith & Brownell, 2003).

Numa perspetiva paralela, defende-se que, para melhor se perceber a relação que se estabelece entre o indivíduo e o grupo, se deverão considerar dois tipos de variáveis: por um lado, as atitudinais — representativas do grau de preferência que o grupo manifesta relativamente ao sujeito, e nas quais se incluem a aceitação ou rejeição social — e as comportamentais — indicadoras de como os pares tratam, de facto, o indivíduo, e onde se podem identificar a vitimização e a exclusão (i.e., Asher & Coie, 1990).

A literatura tem demonstrado que, apesar de fortemente correlacionadas entre si, estas variáveis assumem não só papéis distintos nos processos das relações com o grupo (i.e., Boivin, Hymel, & Hodges, 2001), como particular importância logo a partir da idade escolar e, especificamente, na adolescência (i.e., Rubin *et al.*, 2006).

Relativamente às primeiras, tem sido recorrentemente demonstrado que os maiores correlatos e preditores da rejeição sociométrica, em qualquer idade, são a agressividade e a retirada social (i.e., Newcomb, Bukowski, & Pattee, 1993; Boivin *et al.*, 1995; Gazelle & Ladd, 2003; Hymel *et al.*, 1993; Ladd, 2006; Ladd, & Burgess, 1999; Rubin *et al.*, 1993).

Contudo, as razões para esta rejeição são diferentes em cada um destes cenários: no primeiro é motivada pelos comportamentos disruptivos e pela ameaça real que o grupo sente de sofrer possíveis danos físicos ou emocionais; no segundo deve-se à estranheza perante um comportamento que é desviante, pouco comum ou adequado face ao que é socialmente esperado (Rubin *et al.*, 2007).

A investigação tem atestado que os sujeitos que são consensualmente rejeitados pelo grupo de pares apresentam maiores dificuldades de ajustamento, evidenciando maiores problemas emocionais, comportamentais, escolares e psicopatológicos do que aqueles que são aceites (i.e., Bagwell, Schmidt, Newcomb, & Bukowski, 2001; Dekovic *et al.*, 2002; Laursen, Bukowski, & Hoza, 2010; Parker & Asher, 1987; Parker, Rubin, Erath, Wojslawowicz Bowker, & Buskirk, 2006; Rubin *et al.*, 2006).

No que diz respeito às variáveis comportamentais, a vitimização refere-se a ser alvo de ações de assédio e/ ou de abuso físico, verbal ou psicológico por parte de um ou mais colegas,

de forma recorrente e crónica ao longo do tempo (i.e., Buhs, Ladd, & Herald-Brown, 2010). Tem sido associada a problemas de ajustamento psicossocial, concretamente baixa autoestima, depressão, solidão, ansiedade social, medo, insegurança, rejeição por parte dos pares e dificuldades académicas (i.e., Buhs *et al.*, 2010; Hanish & Guerra, 2004; Juvonen & Graham, 2001; Ladd, Kochenderfer, & Coleman, 1997).

Já a exclusão diz respeito a comportamentos de rejeição que passam pelo evitar, ignorar ou mesmo excluir ativamente os sujeitos das atividades do grupo (Gazelle & Ladd, 2003). De igual modo, tem sido correlacionada com dificuldades individuais e sociais — particularmente nos rapazes (i.e., Findlay & Coplan, 2008) —, bem como a um decréscimo da participação nas atividades escolares (i.e., Buhs *et al.*, 2010; Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004).

À semelhança do que se verifica com a rejeição social, a agressividade e a retirada social são também os maiores correlatos e preditores da vitimização e da exclusão (i.e., Asher & McDonald, 2009; Gazelle & Rudolph, 2004; Hanish & Guerra, 2004; Olweus, 2001; Rubin *et al.*, 2009), talvez por nenhum deles promover a coerência, a estrutura, a harmonia ou o futuro do grupo (Rubin *et al.*, 2006).

Assim, e em jeito de conclusão, a compreensão das relações sociais exige, de facto, a consideração de diferentes níveis de complexidade (Hinde, 1987). A investigação tem demonstrado que tanto o estabelecimento e manutenção de relações de amizade, como a aceitação pelo grupo de pares são importantes tarefas desenvolvimentais, da infância à adolescência (i.e., Bagwell, Schmidt, Newcomb, & Bukowski, 2001; Rubin *et al.* 2006), e que, apesar de muitas das competências necessárias para o sucesso nestes domínios serem comuns, eles preservam características e influências particulares no ajustamento psicossocial dos sujeitos (i.e. Bukowski & Hoza, 1989; Hartup, 1996; Parker & Asher, 1993). De facto, diferentes estudos têm verificado que a popularidade e amizade têm contributos específicos na previsão de sentimentos de solidão ou mesmo que sujeitos sociometricamente rejeitados têm, ainda assim, amigos (i.e. Gest, Graham-Bermann, & Hartup, 2001; Parker & Asher, 1993).

Com base em tudo o que foi dito anteriormente, uma questão fundamental que a investigação na temática da retirada social se colocou foi: com base em todas as dificuldades individuais e na relação com os pais, escola e pares, como se caracterizam as relações sociais das crianças e jovens retirados, concretamente ao nível da amizade e da relação com grupo de pares?

## **Relações sociais de jovens socialmente retirados.**

### ***Relações de amizade.***

Inicialmente pensou-se que, devido a toda a panóplia de problemas de internalização anteriormente reportados, à timidez que impede a normal interação com os pares (e, conseqüentemente, o desenvolvimento de competências e cognições sociais adequadas) e às dificuldades na relação com o grupo e pares — onde se incluem a rejeição, a exclusão ou a vitimização —, os jovens socialmente retirados tivessem dificuldades na formação e manutenção de relações próximas ou na qualidade das mesmas (i.e., Rubin *et al.*, 2001; 2007; 2009; 2010). Contudo, outros autores sugeriam que, num contexto diádico mais privado, este desconforto, ansiedade e insegurança poderiam não ser sentidos (i.e., Schneider, 1999).

Assim, diferentes investigações procuraram caracterizar as relações de amizade destes sujeitos, tendo por base o modelo hierárquico definido por Hartup (1996).

Deste modo, e apesar de ser verificado que a retirada social previa um menor número de amigos dois anos depois (Pedersen, Vitaro, Barker, & Borge, 2007), concluiu-se que os retirados têm a mesma probabilidade dos seus colegas de terem pelo menos uma melhor amizade, tanto na infância como na pré-adolescência (i.e., Ladd & Burgess, 1999; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006; Schneider, 1999), e de estas serem igualmente estáveis ao longo de um ano letivo (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006; Schneider, 1999). Assim, a retirada social apenas parece interferir no desenvolvimento de uma rede mais extensa de amigos, mas não na capacidade de formar e manter pelo menos uma melhor amizade, que, eventualmente, os poderá ajudar a enfrentar as suas dificuldades de índole intra e interpessoal.

Consistente com a hipótese da homofilia anteriormente descrita, a literatura tem concluído que os retirados tendem a ser amigos de outros sujeitos que revelam igualmente uma série de dificuldades de internalização (i.e., Hogue & Steinberg, 1995) e níveis semelhantes de elevada retirada social e vitimização, bem como de baixos índices de comportamento prosocial e popularidade, comparativamente aos apresentados por um grupo de controlo (Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006). Ou seja, não obstante a capacidade para estabelecer relações de amizade, os jovens socialmente retirados poderão não ser suficientemente competentes para as formarem com pares mais ajustados do ponto de vista social, apenas com aqueles que partilham igualmente uma série de dificuldades psicossociais, num cenário que Rubin e colaboradores definiram como “*misery loves company*” (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006, p.154).

Esta homofilia poderá trazer algumas vantagens para estes indivíduos, concretamente ao prever uma maior estabilidade da relação (i.e. Bowker, 2004; Haselager *et al.*, 1998) e ao exigir menos dos sujeitos do ponto de vista da interação (i.e., Schneider, 1999), mas poderá também acarretar possíveis riscos futuros, na medida em que a díade poderá entrar em processos de ruminação sobre todos os seus problemas comuns e, assim, aumentá-los e impedirem-se de vislumbrar estratégias adaptativas para lidar com os mesmos (i.e., Rose, 2002).

Por último, e no que diz respeito à qualidade da amizade que estes sujeitos estabelecem, os poucos estudos realizados apresentam resultados menos coerentes, mas, ainda assim, no sentido de os indivíduos socialmente retirados terem relações de menor qualidade.

Schneider (1999), contando com 58 díades de amigos (29 das quais constituídas por, pelos menos, um sujeito identificado como retirado) entre os 8 e os 9 anos de idade, concluiu que as díades compostas exclusivamente por retirados ( $n = 7$ ) apresentavam uma boa qualidade de amizade, mas, ainda assim, inferior à observada em díades mistas ( $n = 22$ ) ou constituídas por sujeitos não retirados ( $n = 29$ ). Observou ainda que, durante a tarefa de interação, os sujeitos socialmente retirados evidenciavam maiores sinais de inibição e uma comunicação menos rica tanto em quantidade — maior renitência verbal —, como em qualidade — pouca assertividade ou afetividade.

Estes dados foram posteriormente confirmados para a pré-adolescência (Schneider, 2009). Neste estudo o autor comparou 38 díades de retirados sociais com um grupo de controlo em três tarefas de interação diferentes, tendo concluído que os primeiros eram mais passivos e renitentes do ponto de vista verbal, mais neutros do ponto de vista afetivo e menos assertivos nas suas negociações. Observou ainda que evitavam mais frequentemente a comparação e a competição saudável que habitualmente se estabelece entre amigos.

Assim, através destes dois estudos, é possível concluir que, apesar da boa qualidade de amizade verificada em sujeitos retirados, ela era menor do que nas outras díades e, sobretudo, que numa altura em que a intimidade se torna a característica fundamental da amizade, estes sujeitos demonstraram falar menos e de forma menos assertiva e afetuosa, o que pode constituir um obstáculo à capacidade de partilhar interesses e segredos, ou de resolver conflitos que sempre surgem.

De igual modo, também Fordham & Stevenson-Hinde (1999) verificaram que crianças entre os 8 e os 10 anos socialmente retiradas referiam ter amizades de boa qualidade, ainda que, uma vez mais, inferior às reportadas pelo grupo de controlo utilizado.

Por outro lado, Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.* (2006), avaliaram a qualidade da amizade em sujeitos com uma média de idade de 10 anos, averiguando não só a perspectiva dos sujeitos socialmente retirados, como também a dos seus melhores amigos. Neste estudo concluiu-se que tanto uns como outros relatavam uma menor qualidade global de amizade, comparativamente com os seus colegas não retirados. De facto, enquanto os sujeitos-alvo reconheciam que a sua relação tinha pouca capacidade de proporcionar auxílio, intimidade ou de resolver os conflitos, os seus amigos reconheciam que esta amizade lhes trazia pouca diversão e ajuda.

Outras duas investigações procuraram perceber se esta menor qualidade de amizade poderia estar associada a diferentes conceções do que era e do que implicava uma relação de amizade. Schneider & Tessier (2007) verificaram que os sujeitos socialmente retirados tinham uma compreensão menos madura e mais concreta da amizade, centrando-se essencialmente sobre as suas necessidades (como por exemplo, receber apoio e ajuda de um amigo), enquanto os do grupo de controlo referiam a intimidade como característica fundamental destas relações. Constataram ainda que os primeiros não apresentavam qualquer progressão desenvolvimental, isto é, os retirados mais velhos não apresentavam valores de abstracção mais elevados, ao contrário dos indivíduos do grupo de comparação.

Fredstrom, Rose-Krasnor, Campbell, Rubin, & Booth-LaForce (2012) concluíram, por seu turno, que sujeitos socialmente retirados apresentavam idêntica compreensão sobre os processos de formação de uma relação de amizade, mas bastante menor sobre os de intimidade ou do *terminus* da mesma. Inesperadamente e ao contrário da anterior, nesta investigação não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos comparados quanto a assuntos de confiança ou resolução de problemas.

De uma forma geral, todos estes estudos permitem a dedução que a retirada social se associa a amizades de menor qualidade, mesmo utilizando diferentes métodos, desde a observação (i.e., Schneider, 2009) aos questionários de autopreenchimento (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.* 2006). Efetivamente, apesar de não prever dificuldades na formação e manutenção de relações de amizade, a remoção das interações sociais normativas poderá impedir o desenvolvimento de competências e cognições fundamentais para o estabelecimento de relações íntimas, próximas, de suporte e validação mútuos.

Naturalmente que esta qualidade depende também da identidade do amigo (Schneider, 1999), prevendo-se, não só que os sujeitos possam usufruir de melhores relações com pares socialmente mais competentes, como também que estes possam ser importantes auxílios para as dificuldades psicossociais que os indivíduos retirados enfrentam, hipotetizando-se que

poderão ser facilitadores de uma maior aceitação social e, até, do estabelecimento de uma reputação social diferente (Schneider & Tessier, 2007).

No entanto, “*very little attention has been paid to the significance of variability in the characteristics at socially withdrawn children's friends*” (Rubin *et al.*, 2010, p. 146) e, de igual modo, “*it is important to note that the extant literature on withdrawn children's friendships is limited by its nearly exclusive focus on children and young adolescents in the United States and Canada*” (Rubin *et al.*, 2010, p.89), pelo que é importante continuar a investigar este domínio noutras realidades culturais.

### ***Relação com o grupo de pares.***

Os indivíduos socialmente retirados sentem-se inseguros na sua relação com o grupo de pares (i.e., Rubin *et al.*, 1995; Rubin & Burgess, 2001), o que poderá ser explicado não só por razões individuais, mas também pela forma como são efetivamente tratados pelos colegas.

A investigação tem demonstrado que estes sujeitos têm uma menor aceitação social (i.e., Hymel *et al.*, 1993; Rubin *et al.*, 1993), particularmente a partir do fim da idade escolar, quando o comportamento se torna mais saliente e incompreensível aos olhos dos pares (i.e., Younger, Gentile, & Burgess, 1993). Mas, talvez por este seu comportamento social não corresponder às normas e expectativas dos outros, eles são igualmente rejeitados (i.e., Boivin *et al.*, 1995; Ladd, 2006; Nelson *et al.*, 2005; Oh, Rubin, Bowker, Booth-LaForce, Rose-Krasnor, & Laursen, 2008; Rubin, *et al.*, 1993), o que parece ser válido em diferentes realidades culturais (i.e., Chen, DeSouza, Chen, & Wang, 2006; Hart *et al.*, 2000; Prakash & Coplan, 2007).

Adicionalmente, são, ainda, ativamente excluídos e vitimizados pelos pares (i.e., Boivin & Hymel, 1997; Boivin *et al.*, 1995; Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004; Hanish & Guerra, 2004; Oh *et al.*, 2008; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006) para além da infância, uma vez que, nesta fase, estes tipos de comportamentos não parecem existir (i.e., Boivin, Hymel, & Bukowski, 1995).

Alguns autores têm defendido a ideia que, devido à baixa aceitação social, bem como à natureza tímida, assustada e ansiosa dos sujeitos socialmente retirados, os pares encaram-nos como “alvos fáceis” para este tipo de ações, até porque não os veem como capazes de retaliar de qualquer forma (i.e., Hanish & Guerra, 2004; Rubin *et al.*, 2006; 2007).

Deste modo, poderá instalar-se um ciclo negativo, em que se verifica um aumento dos comportamentos de retirada social como resposta a estes de exclusão e vitimização que, por seu turno, só os poderá promover ainda mais (i.e., Gazelle & Rudolph, 2004; Rubin *et al.*,

2009). Efetivamente, tem sido confirmado que a exclusão e vitimização a que os sujeitos são submetidos, influenciam os seus níveis de retirada social ao longo do tempo, tanto na infância, como na pré-adolescência (i.e., Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004; Oh *et al.*, 2008).

### **Fatores de Risco e Protetores**

*“Despite these well-documented psychological and peer difficulty correlates and consequences of social withdrawal, researchers have recently demonstrated that not all socially withdrawn children experience psychosocial and emotional difficulties or continue to remain highly socially withdrawn over time”* (Oh *et al.*, 2008, p.554).

De facto, nas últimas três décadas assistiu-se a um grande desenvolvimento da literatura sobre o fenómeno da retirada social, verificando-se muitos progressos ao nível da sua definição, etiologia, riscos e consequências desenvolvimentais. Contudo, e à luz de dois princípios fundamentais da Psicologia do Desenvolvimento, o da Equifinalidade — de acordo com o qual dois sujeitos que partam de condições de ajustamento psicossocial diferenciadas poderão, numa determinada combinação de fatores de risco e temporais, chegar a um mesmo estágio final — e o da Multifinalidade — em que dois sujeitos com circunstâncias iniciais semelhantes poderão assumir trajetórias desenvolvimentais distintas —, a investigação tem procurado aferir quais é que poderão ser os fatores protetores e de risco para estes indivíduos socialmente retirados e, sobretudo, como a interação entre ambos poderá determinar diferentes trajetórias (i.e., Gazelle & Rudolph, 2004; Laursen, Bukowski, & Hoza, 2010; Oh *et al.*, 2008).

Um dos fatores mais estudados, particularmente na infância, tem sido as relações com os pais, tendo-se concluído que, quando se verifica uma maior sensibilidade e responsividade parental às necessidades dos filhos, bem como um maior encorajamento da sua autonomia, existe uma diminuição da inibição revelada e um aumento da competência social. Por outro lado, a sobreproteção parental tende a exacerbar as dificuldades psicossociais destas crianças, uma vez que é impeditiva do desenvolvimento de estratégias de *coping* adequadas para enfrentar os diversos dilemas interpessoais com que se deparam (i.e. Coplan *et al.*, 2004; Gazelle & Spangler, 2007; Rubin, Cheah, & Fox, 2001; Rubin, Burgess, & Hastings, 2002).

Também a capacidade de regular as emoções tem sido associada a diferentes trajetórias de retirada social, da infância à adolescência. Efetivamente, a investigação tem demonstrado que bebés mais desregulados apresentam um maior risco de retraimento e

exclusão social aos 4 anos de idade (i.e. Fox, Rubin *et al.*, 2001; Rubin, Burgess, & Hastings, 2002; Nelson *et al.*, 2005), enquanto crianças em idade escolar nestas circunstâncias também enfrentam maiores dificuldades sociais com os pares, uma maior estabilidade dos níveis de retirada social ao longo do tempo e, ainda, uma maior probabilidade de sofrerem problemas de internalização (i.e. Bowker, Rubin, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2008; Booth-LaForce & Oxford, 2008). Finalmente, Bowker *et al.* (2007) verificaram que crianças e adolescentes que expressam menos emoções negativas na presença dos colegas (como tristeza, ansiedade ou medo) não aumentam os níveis de rejeição ou vitimização pelos pares ao longo de um ano letivo.

Tem sido igualmente evidenciado que maiores competências verbais, bem como a colocação numa sala de aula com um clima emocional positivo — isto é, onde existam boas relações entre professores e alunos e entre estes — poderão proteger as crianças das consequências desenvolvimentais negativas associadas à retirada social (i.e. Asendorpf, 1994; Coplan & Armer, 2005; Gazelle, 2006).

Finalmente, também o género e a cultura parecem influenciar a relação entre retirada social e dificuldades de ajustamento. Efetivamente, alguns estudos revelaram que, apesar de não se detetarem, independentemente da metodologia utilizada, diferenças significativas entre rapazes e raparigas na prevalência deste comportamento (i.e. Coplan *et al.*, 2001; Rubin *et al.*, 1993), este não só é menos aceite e tolerado nos primeiros (i.e. Nelson *et al.*, 2005; Sadker & Sadker, 1994), como também se correlaciona mais fortemente com problemas de comportamento, de internalização, de relação com os pares e de concretização de tarefas desenvolvimentais normativas, da infância à adultícia (i.e. Caspi *et al.*, 1988; Coplan *et al.*, 2001; 2008; Morison & Masten, 1991; Nelson *et al.*, 2005; Rubin, *et al.*, 1993). Contudo, é igualmente importante referir que outras investigações não encontraram estas diferenças de género, nem estas associações na adolescência (i.e. Gazelle & Rudolph, 2004), salientando-se, assim, a importância de se estudar o fenómeno da retirada social e o seu impacto no ajustamento socio-emocional dos sujeitos nos diferentes estádios do desenvolvimento.

De igual modo, a literatura tem demonstrado que a avaliação e significado atribuído ao comportamento de retirada social dependem, em grande medida, das normas, valores e ideologias culturais (Hinde, 1987). De facto, em sociedades orientais — onde se valoriza fortemente a coesão do grupo —, a retirada social parece ser aceite e valorizada por pais, professores e pares, associando-se ainda a competência social e sucesso escolar (i.e. Chen, Hastings, Rubin, Chen, Cen, & Stewart, 1998; Chen, Chen, & Kaspar, 2001; Chen, Rubin, & Li, 1995). Contudo, dados mais recentes parecem indicar que, mesmo nestas sociedades, a

retirada social se começa a associar crescentemente com baixa aceitação social e reputações sociais negativas (i.e., Chen, Cen, Li, & He, 2005; Hart *et al.*, 2000), reforçando a necessidade do estudo contínuo deste fenómeno em diferentes realidades culturais.

Outro dos domínios mais investigados tem sido o das relações de pares e de como elas poderão funcionar como fatores de proteção ou, por outro lado, de risco, para os indivíduos socialmente retirados.

### **Relações entre pares.**

A investigação tem verificado que os sujeitos socialmente retirados não têm todos a mesma relação com o grupo de pares, revelando diferentes graus de aceitação e rejeição social, bem como de exclusão e vitimização (Gazelle & Rubin, 2010). Assim, estes diferentes níveis de dificuldades ao nível do grupo colocam os sujeitos em diferentes trajetórias desenvolvimentais, nas quais se poderão identificar uma exacerbação, manutenção ou diminuição do comportamento de retirada social ao longo do tempo.

Num estudo longitudinal, Gazelle & Ladd (2003) verificaram que crianças em idade pré-escolar menos aceites e mais excluídas pelos pares revelavam não só uma maior estabilidade dos níveis de retirada social, como também índices mais elevados de sintomatologia depressiva no 4º ano de escolaridade, comparativamente com os seus pares que não sofriam esta mesma rejeição e exclusão social. De igual modo, pré-adolescentes retirados apresentavam trajetórias de manutenção ou mesmo aumento dos níveis de retirada social e da sintomatologia depressiva apenas em contextos de elevada exclusão por parte dos pares (Gazelle & Rudolph, 2004).

A literatura tem também revelado fortes associações entre ser alvo de vitimização e a crescente retirada social ao longo do tempo (i.e., Erath, Flanagan, & Bierman, 2007; Hanish & Guerra, 2004; Kochenderfer-Ladd, 2003) assim como que diferentes níveis de exclusão e vitimização previam significativamente trajetórias de aumento ou diminuição deste comportamento ao longo do tempo, com menores valores diferenciais nos primeiros a levarem a uma diminuição da retirada social (Oh *et al.*, 2008).

É então possível concluir que diferentes respostas do ambiente social poderão conduzir crianças e jovens, que inicialmente apresentam uma vulnerabilidade individual semelhante (a retirada social), a diferentes trajetórias de ajustamento psicossocial. De facto, alguns autores têm defendido que, na ausência de adversidade interpessoal, muitos dos receios e ansiedades destes sujeitos poderão não ser confirmados, aumentando assim as suas motivações de aproximação aos outros e a sua confiança individual e social. Deste modo,

poderão, então, assumir trajetórias desenvolvimentais mais adaptativas (i.e., Gazelle & Rudolph, 2004).

Para além da relação com o grupo de pares, também as relações de amizade têm sido averiguadas, uma vez que se tem demonstrado — tanto a nível teórico, como empírico — o seu potencial protetor contra consequências desenvolvimentais negativas (i.e., Laursen *et al.*, 2010; Sullivan, 1953; Rubin *et al.*, 2004).

De facto, Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.* (2006) verificaram que sujeitos socialmente retirados com amigos eram considerados pelos pares como sendo mais sociáveis e populares do que aqueles que não os tinham, enquanto Oh *et al.* (2008) concluíram que a ausência de uma relação próxima com um colega ou a instabilidade na mesma previa aumentos dos níveis de retirada social ao longo do tempo.

Hipotetizou-se igualmente que o valor protetor da amizade no comportamento de retirada social poderia variar consoante a identidade do amigo (i.e., Berndt *et al.*, 1999; Oh *et al.*, 2008). De facto, a investigação tem concluído que estas relações se revelam benéficas quando os amigos funcionam de forma semelhante em termos de comportamento prosocial (i.e., Haselager *et al.*, 1998), mas não de comportamentos desviantes (i.e., Dishion *et al.*, 1995; 1997; 1999) ou no desajustamento psicossocial (i.e., Brendgen *et al.*, 2010; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Dentro desta linha de pensamento, Oh *et al.* (2008) verificaram que os sujeitos socialmente retirados que tinham amigos com características semelhantes eram os que apresentavam os níveis de retirada social mais elevados no início do estudo e, existindo uma estabilidade dessa relação, tinham maiores probabilidades de os aumentar ao longo do tempo.

Outros estudos procuraram também aferir o contributo da qualidade da amizade na previsão de diferentes trajetórias de retirada social. Assim, por exemplo Oh *et al.* (2004), realizando cinco avaliações entre o 5º e o 8º anos de escolaridade, concluíram que os jovens adolescentes que percecionavam a sua amizade como sendo de grande suporte, tendiam, não só a ser menos socialmente retirados no início do estudo, como também a revelar uma trajetória decrescente nos níveis de retirada social. De forma semelhante, outros autores verificaram que a participação numa amizade de grande qualidade protege do desenvolvimento de problemas de internalização, tanto na infância (i.e., Fordham & Stevenson-Hinde, 1999), como na adolescência (Bowker & Rubin, 2008).

Ainda dentro das relações de amizade, uma outra linha que a investigação tem seguido é a análise de como diferentes padrões de amizade se poderão relacionar com o ajustamento psicossocial dos sujeitos ao longo do tempo.

Efetivamente, as amizades não são estanques, podendo manter-se, ou, por outro lado, cessar. A estabilidade tem sido associada a uma maior qualidade da mesma (i.e., Berndt, 2004), enquanto o seu fim se poderá correlacionar com problemas de internalização, como depressão, sentimentos de solidão, culpa ou raiva, sobretudo se não houver uma substituição da mesma (i.e., Laursen *et al.*, 1996; Parker & Seal, 1996). No entanto, as amizades poderão também terminar apenas porque os sujeitos nela envolvidos mudam os seus interesses (algo particularmente comum na adolescência) sendo, neste sentido, algo adaptativo no desenvolvimento, uma vez que poderá potenciar novas experiências e crescimento pessoal (i.e., Berndt & Hoyle, 1985; Rawlins, 1992).

Assim, Parker & Seal (1996) analisaram os diferentes padrões de amizade de 216 sujeitos, com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos de idade, que frequentavam um campo de férias de 4 semanas, procurando ainda averiguar a sua influência no ajustamento psicossocial destas crianças e jovens.

Os autores verificaram que os processos de formação e duração das amizades não eram aleatórios, dependendo das características individuais dos sujeitos e da sua reputação social entre os pares. Assim, algumas crianças tendiam a ter mais amigos do que outras e, de igual modo, umas conseguiam substituir as amizades que cessavam por novas relações, enquanto outras não.

Concluíram ainda que diferentes padrões de amizade — concretamente ganho, perda, rotatividade ou ausência de relações de amizade — influenciavam o ajustamento psicossocial dos sujeitos. Assim, aqueles que nunca tiveram um amigo ao longo das 4 semanas eram menos aceites e considerados menos socialmente competentes pelos pares e monitores, comparativamente com os outros que tiveram, em algum momento, uma amizade recíproca. Adicionalmente, apresentavam ainda os maiores níveis de solidão de todos.

Os restantes três padrões divergiam quanto às características individuais dos sujeitos e quanto à capacidade de a amizade proteger contra estes sentimentos de solidão. De facto, enquanto os indivíduos que ganhavam amigos apresentavam maiores competências sociais, os que mudavam de amigos entre os momentos avaliativos apresentavam qualidades pessoais atraentes para os pares (i.e., sentido de humor), mas também comportamentos negativos (i.e., agressividade), o que dificultava a tarefa de manter as suas amizades ao longo do tempo. Por outro lado, aqueles cuja rede de amizades diminuiu apresentavam características reputacionais positivas semelhantes aos do grupo da rotatividade e ainda elevados níveis de comportamento prosocial, mas mantinham-se mais passivos e à margem do grupo, não conseguindo, por isso, substituir as amizades perdidas. Finalmente, a amizade apenas se revelava capaz de proteger

contra a solidão quando era duradoura, talvez porque seja necessário tempo de conhecimento mútuo até que os seus membros consigam atingir um certo grau de intimidade e suporte emocional.

No entanto, o estudo de Parker & Seal (1996) decorreu durante um período limitado de tempo e em condições específicas. De facto, um campo de férias é um contexto não familiar para a maior parte dos sujeitos, podendo constituir-se como um desafio particularmente difícil para os mais tímidos. Por este motivo, Wojslawowicz Bowker *et al.* (2006) procuraram averiguar como diferentes padrões de amizade — manutenção, ganho, perda ou ausência de uma relação de amizade — se relacionavam com o funcionamento social e emocional de 828 pré-adolescentes, ao longo de um ano letivo.

Os autores verificaram que a presença de uma amizade nos dois momentos avaliativos realizados — independentemente de ser com o mesmo amigo ou com qualquer outro colega — era benéfica do ponto de vista da adaptação psicossocial. Assim, concluíram que, mais do que a estabilidade na identidade do amigo, o que parece ser relevante é a possibilidade de usufruir do afeto, reciprocidade e validação que estas relações dão e, ainda, que a perda de uma amizade, desde que devidamente substituída por outra, não tem qualquer impacto negativo no ajustamento dos sujeitos.

Contudo, quando não existe este estabelecimento de uma nova amizade, observa-se um aumento das dificuldades psicossociais, tais como avaliadas pelos pares. De facto, estes sujeitos revelavam um aumento significativo dos níveis de vitimização entre o primeiro e o segundo momento avaliativo, assemelhando-se aos sujeitos que nunca tiveram amigos ao longo do estudo não só neste domínio, mas também na fraca aceitação social e popularidade. Deste modo, os benefícios de ter participado numa amizade poderão ser limitados e as dificuldades em formar uma nova poderão ser crescentes, uma vez que os pares os rejeitam e vitimizam cada vez mais.

Por outro lado, os sujeitos que ganharam uma amizade demonstram um melhor ajustamento e experiências mais positivas com os pares. Efetivamente, não só diminuem significativamente os seus níveis de vitimização, como ainda são descritos pelos colegas como mais prosociais e competentes, sugerindo que o envolvimento numa relação de amizade poderá melhorar a relação entre o sujeito e o grupo de pares.

Finalmente, os sujeitos que nunca tiveram uma amizade recíproca são os que revelam um pior ajustamento psicossocial, na medida em que apresentam os maiores níveis de vitimização e os mais baixos de popularidade ou de comportamento socialmente competente.

Também Laursen e colaboradores (2007; 2010) demonstraram que diferentes padrões de amizade — ganho, perda ou ausência de amigos — moderavam a associação entre a exclusão social e o desenvolvimento de problemas de internalização, tanto em crianças, como em adolescentes socialmente retirados. Efetivamente, os sujeitos sem amigos revelavam os maiores níveis de depressividade, os que perdiam um amigo aumentavam os seus e os que ganhavam diminuía, revelando, uma vez mais, que a amizade pode minimizar os efeitos negativos associados a problemas com os pares (Laursen, Bukowski, & Hoza, 2010).

## Objetivos

A maior parte da investigação e dados aqui apresentados sobre o fenómeno da retirada social justificariam, por si só, a pertinência do seu estudo, uma vez que demonstraram que a qualidade de vida destes jovens nos domínios individual, familiar e social é “*less than pleasant*” (Rubin & Coplan, 2004; p.524).

Adicionalmente, estes resultados derivam, essencialmente, de estudos realizados com amostras norte-americanas, canadianas e de diferentes países da Europa Ocidental e do Norte, com Rubin & Burgess (2001) a salientarem que “*little is known about the developmental course of the phenomenon in Eastern cultures such as those in China, Japan or India and even less is known of social withdrawal in Southern cultures such as those found in South America, Africa, and southern Europe*” (p.922).

Como já foi anteriormente salientado, o contexto cultural — e, particularmente, os valores, expectativas e convenções sociais — influencia fortemente quer a avaliação, quer o significado atribuído aos diferentes comportamentos sociais (i.e. Rubin *et al.*, 2009). Deste modo, os instrumentos utilizados, assim como as causas, correlatos, consequências desenvolvimentais (intra- e interpessoais) e potenciais fatores de risco e/ ou proteção da retirada social dependem da realidade em que são estudados.

Deste modo, a investigação deste fenómeno em diferentes culturas é, não só importante, como absolutamente necessária (i.e., Rubin & Burgess, 2001), com alguns estudos a demonstrarem que este comportamento pode ser culturalmente aceite e valorizado (i.e., Chen *et al.*, 1992; 1999), ou que, em algumas realidades, a relação, coesão e conformidade ao grupo são mais importantes do que as relações de amizade ou valores como independência, autonomia ou assertividade (i.e., Chen *et al.* 2004; Rubin *et al.*, 2005; 2008).

Por outro lado, a maior parte da investigação tem-se concentrado sobre a infância e idade escolar, sabendo-se bastante menos sobre a retirada social na pré- e adolescência (i.e., Bowker & Raja, 2011), períodos em que as relações de pares nos seus diferentes graus de

complexidade — mais especificamente com o grupo de pares e com os amigos — assumem particular importância para a construção de um autoconceito positivo, assim como para um bom ajustamento psicossocial dos sujeitos (i.e., Rubin *et al.*, 2006).

Dentro desta linha de pensamento, a presente investigação tenta responder a estas duas lacunas que têm sido identificadas na literatura, procurando, pela primeira vez, estudar o fenómeno da retirada social em jovens adolescentes portugueses.

De uma forma mais concreta, este estudo dividir-se-á em 3 secções: na primeira, procuraremos testar a validade e fiabilidade do *Extended Class Play* na sua versão mais recente — a hexafatorial — para a realidade portuguesa; depois, tentaremos caracterizar as relações sociais dos jovens socialmente retirados em dois dos níveis de complexidade definidos por Hinde (1987): as relações de amizade e com o grupo de pares; finalmente, na terceira, analisaremos a importância de diferentes trajetórias desenvolvimentais de retirada social e de diferentes padrões de amizade no ajustamento psicossocial de sujeitos socialmente retirados ao longo de um ano. De seguida, detalharemos mais em pormenor cada uma destas partes.

### **1º estudo: análise fatorial confirmatória do Extended Class Play.**

Como vimos anteriormente, o *Class Play*, nas suas diferentes versões, tem sido dos instrumentos mais utilizados para analisar diferentes domínios das relações de pares e, também, da Retirada Social.

No entanto, diversos estudos permitiram questionar a validade da estrutura fatorial do *Revised Class Play* (i.e., Morison & Masten, 1991; Zeller *et al.*, 2003) e a sua adequação para diferentes realidades culturais (i.e., Casiglia *et al.*, 1998) e faixas etárias (i.e., Luthar & McMahon, 1996).

A sua versão mais desenvolvida — o *Extended Class Play* — demonstrou, por seu turno, resultados mais consistentes para o modelo de cinco fatores inicialmente proposto, ainda que o número de estudos realizado tenha sido menor (i.e., Burgess *et al.*, 2003; 2004; Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006). Já a estrutura hexafatorial, até por só ter sido apresentada recentemente, ainda não foi alvo de uma análise muito aprofundada, desconhecendo-se a existência de confirmação empírica para a realidade nacional.

Assim, será objetivo do nosso primeiro estudo testar este último modelo fatorial do *ECP* numa amostra de adolescentes portugueses através de uma Análise Fatorial Confirmatória, analisando igualmente a sua adequação para género e idade.

## **2º estudo: relações sociais de jovens socialmente retirados.**

A importância e significado desenvolvimental das relações com os pares, e em particular na adolescência, encontram-se bem documentados na literatura (i.e., Rubin, *et al.*, 2006), assim como as dificuldades que os jovens socialmente retirados experienciam, pelo menos na maioria das realidades culturais averiguadas (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker, *et al.*, 2006).

Assim, o grande objetivo deste segundo estudo será caracterizar as relações de amizade — nas três facetas identificadas por Hartup (1996), isto é, prevalência, identidade do amigo e qualidade da relação — e com o grupo de pares de jovens adolescentes portugueses socialmente retirados, por comparação com um grupo normativo. Procuraremos também averiguar o potencial protetor que a participação numa melhor amizade poderá ter para os sujeitos socialmente retirados ao nível do seu funcionamento social, tal como avaliado pelos pares. Finalmente, exploraremos ainda possíveis diferenças de género e idade.

Atendendo à literatura anteriormente revista, hipotetizamos que, ao nível da relação com o grupo de pares, os jovens socialmente retirados serão descritos pelos pares como sendo mais retirados, excluídos e vitimizados do que os seus colegas do grupo de comparação (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

No que diz respeito às relações de melhor amizade, não prevemos encontrar diferenças significativas entre os grupos relativamente à sua prevalência, mas sim quanto às características dos melhores amigos e à qualidade da relação. De forma mais concreta, esperamos que, à luz da hipótese da homofilia, os amigos dos jovens socialmente retirados sejam igualmente mais retirados, excluídos e vitimizados do que os amigos dos sujeitos do grupo de controlo, e que a qualidade da amizade relatada, quer pelos próprios sujeitos retirados, quer pelos seus melhores amigos, seja inferior à reportada pelos elementos das díades normativas (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Considerando o potencial protetor que as melhores amizades poderão ter (i.e., Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998), colocamos a hipótese de os jovens socialmente retirados que não estejam envolvidos em nenhuma amizade enfrentarem maiores dificuldades sociais, nomeadamente serem mais excluídos e vitimizados, comparativamente com aqueles que têm pelo menos uma amizade recíproca (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Finalmente, a literatura tem descrito que as raparigas privilegiam relações mais íntimas, enquanto os rapazes valorizam mais a pertença a um grupo de pares mais alargado (i.e., Maccoby, 1995) e, de igual modo, que aquelas descrevem as suas amizades como sendo de maior qualidade (i.e., Parker & Asher, 1993). Diferentes estudos apontaram igualmente

para o facto de os rapazes experienciarem maiores dificuldades psicossociais do que as raparigas na infância e idade escolar, sendo os resultados mais contraditórios quando o foco foi o período da adolescência (i.e. Gazelle & Rudolph, 2004). Deste modo, hipotetizamos encontrar diferenças de género apenas ao nível da prevalência e qualidade da amizade, mas não das características dos amigos ou da relação com o grupo de pares.

### **3º estudo: ajustamento psicossocial de jovens com diferentes trajetórias de retirada social e padrões de amizade.**

Sabendo-se que nem todos os jovens socialmente retirados experienciam um grau semelhante de (des)ajustamento psicossocial (i.e. Gazelle & Rudolph, 2004; Oh *et al.*, 2008), procuraremos, neste terceiro estudo, analisar a adaptação social e emocional ao longo de um ano de sujeitos com diferentes trajetórias desenvolvimentais de retirada social — concretamente, os que continuaram a ser considerados como tal pelos pares, os que passaram e os que deixaram de o ser entre os dois momentos avaliativos considerados — e com diferentes padrões de amizade — os que mantiveram uma melhor amizade, os que ganharam, os que perderam e os que nunca tiveram nenhuma em qualquer dos momentos —, investigando igualmente possíveis efeitos de interação entre estes dois fatores.

O nosso estudo distingue-se de outros já realizados na literatura (i.e. Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006), não só pelo contexto cultural em que decorre, mas também por realizar as avaliações em anos letivos diferentes. Efetivamente, a maior parte das investigações longitudinais de curto prazo efetuam a recolha de dados no início e no fim de um mesmo ano escolar, enquanto as nossas distaram um ano civil uma da outra, permitindo, assim, uma maior variabilidade no contexto, nas relações com os pares e também nos níveis de ajustamento psicossocial dos sujeitos.

À luz dos resultados de outras investigações, hipotetizamos que os sujeitos que continuaram a ser considerados pelos pares como socialmente retirados revelem dificuldades de adaptação psicossocial semelhantes aos que passaram a ser identificados como tal nos domínios da retirada social, exclusão e vitimização. Simultaneamente, prevemos que estas duas trajetórias apresentem valores nestes índices de ajustamento significativamente superiores ao dos sujeitos que deixaram de ser apontados como socialmente retirados.

Por outro lado, e seguindo alguns estudos que realçam a importância conceptual e metodológica de se incluir as variáveis mudança e estabilidade no estudo do impacto das melhores amizades nas trajetórias desenvolvimentais (i.e. Berndt, 2004; Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006), esperamos que os diferentes padrões de amizade influenciem o

funcionamento socio-emocional dos sujeitos socialmente retirados. Mais concretamente, hipotetizamos que os sujeitos que ganharam uma amizade entre o primeiro e o segundo momento avaliativo registem um decréscimo significativo dos seus níveis de retirada social, exclusão e vitimização, relativamente aos que perderam ou aos que nunca tiveram uma amizade e, assim, não se distingam nestes índices daqueles que mantiveram uma melhor amizade. Por outro lado, prevemos que aqueles que perderam uma amizade aumentem significativamente os valores nos referidos índices de ajustamento, aproximando-se e não se diferenciando daqueles que nunca tiveram uma amizade — que, previsivelmente, terão os piores índices de ajustamento.

Finalmente, esperamos encontrar efeitos de interação entre deixar de ser considerado socialmente retirado e ganhar um amigo na diminuição dos níveis de retirada social, exclusão e vitimização, e, também, entre passar a ser considerado retirado e perder um amigo no aumento dos valores nos domínios supracitados.

De referir que todos os participantes destes três estudos fazem parte do projecto de investigação “Relações de amizade e com a família nas trajectórias de isolamento social em jovens adolescentes” (PTDC/PSI-PDE/098257/2008), financiado pela FCT e coordenado pelo Prof. Doutor António José dos Santos.

## 1º Estudo: Análise Fatorial Confirmatória Do Extended Class Play

### Participantes

A presente amostra é constituída por 465 adolescentes (dos quais 230 são do sexo feminino e 235 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos ( $M=13.32$ ;  $DP=1.35$ ), que frequentavam o 7º e 8º anos em duas escolas na zona da Grande Lisboa (Anexo A).

Os participantes foram avaliados em duas fases, concretamente nos anos letivos de 2009-2010 e 2010-2011. O primeiro grupo era composto por 204 participantes (dos quais 108 eram raparigas) com uma média de idades de 13.45 anos ( $DP = 1.40$ ), enquanto o segundo grupo continha 261 sujeitos (122 raparigas), cuja idade média era 12.88 anos ( $DP = 1.26$ ).

De modo a promover a resposta aos pedidos de participação, todos os estudantes que os devolveram receberam, independentemente da resposta, um pequeno brinde (uma caneta ou um porta-chaves). Assim, a taxa de consentimento dos encarregados de educação e dos próprios jovens foi superior a noventa por cento.

Os dados relativos ao nível socioeconómico dos participantes não foram recolhidos, mas as famílias habitantes do concelho em questão são maioritariamente de estatuto médio-baixo.

### Instrumento

Os participantes completaram o *Extended Class Play* (ECP; Burgess *et al.*, 2003), um instrumento que procura aceder às avaliações que os pares fazem do funcionamento e reputação sociais dos sujeitos.

Neste questionário de 37 itens, é pedido aos adolescentes para imaginarem que são os encenadores de uma peça de teatro para a qual deverão escolher, entre os seus colegas de turma, aqueles que melhor desempenhariam diversos papéis de valência positiva e negativa. Para o efeito, é fornecida a cada sujeito uma listagem de todos os seus colegas autorizados a participar e clarificado que cada papel pode conter apenas uma nomeação feminina e outra masculina, embora a mesma pessoa possa ser escolhida mais do que uma vez.

Apenas as nomeações entre sujeitos do mesmo género foram consideradas, de modo a evitar possíveis enviesamentos por estereótipos de género (Zeller *et al.*, 2003). Os valores obtidos para os itens foram estandardizados para o género e turma — para ajustar o número de nomeações recebidas ao número de nomeadores — e depois somados para cada uma das dimensões avaliadas.

Como vimos anteriormente, estes procedimentos têm sido amplamente utilizados na investigação que pretende estudar, quer o comportamento social, quer a reputação social, com recurso às nomeações de pares (Cillessen, 2009). Em particular, o *ECP* têm-se revelado válido para a avaliação do funcionamento social, não só em diferentes estudos (i.e., Burgess, Wojslawowicz Bowker, Rubin, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2006; Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006), como também em diferentes realidades culturais (i.e., na Coreia do Sul, Oh *et al.*, 2008) e ainda em diferentes faixas etárias (i.e. Booth-LaForce, Oh, Kennedy, Rubin, Rose-Krasnor, & Laursen, 2012).

Este instrumento permite caracterizar os sujeitos em diferentes dimensões, nomeadamente: Agressividade (9 itens; ex: *entra em muitas brigas*;  $\alpha=.86$ ); Timidez/ Retirada social (6 itens; ex: “*É muito tímido*”;  $\alpha=.78$ ); Vitimização/ Exclusão (8 itens; ex: “*É frequentemente ofendido ou insultado*”;  $\alpha=.91$ ); Comportamento prosocial (6 itens; ex: “*Ajuda os outros quando eles precisam*”;  $\alpha=.84$ ); Sociabilidade (5 itens; ex: “*Com quem todos gostam de estar*”;  $\alpha=.77$ ). Desta forma, valores médios mais altos em cada constructo indicam que o sujeito é visto pelos seus pares como mais agressivo, retirado, vitimizado/ excluído, prosocial ou popular.

No entanto, e como já foi igualmente referido, mais recentemente alguns autores têm procurado separar o fator da *Vitimização/ Exclusão* em duas dimensões diferenciadas (e.g. Menzer *et al.*, 2010). Assim, foi proposto um modelo alternativo composto por 6 fatores: Agressividade (9 itens;  $\alpha=.86$ ); Timidez/ Retirada social (6 itens;  $\alpha=.78$ ); Comportamento prosocial (6 itens;  $\alpha=.84$ ); Sociabilidade (5 itens;  $\alpha=.77$ ); Vitimização (3 itens;  $\alpha=.87$ ); e Exclusão (3 itens;  $\alpha=.86$ ), excluindo-se dois itens anteriormente pertencentes ao fator *Vitimização/ Exclusão* (“*É facilmente melindrável ou ofendido*”; “*Habitualmente está triste*”) por não caracterizarem particularmente bem qualquer um dos fenómenos (Menzer *et al.*, 2010).

## **Procedimento**

No âmbito do referido projeto de investigação no qual este estudo está inserido, foram contactadas as Direções de duas escolas da região da Grande Lisboa, tendo sido apresentados os seus objetivos e procedimentos de modo a obter a autorização para a recolha de dados.

Após a aprovação por parte das Direções, foi negociada com os diretores de turma a calendarização das visitas às escolas para a aplicação dos instrumentos. Foram ainda entregues aos alunos, através dos diretores de turma, envelopes dirigidos aos encarregados de

educação, que continham um folheto informativo sobre o projeto, bem como os respectivos pedidos de autorização para que os seus educandos pudessem participar. Após a obtenção desta autorização e do consentimento dos alunos, teve início a recolha de dados.

A administração dos instrumentos foi feita em grupo, em contexto de sala-de-aula, por dois membros da equipa de investigação treinados para o efeito. Os alunos foram informados que as suas respostas eram confidenciais, com fins unicamente científicos e que não havia respostas certas ou erradas. Foram ainda instruídos a não discutirem as respostas entre si, que se pretendiam espontâneas e reveladoras da forma de pensar de cada aluno. Cada sessão durou, aproximadamente, 45 minutos, tendo os adolescentes que não participaram no estudo permanecido na sala, a realizar trabalhos de casa ou outras tarefas atribuídas pelos professores.

### **Análise Estatística**

A validade fatorial do *ECP* numa amostra de adolescentes portugueses foi avaliada através de uma análise fatorial confirmatória com o *software* AMOS (v.19, SPSS Inc, Chicago, IL), como descrito em Marôco (2010). A fiabilidade compósita e a variância extraída média por cada fator foram avaliadas como descrito em Fornell e Larcker (1981, cit. por Marôco, 2010). A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de Mahalanobis (D2) e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (sk) e curtose (ku) uni- e multivariada. Nenhuma variável apresentou valores de Sk e Ku indicadores de violações severas à distribuição Normal ( $|Sk| < 3$  e  $|Ku| < 10$ , ver Marôco, 2010). Quarenta e cinco observações apresentaram valores de DM2 que sugeriam tratar-se de *outliers* ( $p_1$  e  $p_2 < 0.001$ ), pelo que foram excluídas da análise fatorial confirmatória.

A qualidade de ajustamento global do modelo fatorial foi feita de acordo com os índices e respetivos valores de referência descritos na tabela 4.1 de Marôco (2010), nomeadamente:  $\chi^2/df$ , CFI, GFI, PCFI, PGFI, RMSEA,  $P[rmsea \leq 0.05]$  e MECVI. A qualidade do ajustamento local foi avaliada pelos pesos fatoriais e pela fiabilidade individual dos itens, considerando-se valores superiores a 0.7 e 0.25, respetivamente, como indicadores adequados. O ajustamento do modelo foi feito a partir dos índices de modificação (superiores a 11;  $p < 0.001$ ) produzidos pelo AMOS e com base em considerações teóricas.

### **Apresentação dos Resultados**

O modelo hexafatorial do *ECP* original ajustado a uma amostra de 465 adolescentes revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ( $X^2/df=4.57$ ;  $CFI=.83$ ;  $GFI=.80$ ;  $PCFI=.74$ ;

$PGFI=.66$ ;  $RMSEA=.09$ ;  $P[rmsea\leq 0,05]<0.001$ ;  $MECVI=3.13$ ) (Anexo A). Este modelo foi comparado, tal como sugere Thompson (2004, cit. por Marôco, 2010), com modelos rivais, concretamente com o de fatores não correlacionados, tendo este revelado um mau ajustamento — o que permitiu excluí-lo enquanto modelo plausível ( $X^2/df=6.41$ ;  $CFI=.74$ ;  $GFI=.73$ ;  $PCFI=.78$ ;  $PGFI=.63$ ;  $RMSEA=.11$ ;  $P[rmsea\leq 0.05]<0.001$ ) (Anexo A).

De modo a melhorar o ajustamento do modelo, foram eliminadas quarenta e cinco observações *outliers* ( $p1$  e  $p2 < .001$ ), obtendo-se uma qualidade de ajustamento algo sofrível ( $X^2/df=3.46$ ;  $CFI=.85$ ;  $GFI=.83$ ;  $PCFI=.75$ ;  $PGFI=.68$ ;  $RMSEA=.08$ ;  $P[rmsea\leq 0.05]<0.001$ ) (Anexo A).

De seguida, procedeu-se à remoção de alguns itens que, do ponto de vista teórico, não pareciam representar e distinguir claramente o comportamento social a ser estudado e cujos índices de modificação (IM) não só apresentavam valores superiores a 11 (aumentando assim a probabilidade de erro tipo I), como sugeriam a saturação em fatores diferentes dos sugeridos na versão original do *ECP*. Assim, foram eliminados os itens 12 (“*sabe esperar pela sua vez*”) e 37 (“*é bem-educado*”) do fator “Comportamento prosocial”, o 17 (“*é considerado, respeitado e cujas opiniões são ouvidas por todos*”) da “Sociabilidade”, o 23 (“*é muito mandão*”) da “Agressividade” e, ainda, o 34 (“*fica nervoso quando participa em discussões de grupo*”) relativo ao da Retirada Social, de modo averiguar se o ajustamento do modelo poderia ser melhorado.

Adicionalmente, foram também correlacionados os erros de medida de itens pertencentes a um mesmo fator, pelo que foram incluídas trajetórias no modelo entre os resíduos dos itens 10 e 25 (fator “Comportamento prosocial”), 6 e 22 (“Socibilidade”), bem como 7 e 11 e 29 e 36 (“Agressividade”).

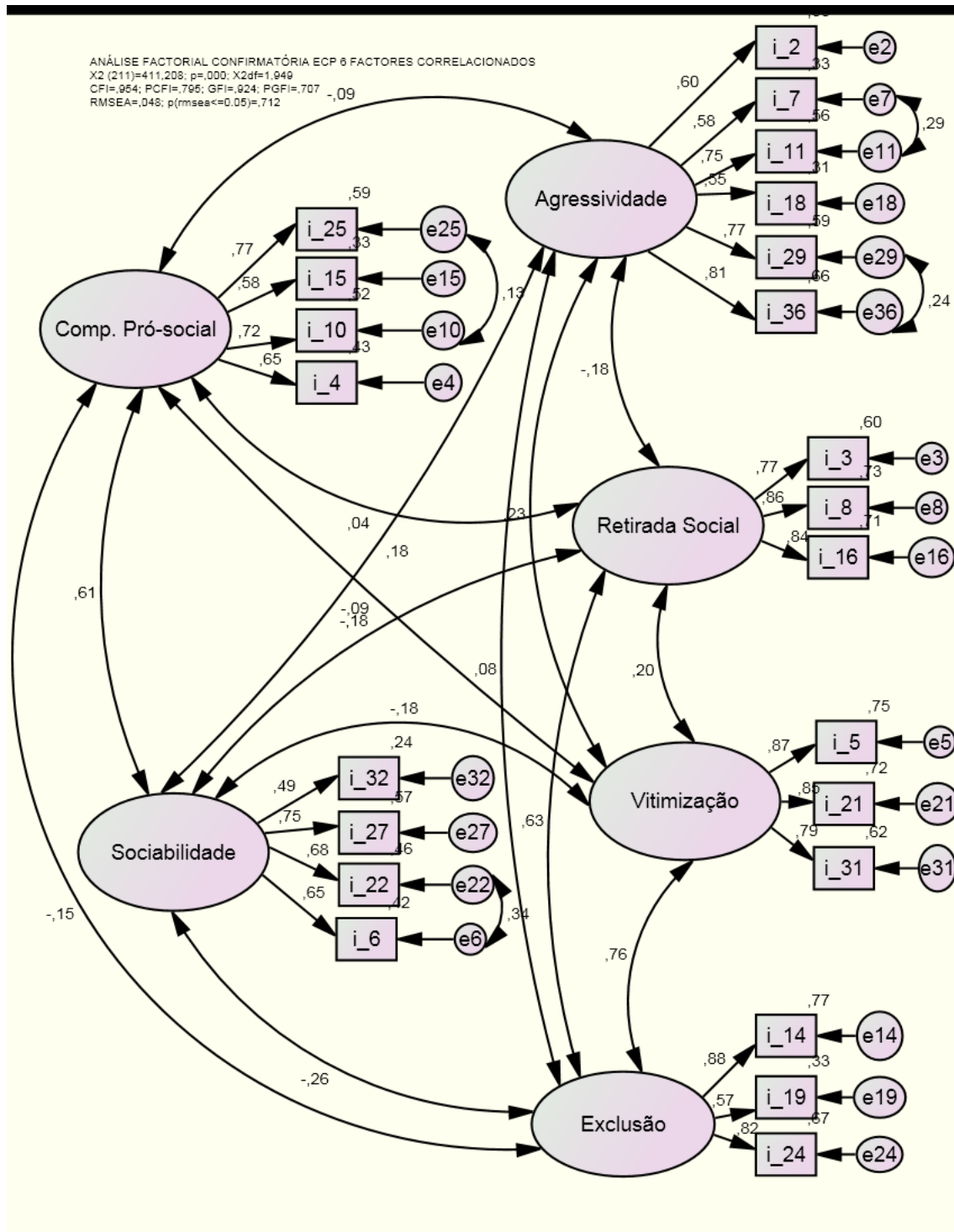
Desta forma, obteve-se uma qualidade de ajustamento bastante boa ( $X^2/df=1.95$ ;  $CFI=.95$ ;  $GFI=.92$ ;  $PCFI=.80$ ;  $PGFI=.71$ ;  $RMSEA=.05$ ;  $P[rmsea\leq 0.05]<.71$ ;  $MECVI=1.31$ ), em suporte da validade hexafatorial do *ECP*, passando este modelo, em função dos bons valores de ajustamento registados, a ser assumido como o Modelo Simplificado (Figura 1) (Anexo A).

Um teste de diferenças de  $X^2$  permitiu concluir que a qualidade de ajustamento deste modelo simplificado é significativamente superior à do modelo original na amostra sob estudo ( $X^2(124)=746.56$ ,  $p<0.05$ ), apresentando igualmente um *MECVI* consideravelmente menor (1.31 vs. 3.13), ou seja, é não só de melhor qualidade, como também mais parcimonioso (Anexo A).

Demonstrada a adequação da estrutura fatorial proposta para a amostra em estudo, também a fiabilidade compósita dos fatores se revelou elevada, sendo de .90 para a “Agressividade”, .80 para “Retirada social”, .79 para “Comportamento prosocial”, .77 para “Sociabilidade”, .81 para “Exclusão” e, finalmente, .93 para “Vitimização” (Anexo A).

A figura 1 apresenta os valores dos pesos fatoriais estandardizados e a fiabilidade individual de cada um dos itens no modelo final simplificado.

**Figura 1:** Modelo Simplificado do ECP ajustado a uma amostra de 465 adolescentes Portugueses



**Figura 1:** ( $\chi^2/df=1.95$ ;  $CFI=.95$ ;  $PCFI=.80$ ;  $GFI=.92$ ;  $PGFI=.71$ ;  $RMSEA=.05$ ;  $P[rmsea \leq 0.05] < .71$ ;  $AIC=541.21$ ;  $MECVI=1.31$ )

A variância extraída média (VEM) — um indicador de validade convergente dos fatores — revelou-se igualmente adequada, apresentando todos os fatores valores iguais ou superiores a 0.5 (.60 para “Agressividade”; .57 para “Retirada Social”; .49 para “Comportamento prosocial”; .46 para “Sociabilidade”; .60 para “Exclusão”; e .81 para “Vitimização”). Também a validade discriminante de todos os fatores foi demonstrada, na medida em que as suas correlações ao quadrado são consideravelmente inferiores aos valores de VEM de cada um dos mesmos (Tabela 1).

**Tabela 1:** Validade Convergente e Discriminante dos 6 Fatores sob estudo.

		<b>R</b>	<b>r<sup>2</sup></b>	<b>VEM A</b>	<b>VEM B</b>	<b>r<sup>2</sup>- VEM A</b>	<b>r<sup>2</sup>- VEM B</b>
<b>Agressivi- dade</b>	<b>Retirada Social</b>	-0,17	0,03		0,57	-0,56	-0,53
	<b>Vitimização</b>	0,23	0,05		0,81	-0,54	-0,76
	<b>Comp. Prosocial</b>	-0,09	0,01	0,59	0,49	-0,58	-0,80
	<b>Sociabilidade</b>	0,18	0,03		0,46	-0,56	-0,78
	<b>Exclusão</b>	0,08	0,01		0,60	-0,59	-0,80
<b>Retirada Social</b>	<b>Vitimização</b>	0,20	0,04		0,81	-0,53	-0,79
	<b>Comp. Prosocial</b>	0,04	0,00	0,57	0,49	-0,56	-0,49
	<b>Sociabilidade</b>	-0,18	0,03		0,46	-0,53	-0,43
	<b>Exclusão</b>	0,63	0,39		0,59	-0,17	-0,20
<b>Vitimização</b>	<b>Comp. Prosocial</b>	-0,09	0,00		0,49	-0,80	-0,48
	<b>Sociabilidade</b>	-0,18	0,03	0,81	0,46	-0,778	-0,43
	<b>Exclusão</b>	0,76	0,58		0,59	-0,23	-0,00
<b>Comp. Prosocial</b>	<b>Sociabilidade</b>	0,61	0,38	0,49	0,46	-0,11	-0,08
	<b>Exclusão</b>	-0,15	0,02		0,59	-0,47	-0,57
<b>Sociabili- dade</b>	<b>Exclusão</b>	-0,26	0,07	0,46	0,59	-0,39	-0,52

Finalmente, e de modo a avaliar possíveis variações nesta estrutura fatorial consoante o género e a idade, foram efetuadas mais quatro análises fatoriais confirmatórias — para raparigas e rapazes, bem como para sujeitos mais novos (idade inferior a 13 anos) e mais velhos (idade superior ou igual a 13 anos) —, obtendo-se em todas as vezes valores reveladores de boa qualidade de ajustamento da estrutura fatorial sob estudo (Tabela 2) (Anexo A).

**Tabela 2:** Qualidade de ajustamento global do modelo fatorial para Género e Idade.

	$\chi^2$	p	$\chi^2/df$	CFI	GFI	PCFI	PGFI	RMSEA	P
<b>Raparigas</b> (n = 201)	341.67	.000	1.62	.94	.88	.78	.67	.06	.18
<b>Rapazes</b> (n = 219)	352.13	.000	1.67	.94	.89	.78	.68	.06	.19
<b>&lt; 13 anos</b> (n = 201)	308.43	.000	1.46	.95	.89	.79	.68	.05	.60
<b>&gt;= 13 anos</b> (n = 219)	374.47	.000	1.78	.94	.88	.78	.67	.06	.10



## 2º Estudo: Relações Sociais de Jovens Socialmente Retirados

### Participantes

A presente amostra é constituída por 850 adolescentes (dos quais 418 são do sexo feminino e 432 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos ( $M=13.12$ ;  $DP=1.44$ ), que frequentavam o 7º e 8º anos em três escolas na zona da Grande Lisboa (Anexo B). Os participantes foram avaliados em três anos letivos, entre 2009-2010 e 2011-2012, tendo sido considerados para este estudo apenas os dados relativos ao primeiro momento de avaliação dos sujeitos. Assim, o primeiro grupo era composto por 353 adolescentes (dos quais 174 eram raparigas) com uma média de idades de 13.02 anos ( $DP = 1.23$ ), enquanto o segundo grupo continha 261 sujeitos (122 raparigas), cuja idade média era 13.16 anos ( $DP = 1.48$ ) e, finalmente, o terceiro consistia em 238 participantes (123 raparigas), com uma idade média de 13.22 ( $DP = 1.67$ ).

Os dados relativos ao nível socioeconómico dos participantes não foram recolhidos, mas as famílias habitantes do concelho em questão são maioritariamente de estatuto médio-baixo.

### Instrumento

**Extended Class Play (Burgess, Rubin, Wojslawowicz Bowker, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2003).**

Os participantes completaram o *Extended Class Play (ECP)*, um instrumento que, como já foi referido no primeiro estudo, procura aceder às avaliações que os pares fazem do funcionamento e reputação sociais dos sujeitos. O modelo que adotámos é aquele proposto por Menzer e colaboradores (2010), cuja estrutura hexafatorial foi validada e confirmada numa amostra de jovens portugueses. Assim, as dimensões do comportamento avaliadas consistem em: *Agressividade* (9 itens;  $\alpha=.83$ ); *Timidez/ Retirada Social* (6 itens;  $\alpha=.86$ ); *Comportamento prosocial* (6 itens;  $\alpha=.74$ ); *Sociabilidade* (5 itens;  $\alpha=.79$ ); *Vitimização* (3 itens;  $\alpha=.86$ ); e *Exclusão* (3 itens;  $\alpha=.83$ ) — Anexo B.

**Nomeações de amizade (Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994).**

Foi pedido aos participantes que indicassem o nome do seu “melhor amigo” e também do “segundo melhor amigo” da turma. No entanto, impôs-se como condição o facto de a escolha ter de recair sobre alguém do mesmo género que os sujeitos, uma vez que a literatura tem demonstrado, não só diferenças entre raparigas e rapazes nas suas relações de amizade

durante este período, mas também como são raras as nomeações entre pré-adolescentes de sexos opostos (Buhrmester, 1996; Bukowski, Gauze, Hoza, & Newcomb 1993; Fordham & Stevenson-Hinde, 1999).

Optou-se por se considerar para análise, não o número de vezes que cada sujeito era nomeado como melhor amigo, mas o número de amizades recíprocas, isto é, quando os jovens se escolhiam mutuamente nas suas primeira ou segunda nomeações – tendo, assim, sido definidos como “melhores amigos”. Foram pedidas apenas duas nomeações porque, de acordo com a literatura, as relações de amizade mais próximas têm maior impacto e importância no desenvolvimento emocional e social do que outras amizades (Urberg, Degirmencioglu, & Tolson, 1998). Deste modo, a identificação da melhor amizade neste estudo é semelhante ao procedimento utilizado em outros trabalhos sobre o fenómeno (i.e., Parker & Asher, 1993; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Com efeito, as análises revelaram uma grande prevalência de amizades recíprocas, com 65% dos adolescentes a apresentarem pelo menos um melhor amigo recíproco, o que é consistente com os resultados reportados na literatura (i.e., Parker & Asher, 1993).

### **Friendship Quality Questionnaire (Parker & Asher, 1993).**

O *Friendship Quality Questionnaire (FQQ)* é um questionário de autopreenchimento destinado a crianças e adolescentes, que procura avaliar a qualidade da amizade acedendo às percepções que os sujeitos têm de vários aspetos qualitativos da sua melhor amizade. É composto por quarenta itens (mais um de aquecimento) que se agrupam em seis subescalas: Companheirismo e Recreação, Validação e Cuidado, Partilha de Intimidade, Ajuda e Orientação, Conflito e Traição, Resolução de Conflito.

É pedido aos jovens que respondam a cada item numa escala de Likert de 5 pontos, entre “nada verdadeiro” (1) e “muito verdadeiro” (5), sendo a cotação invertida em sete itens (3, 9, 20, 21, 27, 31, 37). Para cada subescala, é feita a média das respostas aos itens que a constituem e, assim, valores mais elevados refletem maior qualidade da amizade.

Esta medida demonstrou fiabilidade e validade na amostra em estudo noutras análises (ver Freitas *et al.*, no prelo), tendo sido a qualidade do ajustamento do modelo fatorial proposto suportada por uma análise fatorial confirmatória ( $X^2(566)=1299,41$ ;  $X^2/df=2,30$ ;  $CFI=.96$ ;  $PCFI=.86$ ;  $RMSEA=.04$ ;  $P[rmsea\leq 0.05]=1$ ).

É importante referir que o preenchimento do *FQQ* foi feito após as nomeações de amizade, devendo reportar-se apenas àquela que os jovens identificaram como a sua melhor amizade — isto é, a sua primeira nomeação (que deveriam, adicionalmente, voltar a indicar

em todos os itens). Deste modo, com a adoção deste procedimento que considera apenas uma relação de amizade específica, já descrito em anteriores investigações (Parker & Asher, 1993; Fordham & Stevenson-Hinde, 1999), pretende-se desencorajar que as respostas sejam dadas com base na representação interna de uma amizade idealizada ou estereotipada, ou ainda num compósito de diferentes amizades.

As subescalas de valência positiva do *FQQ* (ou seja, todas à exceção da dimensão *Conflito e Traição*) revelaram-se fortemente correlacionadas (valores  $r$  entre .55 e .77 — Anexo B), o que vai ao encontro da literatura que demonstra que uma amizade com níveis elevados numa dada dimensão positiva tende a apresentar valores igualmente elevados nas restantes dimensões de valência positiva (Berndt, 1996; 2002). Assim, justifica-se a adoção dos procedimentos que recomendam a combinação destas dimensões num só score global de Qualidade da Amizade ( $\alpha=.95$ ), tendo sido esta medida a única utilizada neste estudo (Parker & Asher, 1989; Fordham & Stevenson-Hinde, 1999; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

## **Procedimento**

Este estudo surge na continuidade do trabalho anterior, ambos inseridos no já referido projeto de investigação longitudinal, pelo que adota procedimentos semelhantes no que diz respeito, quer aos contactos com as escolas, alunos e pais, quer na recolha dos dados. Com efeito, a iniciada para o primeiro estudo teve continuidade nessas duas escolas, às quais foi adicionada uma terceira, o que possibilitou o alargamento da amostra.

Cada sessão durou, aproximadamente, 90 minutos, tendo os adolescentes que não participaram no estudo permanecido na sala, a realizar trabalhos de casa ou outras tarefas atribuídas pelos professores.

A ordem de aplicação dos instrumentos foi pré-determinada: primeiro o *Extended Class Play*, depois as Nomeações de Amizade e, por último, o *Friendship Quality Questionnaire*, pelos motivos já descritos.

### **Identificação do grupo de adolescentes socialmente retirados e do grupo de controlo.**

Identificaram-se o *Grupo de Adolescentes Socialmente Retirados* e o *Grupo de Controlo* com base nas nomeações dos pares, isto é, através do *ECP*, seguindo o procedimento e critérios anteriormente utilizados (i.e., Ladd & Burgess, 1999; Burgess *et al.*, 2006; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006; Booth-LaForce & Burgess, 2006;

Fredstrom *et al.*, 2012). Assim, foram incluídos no *Grupo de Retirados* os sujeitos cujos valores estandardizados na dimensão de Timidez/ Retirada Social se encontravam no terço superior (percentil 67) e abaixo da mediana na dimensão de Agressividade. O *Grupo de Controlo* foi constituído pelos adolescentes que tinham valores estandardizados abaixo da mediana para estas mesmas dimensões.

Desta forma, da amostra inicial filtraram-se 163 sujeitos para o *Grupo de Retirados* (87 do sexo feminino; idade:  $M=12.88$ ,  $DP=1.28$ ), com um resultado estandardizado médio de 1.182 na dimensão de Retirada Social e de -.501 na Agressividade. Para o *Grupo de Controlo*, filtraram-se 199 sujeitos (95 do sexo feminino; idade:  $M=13.42$ ,  $DP=1.71$ ), cujo resultado estandardizado médio foi de -.477 na Retirada Social e de -.499 na Agressividade (Anexo B).

De modo a explorar as características dos dois grupos, concretamente para verificar se diferiam estatisticamente nos fatores do *ECP* de Retirada Social e de Agressão, foi realizada uma MANOVA 2 (Grupo: Retirados, Controlo) x 2 (Género). Tal como se esperava, encontrou-se um efeito de grupo significativo,  $F(1, 357)=235.63$ ,  $p<.001$ ; Wilks'  $\lambda = .43$ ,  $\epsilon^2 = .57$ , tendo sido os jovens *Retirados* classificados pelos seus pares como significativamente mais isolados do que os do *Grupo de Controlo*,  $F(1, 358)=245.57$ ,  $p<.001$ ,  $\epsilon^2 = .57$ . Não se verificaram diferenças significativas entre os grupos na dimensão da Agressividade,  $F(1, 358)=0.002$ , *ns*. Do mesmo modo, não houve efeito de género, nem interações significativas Grupo x Género (Anexo B).

### **Identificação das díades de melhores amigos.**

Com base nas nomeações recíprocas de amizade dos jovens *Retirados* e de *Controlo*, foram identificadas díades de melhores amigos para as análises sobre as suas características e a qualidade dessa relação, seguindo os procedimentos adotados noutras investigações (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Deste modo, quando um adolescente tinha duas amizades recíprocas, foi definido como seu par na díade aquele que correspondesse à sua primeira nomeação. Nas situações em que dois sujeitos do *Grupo de Retirados* eram amigos recíprocos, aquele que apresentasse o maior nível de Timidez/ Retirada Social era definido como “alvo”, enquanto o outro adolescente era integrado no grupo de “melhor amigo” correspondente – ou seja, o grupo dos “melhores amigos de jovens retirados”. Por outro lado, se dois jovens do *Grupo de Controlo* fossem amigos recíprocos, o que apresentasse o menor nível de Timidez/ Retirada Social era identificado como “alvo”, enquanto o outro era inserido no grupo dos “melhores amigos de jovens de controlo”. Finalmente, quando um sujeito do *Grupo de Retirados* e um do *Grupo*

*de Controlo* eram amigos recíprocos (10 situações), a escolha do “alvo” era feita aleatoriamente, sendo o outro adolescente colocado no grupo de melhores amigos correspondente.

É importante referir que 120 sujeitos foram excluídos, na medida em que se enquadravam em cenários nos quais era impossível determinar a existência de reciprocidade numa relação de amizade, nomeadamente quando: **a)** um sujeito, ou uma das suas nomeações (também participante) faltasse na data da recolha; **b)** um sujeito não-participante fosse nomeado; **c)** o questionário fosse incorretamente preenchido, isto é, indicando alguém de outro género, turma, ano ou mesmo de outro contexto que não o escolar.

Por outro lado, foram igualmente excluídos aqueles sujeitos que, mesmo apresentando amizades recíprocas, estavam envolvidos em tríades de amigos (14 situações), isto é, em situações em que três sujeitos se nomeavam entre si como melhores amigos. Desta forma, de modo a garantir que, nas análises, cada adolescente estava envolvido numa só amizade recíproca, privilegiou-se o critério da primeira nomeação, ou seja, o sujeito nomeado como “segundo melhor amigo” era excluído.

Assim, através destes critérios, 67 adolescentes retirados (39 raparigas e 28 rapazes) e 58 adolescentes de controlo (31 raparigas e 27 rapazes) formaram díades com os seus melhores amigos, com ambos os grupos a apresentarem uma percentagem superior a 90% de díades constituídas com base na primeira nomeação de amizade.

### **Apresentação dos Resultados**

De modo a responder aos objetivos delineados, a análise estatística utilizada consistiu na análise de variância uni e multivariada, realizada com recurso ao *software PASW Statistics* (v. 19, SPSS Inc, Chicago, IL), para um nível de significância ( $\alpha$ ) de 0.05.

#### **Relação com o grupo de pares.**

Com o propósito de explorar o funcionamento social dos adolescentes retirados, comparativamente ao do grupo de controlo, foi realizada uma MANOVA 2 (Grupo: Retirados, Controlo) x 2 (Género) x 2 (Grupo Etário: 10-12; 13-18) nas nomeações dos pares do *ECP* nas seis dimensões avaliadas — timidez/ retirada social, agressividade, vitimização, exclusão, comportamento prosocial, sociabilidade (consultar médias e desvios-padrão na Tabela 3).

**Tabela 3:** Resultados nas dimensões do *ECP* do Grupo de Retirados e do Grupo de Controlo

	Total (n=362)				Raparigas (n=182)				Rapazes (n=180)				10-12 (n=162)				13-18 (n=200)			
	Retirados		Controlo		Retirados		Controlo		Retirados		Controlo		Retirados		Controlo		Retirados		Controlo	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Retirada	1.18**	1.07	-.48**	.09	1.18	1.11	-.47	.09	1.18	1.03	-.49	.09	.95	1.07	-.48	.09	1.40	1,04	-.47	,09
Agressividade	-.50	.10	-.50	.11	-.51	.09	-.51	.11	-.49	.11	-.49	.10	-.50	.09	-.50	.10	-0,51	,11	-.50	,12
Vitimização	.12**	.88	-.36**	.46	.16	.86	-.36	.47	.08	.90	-.36	.45	.14	.96	-.31	.53	0,11	,80	-.40	,40
Exclusão	.44**	1.02	-.39**	.33	.56	1.03	-.39	.34	.29	.99	-.39	.33	.33	.90	-.39	.31	0,54	1,11	-.38	,35
Prosocial	.19**	.80	-.18**	.68	.18	.77	-.16	.71	.20	.84	-.20	.65	.35	.81	-.13	.69	0,03	,77	-.22	,67
Sociabilidade	-.23	.47	-.22	.60	-.29	.39	-.18	.65	-.16	.55	-.27	.56	-.17	.51	-.20	.59	-0,29	,43	-.24	,62

\*\*  $p < .001$

Foram detetados efeitos significativos para os grupos,  $F(5, 349)=90.15, p<.001$ ; Wilks'  $\lambda = .39, \varepsilon^2 = .60$ ; e também para a idade  $F(5, 349)=2.97, p<.01$ ; Wilks'  $\lambda = .951, \varepsilon^2 = .049$  (Anexo B). ANOVAs de *follow-up* revelaram que os jovens *Retirados* eram descritos pelos pares como significativamente mais isolados (tal como já foi referido),  $F(1, 354)=469.50, p<.001, \varepsilon^2=.57$ , vitimizados,  $F(1, 354)=41.22, p<.001, \varepsilon^2=.104$ , excluídos,  $F(1, 354)=110.04, p<.001, \varepsilon^2=.237$ , mas também mais prosociais,  $F(1, 354)=21.14, p<.001, \varepsilon^2=.056$ , do que os adolescentes do *Grupo de Controlo*. Não se verificaram diferenças significativas entre os grupos nas dimensões de Agressividade (tal como também já foi referido),  $F(1, 354)=.02, ns$ , e de Sociabilidade,  $F(1, 354)=.01, ns$ . Por outro lado, os adolescentes mais velhos (isto é, com idade igual ou superior a 13 anos) são descritos como significativamente mais retirados,  $F(1, 354)=8.60, p<.01, \varepsilon^2=.02$ , e menos prosociais,  $F(1, 354)=7.11, p<.01, \varepsilon^2=.02$ .

Finalmente, não se encontraram quaisquer efeitos de género  $F(5, 349)=1.55, ns$ , ou de interação Grupo x Género,  $F(5, 349)=1.51, ns$ , Grupo x Idade,  $F(5, 349)=1.67, ns$ , Género x Idade,  $F(5, 349)=1.54, ns$ , e Grupo x Género x Idade,  $F(5, 349)=.69, ns$ .

### **Relações de amizade.**

Para a análise das diferentes dimensões das relações de amizade dos jovens socialmente retirados, optou-se por não se incluir a variável independente “grupos de idade”, devido a: por um lado, os resultados preliminares não revelaram efeitos significativos; por outro lado, devido à seletividade da amostra baseada na especificidade dos critérios definidos para a constituição dos grupos e das díades de melhores amigos, a dimensão era consideravelmente menor, pelo que a inclusão de mais um fator poderia comprometer o poder das análises.

### ***Prevalência de relações de amizade nos grupos.***

Procurou avaliar-se se os adolescentes retirados diferiam dos jovens do grupo de controlo no número de relações recíprocas de amizade. Para isso, realizou-se uma ANOVA 2 (Grupo: Retirados, Controlo) x 2 (Género), que não detetou diferenças significativas entre os grupos,  $F(1, 237)=2.40, ns$ , nem efeitos de interação,  $F(1, 237)=1.02, ns$  (Anexo B). No entanto, há diferenças significativas entre os géneros, com as raparigas a terem mais amizades recíprocas do que os rapazes,  $F(1, 237)=6.32, p<.05, \varepsilon^2=.03$ .

***Características dos melhores amigos dos adolescentes retirados.***

De seguida, explorou-se a existência de diferenças no funcionamento social dos melhores amigos dos adolescentes retirados e dos sujeitos do grupo de controlo. Assim, realizou-se uma MANOVA 2 (Grupo: Melhores Amigos de Retirados, Melhores Amigos de Controlo) x 2 (Género) nas seis dimensões do *ECP* — Timidez/ Retirada social, Agressividade, Vitimização, Exclusão, Comportamento Prosocial e Sociabilidade (consultar médias e desvios-padrão na Tabela 4).

**Tabela 4:** Resultados nas dimensões do *ECP* do Grupo dos Melhores Amigos de Retirados e do Grupo dos Melhores Amigos de Controlo

	Total (n= 125)				Raparigas (n = 70)				Rapazes (n = 50)			
	MA		MA		MA		MA		MA		MA	
	Retirado	Controlo	Retirado	Controlo	Retirado	Controlo	Retirado	Controlo	Retirado	Controlo	Retirado	Controlo
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Retirada	0,17*	,96	-,16	,40	,26	1,06	-,21	,36	,05	,79	-,10	,44
Agressividade	-,13*	,57	,14	,66	-,17	,55	,06	,63	-,08	,60	,22	,68
Vitimização	,00	,80	-,06	,63	-,05	,81	-,05	,74	,08	,78	-,06	,49
Exclusão	,13**	,81	-,27	,37	,08	,82	-,33	,30	,20	,79	-,21	,44
Prosocial	,32	,85	,35	,75	,38	,80	,37	,77	,23	,91	,33	,74
Sociabilidade	,29	1,04	,27	,86	,35	1,12	,19	,89	,20	,92	,36	,84

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$

Para estas análises, foram utilizados os dados relativos ao “melhor amigo”, tendo os resultados revelado um efeito significativo para os grupos,  $F(5, 116)=3.33, p<.01$ ; Wilks’  $\lambda = .85, \varepsilon^2 = .15$ , com os melhores amigos dos jovens *Retirados* a serem descritos pelos seus pares como significativamente mais isolados  $F(1, 121)=5.18, p<.05$ ;  $\varepsilon^2 = .04$ , mais excluídos  $F(1, 121)=12.53, p<.01$ ;  $\varepsilon^2 = .094$  e ainda como menos agressivos,  $F(1, 121)=5.72, p<.05$ ;  $\varepsilon^2 = .045$ , do que os melhores amigos dos adolescentes do *Grupo de Controlo*. Não se verificaram diferenças significativas nas dimensões da vitimização,  $F(1, 121)=.26, ns$ , comportamento prosocial,  $F(1, 121)=.11, ns$ , ou sociabilidade,  $F(1, 121)=.00, ns$ , nem efeitos de interação significativos,  $F(5, 116)=.61, ns$  (Anexo B).

### *Qualidade da amizade.*

Explorou-se ainda a possibilidade de a qualidade da relação de amizade variar em função da pertença a um dos grupos, através da comparação das várias perspetivas possíveis: a dos sujeitos-alvo, a dos seus melhores amigos e, finalmente, procurando diferenças dentro da própria diáde (ver tabela 5 para médias e desvios-padrão).

**Tabela 5:** Média e Desvio-Padrão do *score* global de Qualidade da Amizade para Sujeitos-alvo e para os Melhores Amigos

	Total (n=125)				Raparigas (n=70)				Rapazes (n=55)			
	Retirado		Controlo		Retirados		Controlo		Retirados		Controlo	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Sujeitos-alvo	3.57	.80	3.76	.77	3.79	.77	3.97	.70	3.22	.74	3.52	.78
Melhores Amigos	3.71	.80	3.83	.71	3.92	.78	4.11	.56	3.39	.75	3.53	.73

De modo a avaliar a perspetiva do sujeito-alvo, realizou-se uma ANOVA 2 (Grupo: Retirados, Controlo) x 2 (Género), que não revelou efeitos significativos para o grupo,  $F(1, 109)=2.81$ , *ns*, mas sim para o género,  $F(1, 109)=12.37$ ,  $p<.01$ ;  $\epsilon^2 = .10$ . Ou seja, a perceção que os adolescentes *retirados* têm da qualidade da sua melhor amizade não é significativamente diferente da dos jovens de *controlo*. No entanto, as raparigas tendem a relatar uma amizade mais rica do que os rapazes. Finalmente, não foram encontrados efeitos de interacção significativos,  $F(1, 109)=.19$ , *ns* (Anexo B).

Por outro lado, efetuou-se uma ANOVA 2 (Grupo: Melhores Amigos de Retirados, Melhores Amigos de Controlo) x 2 (Género) para avaliar a existência de possíveis diferenças na qualidade da relação, mas agora na perspetiva do melhor amigo (Anexo B). Mais uma vez, não há diferenças significativas entre os grupos de melhores amigos,  $F(1, 110)=1.50$ , *ns*, mas apenas entre géneros,  $F(1, 110)=16.50$ ,  $p<.001$ ;  $\epsilon^2 = .13$ . Assim, os resultados indicam que os melhores amigos dos adolescentes retirados não veem a qualidade da sua amizade de modo diferente dos melhores amigos dos adolescentes de controlo e apenas a relação nas díades femininas é descrita como de maior qualidade. Não foram encontrados novamente efeitos de interacção significativos,  $F(1, 110)=.04$ , *ns*.

Finalmente, procurou-se averiguar se os sujeitos-alvo e os seus melhores amigos diferiam na perceção que têm quanto à qualidade da sua amizade (Anexo B). Para isso, realizou-se separadamente para cada grupo (*Retirados* e *Controlo*) uma ANOVA 2 (Díade: Alvo, Melhor Amigo) x 2 (Género). Esta análise revelou que não existem diferenças significativas na perspetiva que sujeitos-alvo e os seus parceiros na díade têm da qualidade da sua relação, nem nas díades do *Grupo dos Retirados*,  $F(1, 121)=1.17$ , *ns*, nem nas díades do *Grupo de Controlo*,  $F(1, 99)=.34$ , *ns*. Verificaram-se, porém, diferenças de género, com as raparigas a descreverem maior qualidade da amizade, nas díades de ambos os grupos — *Retirados*,  $F(1, 121)=17.95$ ,  $p<.001$ ;  $\varepsilon^2 = .129$ ; *Controlo*,  $F(1, 99)=13.64$ ,  $p<.001$ ;  $\varepsilon^2 = .12$ .

### **Funcionamento social dos adolescentes retirados com e sem amigos recíprocos.**

Por último, procurou compreender-se a importância da participação numa relação de amizade para os adolescentes socialmente retirados. Para isso, comparou-se o funcionamento social dos sujeitos do *Grupo de Retirados* que tinham, pelo menos, uma amizade recíproca com aqueles que não tinham, através de uma MANOVA 2 (Grupo: Retirados Com Amigo Recíproco, Retirados Sem Amigo Recíproco) x 2 (Género) nas dimensões do *ECP* (ver tabela 6 para médias e desvios-padrão).

Encontraram-se efeitos de grupo significativos,  $F(5, 123)=3.91$ ,  $p<.01$ ; Wilks'  $\lambda = .84$ ,  $\varepsilon^2 = .16$ , com ANOVAs de *follow-up* a demonstrarem que os sujeitos *retirados sem amigos recíprocos* são descritos pelos seus pares como mais excluídos,  $F(1, 128)=11.58$ ,  $p<.01$ ;  $\varepsilon^2 = .08$ , e vitimizados,  $F(1, 128)=7.59$ ,  $p<.01$ ;  $\varepsilon^2 = .06$ , mas também menos prosociais,  $F(1, 128)=17.10$ ,  $p<.001$ ;  $\varepsilon^2 = .19$ , e sociáveis,  $F(1, 128)=9.13$ ,  $p<.01$ ;  $\varepsilon^2 = .07$ . Verificou-se ainda uma tendência para que estes adolescentes sejam vistos também como mais retirados,  $F(1, 128)=3.46$ ,  $p=.065$ , *ns* (Anexo B).

Foi também encontrado um efeito de género,  $F(5, 123)=3.07$ ,  $p<.01$ ; Wilks'  $\lambda = .87$ ,  $\varepsilon^2 = .13$ , com as raparigas retiradas a serem descritas, comparativamente aos rapazes retirados, como mais excluídas,  $F(1, 128)=14.77$ ,  $p<.001$ ;  $\varepsilon^2 = .103$ , vitimizadas,  $F(1, 128)=10.00$ ,  $p<.01$ ;  $\varepsilon^2 = .07$ , e menos sociáveis,  $F(1, 128)=4.30$ ,  $p<.05$ ;  $\varepsilon^2 = .03$ .

**Tabela 6:** Resultados nas dimensões do *ECP* dos sujeitos do Grupo de Retirados consoante tenham ou não Amigos Recíprocos

	Total (n=132)				Raparigas (n=73)				Rapazes (n=59)			
	Com Amigo		Sem Amigo		Com Amigo		Sem Amigo		Com Amigo		Sem Amigo	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Retirada	1,00	1,04	1,30	1,01	1,01	1,11	1,66	1,09	,98	,91	1,08	,92
Agressividade	-,51	,09	-0,49	,12	-0,52	,10	-0,51	,10	-,51	,09	-0,48	,14
Vitimização	-,04	,73	0,23**	,81	-0,06	,75	0,81**	,99	-,02	,71	-0,11	,39
Exclusão	,26	,82	0,68**	1,16	0,27	,83	1,50***	,98	,26	,81	0,19	,98
Prosocial	,44	,89	-0,16***	,48	0,39	,79	-0,28	,50	,52	1,03	-0,08	,47
Sociabilidade	-,13	,52	-0,36**	,37	-0,22	,42	-0,46	,24	,01	,65	-0,31	,42

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

Finalmente, um efeito de interação foi revelado,  $F(5, 123)=3.57, p<.01$ ; Wilks'  $\lambda = .85, \epsilon^2 = .15$ , com as raparigas retiradas sem amigas a serem vistas pelos pares como mais excluídas,  $F(1, 128)=14.55, p<.001$ ;  $\epsilon^2 = .10$ , e vitimizadas,  $F(1, 128)=6.09, p<.01$ ;  $\epsilon^2 = .08$  (Anexo B).



### **3º estudo: Ajustamento Psicossocial de Jovens com Diferentes Trajetórias de Retirada Social e Padrões de Amizade**

#### **Participantes**

A presente amostra é constituída por 345 adolescentes (dos quais 171 são do sexo feminino e 174 do sexo masculino), que foram avaliados no início do ano letivo (T1) e cerca de um ano mais tarde (T2). No início do estudo, os participantes, cuja idade se compreendia entre os 11 e os 17 anos ( $M=12.95$ ;  $DP=1.19$ ), frequentavam o 7º e 8º anos em três escolas na zona da Grande Lisboa (Anexo C).

Os dados foram recolhidos em três anos letivos, entre 2009-2010 e 2011-2012, tendo sido considerados para este estudo apenas os sujeitos que preencheram as medidas em ambos os momentos (T1 e T2).

#### **Instrumentos**

**Extended Class Play (Burgess, Rubin, Wojslawowicz Bowker, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2003).**

Os participantes completaram o *Extended Class Play (ECP)*, que, como já foi referido nos estudos anteriores, procura aceder às avaliações que os pares fazem do funcionamento e reputação sociais dos sujeitos. Com base neste instrumento, foi possível avaliar o ajustamento psicossocial dos sujeitos, bem como identificar as *trajetórias desenvolvimentais de retirada social*.

**Nomeações de amizade (Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994).**

Tal como no estudo anterior, os participantes indicaram o nome do seu “melhor amigo” e também do “segundo melhor amigo”, necessariamente da mesma turma e género que o sujeito. Mais uma vez, foi considerado para análise o número de amizades recíprocas, a partir do qual foi possível identificar os *padrões de amizade*.

#### **Procedimento**

A recolha de dados foi feita de acordo com o procedimento adotado nos estudos anteriores, tendo em conta a continuidade do projeto de investigação longitudinal.

Assim, dois membros da equipa de investigação aplicaram dois questionários em grupo, em contexto de sala de aula. Cada sessão durou cerca de uma hora, tendo a ordem de

aplicação dos instrumentos consistido no *Extended Class Play*, seguido das Nomeações de Amizade.

### **Identificação das Trajetórias Desenvolvimentais de Retirada Social**

Através das nomeações dos pares do *ECP* em T1 e T2 e seguindo o mesmo procedimento e critérios utilizados no estudo anterior, bem como em outros trabalhos (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker, *et al.* 2006), identificaram-se os sujeitos socialmente retirados em cada um dos momentos avaliativos e, assim, as trajetórias desenvolvimentais de retirada social. Ou seja, os jovens eram considerados socialmente retirados em T1 ou em T2 se os seus valores estandardizados — em cada um dos momentos avaliativos — na dimensão de Timidez/ Retirada Social se encontravam no terço superior (percentil 67) e abaixo da mediana na dimensão de Agressividade.

Desta forma, da amostra inicial filtraram-se 115 sujeitos, que apresentavam três trajetórias desenvolvimentais distintas (Anexo C):

1. Retirados em T1 e T2 (46 sujeitos, 18 do sexo feminino; idade:  $M=13.67$ ,  $DP=1.03$ );
2. Retirados apenas em T1, mas não em T2 (37 sujeitos, 17 do sexo feminino; idade:  $M=13.89$ ,  $DP=.91$ );
3. Retirados apenas em T2, mas não em T1 (32 sujeitos, 17 do sexo feminino; idade:  $M=13.72$ ,  $DP=1.09$ );

### **Identificação dos Padrões de Amizade**

Com base nas nomeações de amizade em T1 e T2 dos 115 jovens incluídos nas três trajetórias de retirada social, foi possível avaliar a reciprocidade da amizade ao longo do tempo. Desta forma, de modo a captar a estabilidade e mudança nas melhores amizades durante o período de um ano, foram identificados quatro grupos com diferentes padrões de amizade (Anexo C):

1. Jovens com amigos recíprocos em T1 e T2 (49 sujeitos, 26 do sexo feminino);
2. Jovens com amigos recíprocos apenas em T1, mas não em T2 (25 sujeitos, 8 do sexo feminino);
3. Jovens com amigos recíprocos apenas em T2, mas não em T1 (20 sujeitos, 10 do sexo feminino);
4. Jovens sem amigos recíprocos em T1 e T2 (21 sujeitos, 8 do sexo feminino);

É importante referir que o padrão dos jovens que apresentam amizades recíprocas em ambos os momentos avaliativos inclui, não só aqueles que mantêm uma relação estável (isto é, com o mesmo amigo), mas também aqueles que estão consistentemente envolvidos numa relação recíproca, embora com pares diferentes. Isto porque, de acordo com Wojslawowicz Bowker *et al.* (2006), não existem diferenças ao nível do comportamento nem ou do ajustamento entre estes dois grupos, pelo que podem ser considerados como um único padrão.

### **Apresentação dos Resultados**

Os efeitos das trajetórias desenvolvimentais de retirada social e dos padrões de amizade sobre o ajustamento psicossocial foram avaliados através de uma série de análises de covariância (ANCOVA) 3 (Trajetória: retirados em T1 e T2, retirados em T1, retirados em T2) x 4 (Padrão: amigo em T1 e T2, amigo em T1, amigo em T2, sem amigo em T1 e T2), para cada uma das dimensões do funcionamento social em T2, usando os seus *scores* em T1 como covariáveis. Este método foi utilizado por permitir controlar estatisticamente efeitos espúrios entre as variáveis e diferenças nos estados iniciais dos sujeitos, o que possibilita uma análise mais precisa dos efeitos das variáveis independentes — trajetórias e padrões (Marôco, 2010). Todas as análises estatísticas foram efetuadas com o PASW *Statistics* (v. 19, SPSS Inc., Chicago), para um nível de significância ( $\alpha$ ) de 0.05.

#### **Análise preliminar.**

A tabela 7 apresenta as correlações entre as variáveis do *ECP* em T1 e T2 para os jovens incluídos nas trajetórias de retirada social. Os resultados revelam uma estabilidade moderada a forte entre T1 e T2 nas medidas do ajustamento, concretamente na retirada social ( $r = .45, p < .01$ ), vitimização ( $r = .55, p < .01$ ), exclusão ( $r = .59, p < .01$ ) e comportamento prosocial ( $r = .65, p < .01$ ). No entanto, as dimensões da agressividade ( $r = -.09$ ) e da sociabilidade ( $r = .22, p < .05$ ) apresentam correlações entre T1 e T2 inexistentes ou fracas, revelando-se relativamente independentes entre os dois momentos. Violam, assim, um dos pressupostos da ANCOVA — o da linearidade —, pelo que não foram incluídos nas análises que se seguem.

Realizou-se ainda uma análise preliminar, através do teste do Qui-Quadrado, para explorar possíveis diferenças de género na probabilidade de rapazes e raparigas serem incluídos nas trajetórias de retirada social ou nos padrões de amizade.

**Tabela 7:** Intercorrelações nas dimensões do ajustamento em T1 e T2 (N = 115)

	T1						T2					
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
T1												
1.Retirada		-,20*	,36**	,67**	-,30**	-,23*	,44**	,00	,25**	,47**	-,29**	-,15
2.Agressividade			,03	-,08	-,07	,17	,05	-,09	,07	-,07	,05	,03
3.Vitimização				,57**	-,26**	-,18	,03	,02	,59**	,36**	-,22*	-,20*
4. Exclusão					-,34**	-,27**	,37**	-,03	,48**	,57**	-,37**	-,18
5.Prosocial						,37**	-,14	-,13	-,17	-,24**	,65**	,21*
6. Sociabilidade							-,05	-,07	-,12	-,28**	,43**	,23*
T2												
7.Retirada								-,12	,24*	,63**	-,15	-,10
8.Agressividade									,07	-,05	-,07	,04
9.Vitimização										,56**	-,24**	-,13
10.Exclusão											-,39**	-,23*
11.Prosocial												,41**
12.Sociabilidade												

\* $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$

Os resultados não revelaram diferenças significativas para nenhuma das variáveis (trajetória:  $\chi^2 = 1.50$ ,  $p = .47$ ,  $N = 115$ ; padrões:  $\chi^2 = 3.60$ ,  $p = .31$ ,  $N = 115$ ), ou seja, ambas são independentes do género (Anexo C).

É ainda de realçar que, por uma questão de maior clareza, optámos por apresentar os resultados não por variável dependente, mas por cada um dos fatores considerados —

trajetórias de retirada social e padrões de amizade —, na medida em que nenhuma das ANCOVAs realizadas evidenciou efeitos de interação significativos entre eles.

### O ajustamento psicossocial e as trajetórias desenvolvimentais de retirada social

Os resultados demonstram que o fator trajetória desenvolvimental de retirada social influencia significativamente o nível de *retirada social* em T2 (tal como seria de esperar),  $F(2, 102) = 16.71, p < .001$ , bem como o nível de *exclusão* em T2,  $F(2, 102) = 5.81, p < .01$ , mesmo depois de contabilizar o efeito dos níveis iniciais, respetivamente, de retirada social e de exclusão como covariáveis (consultar médias ajustadas e erros-padrão na Tabela 8).

**Tabela 8:** Médias ajustadas e erros-padrão nas dimensões do ajustamento por trajetória desenvolvimental de retirada social

	Retirados em T1 e T2	Retirados em T1	Retirados em T2
Retirada	1.07(.14)	.01(.14)	.90(.17)
Vitimização	.17(.11)	-.02(.12)	.12(.14)
Exclusão	.53(.11)	-.01(.12)	.43(.15)
Prosocial	.15(.10)	-.02(.11)	.07(.13)

Análises de *follow-up* revelam que, quando a covariável retirada social em T1 é mantida no seu valor médio (.90), a trajetória com *score* médio mais baixo de retirada social em T2 é a dos jovens retirados apenas em T1 (.01 +/- .14), seguida dos jovens retirados apenas em T2 (.900 +/- .171) e, finalmente, em ambos os momentos (1.07 +/- .14). A análise de contrastes planeados entre a trajetória T1-T2 (referência) e as trajetórias T1 e T2 revela diferenças significativas apenas entre a trajetória dos jovens retirados só em T1 e a trajetória dos retirados em T1 e em T2 ( $\psi_1 = -1.05, t(102) = -5.43, p < .001$ ;  $\psi_2 = -.17, t(102) = -.37, ns$ ). Ou seja, os adolescentes que deixam de ser considerados pelos pares como retirados são significativamente menos retirados em T2 do que os que integram as outras duas trajetórias, mesmo controlando os seus níveis iniciais de retirada social. Por outro lado, os jovens retirados em T1 e em T2 não diferem significativamente daqueles que são vistos como retirados apenas em T2 (Anexo C).

No que diz respeito à exclusão, um padrão semelhante foi revelado por análises de *follow-up*. Assim, quando a covariável exclusão em T1 é mantida no seu valor médio (.37), a trajetória com *score* médio mais baixo de exclusão em T2 é a dos jovens retirados apenas em

T1 (-.01 +/- .12), seguida dos jovens retirados apenas em T2 (.43 +/- .15) e, finalmente, em ambos os momentos (.55 +/- .11). A análise de contrastes planejados entre a trajetória T1-T2 (referência) e as trajetórias T1 e T2 revela, mais uma vez, diferenças significativas apenas entre a trajetória dos jovens retirados só em T1 e a trajetória dos retirados em T1 e em T2 ( $\psi_1 = -.54$ ,  $t(102) = -3.29$ ,  $p = .00$ ;  $\psi_2 = -.10$ ,  $t(102) = -.54$ ,  $ns$ ). Isto é, os adolescentes retirados apenas em T1 são significativamente menos excluídos em T2 do que os jovens retirados em T1 e T2 ou apenas em T2, mesmo controlando os seus níveis iniciais de exclusão. Por outro lado, os jovens retirados em T1 e em T2 não diferem significativamente daqueles que são vistos como retirados apenas em T2 (Anexo C).

Finalmente, não foram revelados efeitos principais significativos para as variáveis de vitimização,  $F(2, 102) = .67$   $ns$ , ou de comportamento prosocial,  $F(2, 102) = .69$ ,  $ns$  (Anexo C).

### O ajustamento psicossocial e os padrões de amizade

O outro objetivo deste estudo consistia em avaliar o efeito da estabilidade do envolvimento em relações de amizade no ajustamento psicossocial (consultar médias ajustadas e erros-padrão na Tabela 9).

**Tabela 9:** Médias ajustadas e erros-padrão nas dimensões do ajustamento por padrão de amizade

	Amigo em T1 e T2	Amigo em T1	Amigo em T2	Sem amigo em T1 e T2
Retirada	.40(.12)	.82(.17)	.49(.19)	.93(.19)
Vitimização	-.20(.10)	.14(.15)	-.03(.16)	.45(.16)
Exclusão	-.03(.11)	.17(.15)	.16(.17)	.95(.17)
Prosocial	.36(.09)	-.06(.13)	.15(.14)	-.17(.15)

Foram revelados efeitos principais significativos dos padrões de amizade nas dimensões de *exclusão*,  $F(3, 102) = 8.04$ ,  $p < .001$ , *vitimização*,  $F(3, 102) = 4.07$ ,  $p < .01$ , e *comportamento prosocial*,  $F(3, 102) = 4.18$ ,  $p < .01$ , depois de contabilizar os respetivos efeitos dos seus níveis iniciais como covariáveis. Pelo contrário, não se verificaram diferenças significativas para a dimensão de retirada social em T2,  $F(3, 102) = 2.45$ ,  $ns$  (Anexo C).

Análises de *follow-up* revelam que, quando a covariável exclusão em T1 é mantida no seu valor médio (.37), o padrão de amizade com *score* médio mais baixo de *exclusão em T2* é

a dos jovens com amigos em T1 e T2 (-.03 +/- .11), seguida dos que têm amigos apenas em T1 (.17 +/- .14), dos com amigos apenas em T2 (.16 +/- .17) e, finalmente, dos sem amigos em nenhum dos momentos (.95 +/- .17) (Anexo C). A análise de contrastes planejados entre o padrão de amizade em T1 e T2 (referência) e os padrões de amizade em T1, amizade em T2, sem amigos recíprocos em T1 e T2 revelam diferenças significativas apenas entre os jovens com amigos recíprocos em T1 e T2 e os jovens sem amizades recíprocas em nenhum dos momentos ( $\psi_1 = .99$ ,  $t(102) = 4.85$ ,  $p < .001$ ;  $\psi_2 = .21$ ,  $t(102) = 1.12$ ,  $ns$ ;  $\psi_3 = .20$ ,  $t(102) = 1.01$ ,  $ns$ ). Os adolescentes que apresentam amigos recíprocos em T1 e T2 são, então, significativamente menos excluídos em T2 do que os jovens sem amigos recíprocos, mesmo controlando os seus níveis iniciais de exclusão. Não se verificaram diferenças significativas entre os restantes padrões de amizade.

O nível de *vitimização em T2* foi também influenciado pelos padrões de amizade. Deste modo, quando a covariável vitimização em T1 é mantida no seu valor médio (.16), o padrão de amizade com *score* médio mais baixo de vitimização em T2 é a dos jovens com amigos em T1 e T2 (-.20 +/- .10), seguida dos jovens com amigos apenas em T2 (-.03 +/- .16), dos jovens com amigos apenas em T1 (.14 +/- .15) e, finalmente, sem amigos em nenhum dos momentos (.45 +/- .16) (Anexo C). A análise de contrastes planejados entre o padrão de amizade em T1 e T2 (referência) e os padrões de amizade em T1, amizade em T2, sem amigos recíprocos em T1 e T2 revelam diferenças significativas apenas entre os jovens com amigos recíprocos em T1 e T2 e os jovens sem amizades recíprocas em nenhum dos momentos ( $\psi_1 = .66$ ,  $t(102) = 3.38$ ,  $p = .001$ ;  $\psi_2 = .35$ ,  $t(102) = 1.93$ ,  $ns$ ;  $\psi_3 = .17$ ,  $t(102) = .89$ ,  $ns$ ). Ou seja, os resultados indicam que os adolescentes sem amigos são significativamente mais vitimizados do que aqueles que mantiveram ou ganharam um amigo, mesmo controlando os níveis iniciais de vitimização. Nos restantes padrões não se verificaram diferenças significativas.

Finalmente, os padrões de amizade influenciaram também o *comportamento prosocial em T2*, de forma que, quando a covariável comportamento prosocial em T1 é mantida no seu valor médio (.21), o padrão de amizade com *score* médio mais baixo de comportamento prosocial em T2 é a dos jovens sem amigos em T1 e T2 (-.17 +/- .15), seguida dos com amigos apenas em T1 (-.06 +/- .13), dos com amigos apenas em T2 (.15 +/- .14) e, finalmente, dos com amigos em ambos os momentos (.36 +/- .09) (Anexo C). A análise de contrastes planejados entre o padrão de amizade em T1 e T2 (referência) e os padrões de amizade em T1, amizade em T2, sem amigos recíprocos em T1 e T2 revelam diferenças significativas entre o padrão de referência e o padrão de amizade em T1 ( $\psi_1 = -.42$ ,  $t(102) = -2.71$ ), bem como o

padrão sem amizades recíprocas ( $\psi_1 = -.53$ ,  $t(102) = -3.03$ ). O contraste com o padrão de amizade em T2 não foi significativo ( $\psi_2 = -.21$ ,  $t(102) = -1.19$ , *ns*). Ou seja, os sujeitos com amigos em T1 e T2 são significativamente mais prosociais do que os sujeitos sem amigos ou dos que têm uma amizade recíproca apenas em T1.

## Discussão

### Extended Class Play

Apesar de o *Extended Class Play* ter vindo a revelar-se válido em diferentes estudos e culturas (i.e., Menzer *et al.*, 2010; Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006), desconhecia-se a existência de confirmação empírica para a realidade nacional. Assim, procurámos, no primeiro estudo, testar a sua mais recente estrutura — a hexafatorial — numa amostra de adolescentes portugueses, analisando também a sua adequação para género e idade.

O modelo original (e.g. Menzer *et al.*, 2010) revelou, inicialmente, uma qualidade de ajustamento sofrível, mas, ainda assim, superior ao modelo rival com que foi comparado.

De modo a melhorar a qualidade de ajustamento eliminaram-se observações *outliers* e alguns itens, e correlacionaram-se erros de medida de itens pertencentes a um mesmo fator. Os 45 *outliers* eliminados eram os que apresentavam a maior distância quadrada de Mahalanobis, enquanto a decisão de remoção de alguns itens da escala original foi orientada, maioritariamente, por critérios teóricos, consubstanciados por evidência estatística. Tomando por exemplo o item 37 (“*é bem-educado*”) — originalmente pertencente à dimensão “Comportamento prosocial” — não parecia existir, *a priori*, qualquer fundamento teórico para considerar esta uma característica exclusiva desta dimensão, isto é, que, por exemplo, um sujeito identificado pelos seus pares como retirado ou até popular não o pudesse ser. Efetivamente, verificou-se que este item e o resíduo associado ao mesmo saturavam fortemente noutros dois fatores — o da Retirada Social e o da Sociabilidade —, pelo que se optou pela sua remoção, utilizando-se o mesmo raciocínio para os restantes itens eliminados (o 12, 17, 23 e 34). De igual modo, quando se observou a existência de fortes correlações entre erros relativos a itens de um mesmo fator, optou-se por adicionar esta trajetória ao modelo, uma vez que se considerou que esta associação se poderia dever à semelhança de conteúdo entre diferentes papéis que avaliam um mesmo comportamento social.

Estes procedimentos permitiram, então, a emergência de um modelo hexafatorial que revelou uma boa qualidade de ajustamento global e local, bem como fiabilidade compósita e validade fatorial, convergente e discriminante. Demonstrou ainda ser mais parcimonioso do que o modelo original investigado, pelo que foi adotado como o modelo final.

De salientar que esta estrutura apresenta, não só valores indicadores de qualidade de ajustamento superiores aos apresentados por Burgess *et al.* (2003; 2004) para a estrutura de cinco fatores, como ainda permite uma melhor distinção entre constructos conceptualmente

diferentes. De facto, nesta estrutura hexafatorial, não só existe maior diferenciação entre distintos tipos de agressividade e isolamento social, como também se distingue o fenómeno da exclusão social do da vitimização, à semelhança do que tem sido sugerido na investigação mais recente.

Adicionalmente, o modelo hexafatorial sob estudo, revelou ainda boa qualidade de ajustamento para género e idade. De facto, quando o modelo foi testado separadamente para raparigas e rapazes, bem como para sujeitos mais novos e mais velhos, a estrutura manteve-se estável e adequada aos dados. Assim, apesar das diferenças de género e idade que a investigação tem apontado no comportamento social dos sujeitos (i.e., Rose & Smith, 2009; Rubin *et al.*, 2009; Zeller *et al.*, 2003), os nossos dados apresentam-se, não só como mais conclusivos do que os reportados até ao momento relativamente ao *ECP*, como permitem afirmar esta estrutura como adequada para a realidade portuguesa.

Deste modo, este instrumento afigura-se como um importante método de avaliação do funcionamento, comportamento ou reputação social dos jovens portugueses, revelando várias vantagens. Desde logo, confia que os elementos de um dado grupo estão, não só preparados, como são também os melhores avaliadores dos seus colegas em diferentes domínios — comportamento, aceitação, estatuto, reputação social, ou qualquer outro (Moreno, 1934).

Depois porque na realidade portuguesa, à semelhança de outras, existe um grupo de referência estável de fácil identificação: a turma. De facto, habitualmente estas mantêm-se relativamente intactas de ano para ano, com exceção das grandes transições académicas (i.e., passagem do primeiro para o segundo ciclo, ou do terceiro ciclo para o secundário), o que permite que a maioria dos sujeitos se mantenha, evolua e desenvolva em conjunto durante vários anos e, assim, tenha um grande conhecimento mútuo.

Outra vantagem prende-se com o facto de as nomeações de pares serem um procedimento que permite captar as perspetivas daqueles que determinam, de facto, o estatuto e reputação social de cada indivíduo (Hymel & Rubin, 1985), de uma forma que os adolescentes habitualmente gostam, na medida em que não é muito diferente das avaliações que fazem diariamente e pelas quais regulam o seu comportamento (Cillessen, 2009).

Também todas as transformações cognitivas e sociais normativas da adolescência colocam os pares numa posição privilegiada de melhores informadores sobre os comportamentos dos colegas. Efetivamente, se as primeiras permitem uma maior acuidade e validade dos seus relatos, um dos traços distintivos desta fase é o facto de a maior parte das interações passar a ocorrer fora do alcance dos adultos, na privacidade, intimidade e multiplicidade de contextos a que apenas os pares têm acesso. Tal constitui-se como uma

enorme vantagem deste método, comparativamente a outros que confiam na observação ou em relatos de pais e/ ou professores: a possibilidade de obter, de forma mais eficaz e provavelmente mais válida, a perspectiva que os diversos colegas têm sobre uma grande variedade de comportamentos sociais que os adolescentes assumem, de forma espontânea, em contextos fora do espaço escolar e familiar.

Finalmente, este método, pela facilidade e rapidez da sua aplicação, permite a recolha de informações sobre muitos sujeitos, de diferentes escolas, idades, etnias e contextos socioeconómicos. Tal poderá ser importante no estudo da reputação e ajustamento psicossocial dos alunos no geral e, até, de fenómenos pouco investigados na realidade portuguesa, como o da retirada social.

Estes são alguns dos motivos pelos quais este instrumento tem sido tão utilizado nas últimas décadas, em investigações com objetivos diversos e em diferentes contextos culturais. Contudo, e face à sua permanente evolução, são necessários estudos que possam continuar a demonstrar a sua qualidade de ajustamento, fiabilidade, validade e adequação ao contexto cultural, género e idade.

Os resultados aqui apresentados sustentam a estrutura hexafatorial do *ECP*, ainda que julguemos ser importante a sua replicação — desejavelmente com uma amostra de dimensão superior — e a avaliação da estabilidade do modelo ao longo do tempo. Poderá ser igualmente interessante averiguar a concordância com outras medidas, nomeadamente as de avaliação por parte dos pais e/ ou professores.

## **Relações Sociais**

Sabendo-se a importância que as relações de pares assumem em qualquer etapa do ciclo vital, mas em particular na adolescência, procurámos, no segundo estudo, caracterizar as relações que os jovens socialmente retirados têm, quer com o seu grupo de pares, quer com os seus amigos, comparativamente a um grupo normativo.

### **Relação com o grupo de pares.**

No primeiro nível de complexidade supracitado, verificámos que os adolescentes retirados são descritos pelos seus pares como sendo significativamente mais isolados, vitimizados e excluídos do que os seus colegas, confirmando, assim, a nossa hipótese.

Deste modo, os nossos resultados somam-se a um grande corpo teórico constituído a partir de diversas investigações realizadas com amostras de diferentes culturas — americana, europeia e asiática (i.e., Boivin *et al.*, 1995; Gazelle & Rudolph, 2004; Hanish & Guerra,

2004; Hart *et al.*, 2000; Rubin *et al.*, 1993) —, ao demonstrarem que, também na realidade portuguesa, o fenómeno da retirada social se associa a grandes dificuldades na relação com os colegas, com estes sujeitos a serem, não só ativamente excluídos das atividades e conversas com os pares, como também vitimizados — física, verbal e relacionalmente — pelos mesmos.

Este tratamento por parte dos pares poder-se-á dever ao facto de, desde a idade escolar até à adolescência (mas sobretudo nesta), este comportamento de remoção da interação social e de manutenção à margem do grupo ser crescentemente percecionado pelos colegas como atípico, desviante e estranho face às expectativas e padrões sociais normativos (Rubin *et al.*, 2009; 2010). Esta ideia é reforçada pelo efeito significativo que foi encontrado para a idade, com os sujeitos mais velhos a serem descritos como mais retirados do que os mais novos, tal como defendido na literatura (i.e., Hymel *et al.*, 1990; Ladd, 2006; Younger *et al.*, 1989; 1993).

Por outro lado, o próprio comportamento tímido, receoso, ansioso e inseguro exibido por estes jovens socialmente retirados na relação com os colegas, para além de não acrescentar nada de positivo ao grupo (Rubin *et al.*, 2006), pode sugerir aos pares que se tratam de “alvos fáceis”, submissos e incapazes de retaliar (Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Assim, poder-se-á criar um ciclo negativo em que a retirada social potencia, com a idade, dificuldades na relação com o grupo de pares que, por seu turno, poderão levar ao desenvolvimento de um autoconceito pobre e promovê-la ainda mais enquanto estratégia de fuga a estes comportamentos de exclusão e vitimização. Obviamente, esta resposta não só se revela desajustada e ineficaz, como ainda os destaca mais pela negativa e os coloca numa posição de maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas de índole inter e intrapessoais (Rubin *et al.*, 2009).

Igualmente interessante é o facto de estes jovens serem descritos pelos pares como mais prosociais, algo que não tínhamos hipotetizado *a priori*. Este comportamento, habitualmente associado a competência social e a maior probabilidade de envolvimento em amizades da infância à adolescência (i.e., Buhrmester, 1990; Zeller *et al.*, 2003), pode, ironicamente, aumentar as suas dificuldades sociais (Oh *et al.*, 2008). De facto, ao apresentarem-se regularmente como prestáveis, simpáticos e atenciosos, estes jovens podem ser erradamente interpretados pelos pares, que os percecionam antes como demonstrações de vulnerabilidade, necessidade de agradar e incapacidade de afirmação ou defesa. Tal poderá, não só não os ajudar na melhoria da sua reputação ou relação social com o grupo, como ainda potenciar os comportamentos de exclusão e/ou vitimização a que vimos serem sujeitos.

## **Relações de amizade.**

### ***Prevalência da amizade.***

Concordante com a literatura e com a hipótese que definimos, verificámos que, apesar de todas as dificuldades descritas na relação com o grupo, não existiam diferenças significativas entre jovens socialmente retirados e jovens na condição de controlo em termos da probabilidade de terem uma melhor amizade (i.e., Bowker, Rubin, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2006; Ladd & Burgess, 1999; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006; Schneider, 1999).

Assim, parece que, do mesmo modo que ser socialmente competente não garante, por si só, sucesso no envolvimento numa relação de melhor amizade, ser socialmente retirado também não o impede. Ou seja, o desconforto, ansiedade e insegurança reveladas num contexto mais amplo — e que promovem um comportamento de retirada social e de exclusão e vitimização por parte dos pares —, não são obstáculos inultrapassáveis para o estabelecimento de uma melhor amizade.

A única diferença registada foi entre géneros, com as raparigas a terem mais amizades recíprocas do que os rapazes, talvez por privilegiarem as relações mais próximas e íntimas. De facto, perante os critérios de definição de amizade que estabelecemos, é possível que as raparigas — que têm relações mais exclusivas e menos extensivas (habitualmente díades ou tríades) do que os rapazes (que se incluem em grupos maiores) — tenham maior probabilidade de terem mais reciprocidades, na medida em que o número de colegas potencialmente elegíveis é menor.

### ***Características do Amigo.***

Apesar de não existirem diferenças na probabilidade de terem uma melhor amizade, concluímos que os amigos dos jovens socialmente retirados são mais isolados e excluídos (mas não vitimizados como tínhamos previsto), assim como menos agressivos do que os dos adolescentes do grupo de comparação — o que é consistente com a hipótese da homofilia definida pela literatura (i.e., Kupersmidt *et al.*, 1995; Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Assim, parece que perante todas as dificuldades psicossociais que estes sujeitos enfrentam, as possíveis escolhas de amizade estão limitadas a outros que também as vivem. Poder-se-á até especular que elas poderão mesmo ser cruciais na constituição desta amizade e, nesta linha de pensamento, que estas relações se poderão constituir, não com base numa escolha afetiva absolutamente livre e genuína, antes numa necessidade de validação e auxílio

perante os problemas que ambos sofrem. De facto, o cenário de “*misery loves company*” defendido por Rubin e colaboradores poderá ser traduzido para a nossa realidade como “mais vale acompanhado do que só”, sobretudo se por alguém que compreenderá, como ninguém, os problemas e impactos que estas dificuldades acarretam.

Deste modo, as vantagens desenvolvimentais frequentemente associadas à participação numa melhor amizade poderão estar comprometidas, sobretudo se a díade entrar em processos de ruminação e de lamentações recorrentes sobre as suas dificuldades intra e interpessoais, que apenas poderão reforçá-las e impedir uma verdadeira comunicação, ajuda e colaboração mútua e positiva na elaboração de estratégias de confrontação mais adequadas.

Assim, “*it is particularly unfortunate that socially withdrawn, anxious children have difficulty forming friendships of good quality with socially competent peers*” (Schneider & Tessier, 2007, p.340.), uma vez que tal poderia permitir a estes jovens retirados sair deste ciclo e cultivar amizades com outros que os pudessem ajudar, não só a ser mais competentes do ponto de vista social, como também a servir de elo de ligação entre eles e o grupo de pares. Efetivamente, se estes adolescentes conseguissem alterar um pouco as suas perceções sobre si próprios, sobre os outros e sobre as relações e, deste modo, se apresentassem ao grupo com um comportamento mais assertivo e adequado, talvez pudessem mudar a sua reputação social.

É igualmente interessante o facto de as análises realizadas não terem registado efeitos de género, o que faz pensar que esta é uma realidade válida tanto para raparigas, como para rapazes.

### ***Qualidade da Amizade.***

Seguindo as linhas de investigação mais recentemente sugeridas na literatura, procurámos uma avaliação da qualidade da amizade que abarcasse, quer a perspetiva dos sujeitos-alvo, quer a dos seus melhores amigos e, ainda, que averiguasse possíveis diferenças significativas entre elas.

A literatura tem preconizado que a homofilia facilita a formação e manutenção de relações de melhor amizade, mas dificulta que se caracterizem por ser de boa qualidade, na medida em que as baixas competências sociais de jovens socialmente retirados podem impedir que exista uma partilha de intimidade, uma sã capacidade de dar e receber e de ouvir e ajudar, assim como uma excessiva concentração sobre as suas próprias necessidades e dificuldades (Schneider & Tessier, 2007). De facto, diversos estudos têm demonstrado que estes sujeitos reportam uma qualidade de amizade inferior à relatada pelos seus colegas do

grupo de controlo, algo corroborado pelos seus melhores amigos (i.e., Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.* 2006; Schneider, 1999; 2009).

No entanto, na nossa investigação não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos níveis de análise considerados, isto é, a qualidade da amizade relatada não se distinguia entre sujeitos socialmente retirados e os de comparação, nem entre os seus melhores amigos, nem, ainda, no seio das díades consideradas (retirados ou de controlo). Assim, estes resultados contrariam os estudos anteriormente apresentados e não confirmam a hipótese que estabelecemos, indicando que os jovens socialmente retirados poderão ter uma qualidade de amizade semelhante à dos seus colegas, o que é também afirmado pelos seus melhores amigos. Deste modo, parece que estes indivíduos, não obstante todas as suas dificuldades, poderão, no contexto mais privado de uma melhor amizade, revelar as competências e a serenidade necessárias para cultivar uma relação íntima, de apoio, suporte, companheirismo e validação mútuos, bem como capaz de superar eventuais desentendimentos e conflitos e que seja recompensadora para ambos. Tal poderá ser benéfico para o seu ajustamento psicossocial ao longo do tempo, uma vez que tem sido demonstrado que os níveis de retirada social aumentam no seio de díades de amigos com amizades de média e baixa qualidade (Berndt *et al.*, 1999).

Outro dado relevante é o facto de não existirem diferenças dentro da díade, o que parece indicar que é equitativa e igualmente proveitosa para ambos os membros, isto é, que, ao contrário do observado por Schneider & Tessier (2007), os sujeitos socialmente retirados serão capazes de se descentrar das suas próprias necessidades e dificuldades, preocupar-se e interessar-se pelo amigo, corresponder às suas necessidades e expectativas e, assim, manter uma relação de boa qualidade e benéfica para ambos.

Uma explicação alternativa para estes resultados pouco coerentes com a literatura, poderá ser a tendência para, perante um questionário de autopreenchimento, os sujeitos darem respostas enviesadas e socialmente desejáveis ou baseadas numa representação ideal de amizade (i.e., Hymel *et al.* 1993). De facto, tem sido debatido na literatura (i.e., Rubin, 2004; Rubin *et al.*, 2008) se a avaliação da qualidade da amizade deverá ser feita desta forma mais subjetiva ou de outras mais objetivas (i.e., através de entrevistas semiestruturadas ou da observação de uma interação entre os sujeitos). Atendendo aos nossos resultados e a esta questão teórica ainda em aberto, seria interessante que futuros estudos averiguassem estes distintos níveis de análise com base em diferentes medidas de avaliação da qualidade da amizade.

A única diferença significativa detetada foi de género, com as raparigas a reportarem, em qualquer uma das três análises realizadas, maior qualidade de amizade, o que é consistente com a literatura existente para este período desenvolvimental (i.e., Parker & Asher, 1993; Rubin *et al.*, 2004). De facto, as raparigas podem sentir-se mais confortáveis com a expressão da intimidade e com a proximidade que uma melhor amizade exige, ou apenas com o formato do questionário, na medida em que os aspetos qualitativos lá representados poderão ser mais importantes para as elas do que para os rapazes (Rubin *et al.*, 2008). Assim, seria útil, uma vez mais, a utilização de outros métodos de avaliação que melhor pudessem aferir esta realidade e discernir em que pontos, concretamente, é que as raparigas são mais competentes do que os rapazes para terem amizades de melhor qualidade, ou alternativamente, para concluir que os questionários apenas se adaptam melhor à sua maneira de pensar quanto à forma e funções de uma amizade.

#### **Funcionamento social de retirados com e sem amigos.**

Por último procurámos averiguar se a amizade poderia funcionar como um fator protetor para os jovens socialmente retirados, comparando aqueles que tinham pelo menos uma amizade recíproca com os que não a(s) tinham. Assim, verificámos que estes últimos são significativamente mais excluídos e vitimizados (tal como previmos), assim como menos prosociais e sociáveis do que os primeiros e, tendencialmente, são ainda mais isolados.

Estes resultados confirmam a afirmação de Hartup que “*not one data set suggests that children with friends are worse off than children who do not have them*” (1996, p. 4). De facto, e apesar de todas as dificuldades interpessoais que vivem, ter um amigo parece proteger contra alguma exclusão e vitimização por parte do grupo de pares, tal como sugerido noutras investigações (i.e., Boulton *et al.*, 1999; Hodges *et al.*, 1999).

Deste modo, é possível que a participação numa melhor amizade lhes ofereça o suporte e ajuda necessárias para atenuar algumas das suas dificuldades sociocognitivas e emocionais e, assim, enfrentar os dilemas interpessoais com mais confiança e, conseqüentemente, exibir um comportamento social um pouco mais adequado. Efetivamente, são os próprios pares que reconhecem estas diferenças ao considerá-los mais prosociais e sociáveis do que os outros jovens igualmente retirados mas sem amigos, à semelhança do que foi demonstrado noutras investigações (Rubin, Wojslawowicz Bowker *et al.* 2006).

O que parece igualmente relevante realçar é o facto de, apesar de a existência de uma melhor amizade se associar a um ajustamento psicossocial um pouco melhor, ela não prevenir ou proteger estes adolescentes socialmente retirados de continuarem a ser excluídos e

vitimizados pelo grupo de pares, apenas de o serem menos. Assim, não obstante os benefícios de ter um melhor amigo, eles poderão ser limitados aos olhos dos colegas, ainda que seja possível que não o sejam a nível intrapessoal e mesmo interpessoal, mas a curto-prazo. De facto, continuando a demonstrar um comportamento mais adequado, não só o grupo poderá também mudar, progressivamente, a sua conduta, como também o sujeito tornar-se mais interessante e atraente como potencial amigo de outros colegas.

Registaram-se também diferenças de género, com as raparigas retiradas a serem mais excluídas e vitimizadas, bem como menos sociáveis do que os rapazes. Estes resultados parecem contrariar a ideia que a retirada social é, não só mais tolerada, como acarreta menos riscos de ajustamento psicossocial para o género feminino (i.e., Nelson *et al.*, 2005; Rubin *et al.*, 1993), mas vão ao encontro de alguns estudos que não confirmaram esta ideia com amostras constituídas por adolescentes (i.e., Gazelle & Rudolph, 2004). Assim, é necessário continuar a averiguar se estes dados demonstrados para a infância se aplicam igualmente em outras etapas do ciclo vital, assim como em diferentes culturas.

Foi ainda revelado um efeito de interação, com as raparigas retiradas sem amigos a serem descritas pelos pares como mais excluídas e vitimizadas. Este comportamento mais negativo por parte dos pares poder-se-á dever ao facto de, para eles, ser duplamente estranho não só o movimento de retirada social da interação com os pares, como ainda o facto de uma rapariga não ter uma melhor amizade. De facto, e uma vez que tem sido sugerido que as amizades poderão ser mais importantes para as raparigas enquanto para os rapazes será a inclusão num grupo (i.e., Maccoby, 1995), poderá existir uma expectativa social que as raparigas deverão sempre ter uma melhor amiga, uma vez que se afiliam em pequenas díades ou tríades caracterizadas por uma grande exclusividade e intimidade.

De uma forma geral, este estudo permitiu caracterizar as relações que os jovens socialmente retirados mantêm com o grupo de pares e com os seus amigos, confirmando, para a realidade nacional, muitos dos resultados encontrados noutras culturas.

Ainda assim, as análises relativas à amizade contaram com uma amostra de dimensão consideravelmente inferior, não só devido à especificidade dos critérios que definimos — considerar apenas as melhores amizades e com alguém do mesmo género, exigir reciprocidade como condição para a definição da sua existência ou excluir sujeitos que estivessem envolvidos numa tríade de amigos —, mas também porque alguns aspetos procedimentais poderiam ter sido melhor salvaguardados. De facto, foram excluídos muitos sujeitos porque ou eles ou os seus amigos faltaram na data de recolha agendada, impossibilitando-nos, deste modo, de determinar a existência, ou não, de uma amizade.

Assim, seria importante a marcação de uma sessão final que tenha como objetivo a aplicação dos instrumentos em falta aos diferentes alunos que poderão ter faltado, de modo a minimizar a perda de dados.

### **O Ajustamento Psicossocial Consoante Trajetórias de Retirada Social e Padrões de Amizade**

No terceiro estudo procurámos analisar o ajustamento psicossocial de sujeitos com diferentes trajetórias desenvolvimentais de retirada social e com diferentes padrões de amizade.

#### **O ajustamento psicossocial e as trajetórias desenvolvimentais de retirada social.**

Os resultados demonstram que os adolescentes que deixam de ser considerados pelos pares como retirados entre os dois momentos avaliativos considerados são significativamente menos isolados e excluídos em T2 do que os que continuam ou passam a sê-lo, mesmo depois de se controlar os níveis iniciais de cada um destes índices de ajustamento.

Não conseguimos, com base nos dados disponíveis, afirmar, com certeza, a razão pela qual estes sujeitos deixam de ser considerados retirados, apenas especular. Poderá ser por passarem a evidenciar um comportamento social mais adequado e próximo dos pares — talvez por terem alguém que os ajudou nas suas dificuldades e a alterar um pouco a perceção que tinham sobre si próprios e/ ou sobre os outros ou, ainda, por serem reconhecidos e valorizados em alguma atividade que façam bem (i.e., arte ou algum desporto). Mas também poderá ter acontecido que o próprio ambiente social se tenha tornado mais simpático, acolhedor e recetivo à sua presença e, assim, permitir que estes adolescentes possam, progressivamente, ser menos excluídos das atividades do grupo e ter a oportunidade para interagir e darem-se a conhecer melhor aos colegas.

É por esta razão que a literatura defende cada vez mais a importância de se adotar uma perspetiva pessoa-ambiente no estudo da retirada social, de modo a melhor elucidar sobre as influências mútuas e relações transacionais que se estabelecem entre o indivíduo e o mundo social que o rodeia (i.e., Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004).

Por outro lado, e tal como tínhamos previsto, os jovens que continuam a ser retirados entre T1 e T2 não diferem significativamente daqueles passam a ser vistos como tal apenas em T2, tanto na retirada social, como na exclusão. De facto, não foram reveladas diferenças significativas entre estes dois grupos em qualquer um dos quatro índices de ajustamento considerados, com os seus valores médios a serem muito semelhantes, demonstrando-se,

assim, que o comportamento de remoção da interação social com os pares e a manutenção à margem do grupo têm sempre consequências na relação com os colegas — em concreto, uma grande exclusão das atividades e conversas que o grupo tem —, independentemente da maior ou menor quantidade de tempo a que se verifica.

Finalmente, um dado inesperado mas interessante é o facto de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os sujeitos que deixaram de ser considerados retirados e os que continuaram ou passaram a sê-lo no domínio da vitimização. Parece que, apesar de um comportamento social mais positivo por parte dos adolescentes se associar a uma menor exclusão, não prevê diferenças significativas no nível de agressividade física ou verbal a que são sujeitos por parte dos pares (ainda que o valor médio do primeiro grupo seja inferior ao dos outros dois considerados). Deste modo, poderá ser mais fácil para o grupo deixar o sujeito participar nas suas atividades do que alterar a perceção que ele é alguém com pouca capacidade para se defender e impor e, assim, passar a dirigir estes comportamentos negativos a outros indivíduos.

### **O ajustamento psicossocial e os padrões de amizade.**

Procurámos ainda avaliar o efeito do envolvimento em e da estabilidade de relações de amizade no ajustamento psicossocial, concluindo que os sujeitos sem amigos em ambos os momentos avaliativos eram os que apresentavam o pior ajustamento, na medida em que tinham os valores médios mais elevados de retirada social, exclusão e vitimização e os mais baixos de comportamento prosocial — o que é concordante com outras investigações já realizadas (i.e., Parker & Seal, 1996; Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006).

Contudo, apenas foram encontradas diferenças significativas para os índices da exclusão e vitimização. Assim, no primeiro, estes jovens divergiam daqueles com amigos em ambos os momentos avaliativos, mas não dos que perderam ou ganharam um amigo entre T1 e T2. Tal faz-nos concluir que a estabilidade da amizade — e, mais concretamente as cognições e comportamentos socialmente adequadas que ela exige, assim como o suporte e segurança que ela pode transmitir — é um fator importante na prevenção de ser ativamente mantido na periferia do mundo social.

Por outro lado, estes sujeitos eram significativamente mais vitimizados do que os que mantiveram ou ganharam um amigo entre T1 e T2, o que confirma os diversos estudos que já tinham demonstrado o papel protetor que a amizade tem contra estes comportamentos (i.e., Wojslawowicz Bowker *et al.*, 2006; Hodges *et al.*, 1999). O facto de não se diferenciarem dos adolescentes que perderam um amigo parece indicar que os benefícios da amizade podem ser

limitados no tempo, na medida em que passam a ser mais vitimizados ao longo do tempo, provavelmente porque esta perda pode ser danosa para o indivíduo (i.e., Parker & Seal, 1996) e torná-lo mais vulnerável, solitário e deprimido e, conseqüentemente, um alvo fácil e apelativo para que os pares lhe possam endereçar este tipo de ações.

Concluiu-se ainda que os jovens socialmente retirados que mantiveram uma melhor amizade no tempo eram significativamente mais prosociais do que os que nunca tiveram nenhuma, ou do que os que apenas tiveram em T1. Este resultado demonstra que a manutenção de uma relação de amizade implica alguma qualidade da mesma (Berndt, 2004) o que, por seu turno, só é possível se ambos os membros da díade forem capazes de ser leais, de dar e receber, de partilhar e ouvir e de se ajudar mutuamente. Aqueles menos competentes nestas interações, terão, provavelmente, maiores dificuldades em manter relações próximas e íntimas que consigam persistir no tempo e resistir a todas as mudanças que caracterizam a adolescência.

Atendendo aos resultados obtidos no nosso segundo estudo, no qual verificámos que os jovens socialmente retirados com amigos eram menos excluídos e vitimizados, mais prosociais e sociáveis e, ainda, tendencialmente menos isolados do que os que não os tinham, assim como a outros dados da literatura que demonstraram que a inexistência ou instabilidade da amizade prevê um aumento dos níveis de retirada social ao longo do tempo (Oh *et al.*, 2008), esperávamos encontrar efeitos significativos dos padrões de amizade no comportamento de remoção da interação com os pares. Mais concretamente, hipotetizámos que a manutenção e ganho de uma amizade pudessem prever uma diminuição deste comportamento, o que não se verificou.

Tal parece-nos reforçar a ideia de Hartup (1996) que é necessário estudar a amizade nas suas diferentes faces e não apenas na sua existência ou não e na sua estabilidade, na medida em que é possível que sejam as características dos amigos e a qualidade da relação que os sujeitos estabelecem entre si os aspetos que poderiam ajudar a compreender este resultado. De facto, se um jovem socialmente retirado mantiver ou passar a ter uma amizade com outro que enfrente as mesmas dificuldades psicossociais e construírem uma relação baseada na ruminação sobre elas, provavelmente não conseguirão encontrar estratégias mais adequadas do que a fuga ou o isolamento dos colegas.

Assim, e tendo em mente que diversos estudos têm atestado que diferenças nestas dimensões ajudam a explicar a variabilidade no ajustamento psicossocial dos sujeitos (i.e., Asher & Paquette, 2003; Berndt *et al.* 1999; Brendgen *et al.* 2010; Bowker *et al.* 2007; Oh *et al.* 2008), estudos futuros deveriam incluí-las, de modo a melhor compreender o papel da

amizade no comportamento de retirada social e, sobretudo, em que circunstâncias é que ela poderá funcionar como fator protetor ou de risco. A consideração das mesmas poderia ainda ajudar a compreender a inexistência dos efeitos de interação que esperávamos encontrar entre as trajetórias de retirada social e os padrões de amizade no ajustamento psicossocial dos sujeitos.

Seria igualmente interessante que as próximas investigações pudessem contar com mais sujeitos, uma vez que, ao considerarem-se dois fatores — as trajetórias de retirada social e os padrões de amizade —, alguns grupos ficaram, não só com poucos indivíduos, como também pouco equilibrados na sua constituição por género e idade. Tal impossibilitou a análise destas duas variáveis, mas parece relevante averiguar a existência de possíveis diferenças entre raparigas e rapazes, assim como entre sujeitos mais novos e mais velhos.

Por último e de modo a cumprir os seus requisitos das análises utilizadas (ANCOVA), não foram incluídas as dimensões da Agressividade e da Sociabilidade, mas parece importante que futuramente se possa averiguar como diferentes trajetórias de retirada social e padrões de amizade as influenciam ao longo do tempo.

### **Direções Futuras**

A nossa investigação permitiu a validação de um instrumento para a avaliação, assim como uma caracterização das relações sociais e sua influência no ajustamento psicossocial de jovens socialmente retirados.

Aprofundando um pouco mais, demonstrámos a necessidade de se adaptar as medidas a cada contexto cultural — na medida em que a avaliação do comportamento social depende sempre da realidade considerada — ao obtermos um modelo de boa qualidade e adequado para género e idade após a remoção de alguns itens que não pareciam capazes de definir clara e especificamente diferentes condutas.

Adicionalmente, confirmou as dificuldades sociais que estes adolescentes que se retiram das interações sociais enfrentam na relação com os seus colegas, sendo frequentemente excluídos das atividades e vitimizados física e relacionalmente. De facto, mesmo quando deixam de ser considerados pelos pares como tal entre dois momentos de tempo, estes sujeitos deixam de ser tão excluídos quanto os que o continuam ou passam a ser, mas não menos vitimizados.

No entanto, também verificámos que estas mesmas dificuldades não são impeditivas do estabelecimento de relações de melhor amizade e boa qualidade, ainda que habitualmente com outros pares também eles mais retirados e excluídos. Constatámos ainda que estas

relações mais próximas, apesar de não protegerem no imediato contra todos os problemas vividos com o grupo mais alargado, defendem os jovens socialmente retirados de as experienciarem num grau mais elevado, permitindo mesmo que sejam percebidos pelos pares como mais prosociais e sociáveis. Por outro lado, a curto-prazo, a manutenção destas relações previne igualmente a exclusão e vitimização, mas não o comportamento de retirada social, o que nos remete para a já referida necessidade de futuras investigações longitudinais que possam incluir nas análises, não apenas os padrões de amizade destes adolescentes, mas também discriminar qual a identidade destes amigos e a qualidade da relação que estabelecem entre si ao longo do tempo e as suas influências no ajustamento psicossocial dos sujeitos.

A nossa investigação pretende apenas ser o início de muitas outras sobre o fenómeno da retirada social na realidade portuguesa, na medida em que muitas questões continuam em aberto, nos mais diversos domínios.

Efetivamente, mesmo no domínio social que aqui abordámos, também seria interessante incluir outras dimensões que pudessem caracterizar melhor a relação que estes jovens mantêm com o grupo de pares, concretamente a aceitação/rejeição ou o estatuto social. Por outro lado, no nosso estudo utilizámos apenas as melhores amizades recíprocas — pela sua maior influência no desenvolvimento sócioemocional (i.e., Urberg *et al.*, 1998) —, com sujeitos do mesmo género — por ainda serem raras as nomeações ao sexo oposto nesta fase (i.e., Brendgen *et al.*, 2010; Haselager *et al.*, 1998) — e, por questões metodológicas, com alguém da mesma turma. Contudo, seria interessante considerar também um critério mais abrangente, que pudesse incluir as amizades com pares de género oposto ou mesmo de outros contextos, de modo a esclarecer se os indivíduos que tratamos como não tendo amigos, não os têm mesmo, ou não os têm apenas devido aos critérios definidos e, assim, aferir melhor o valor protetor da amizade nos comportamentos de retirada social.

Por outro lado, só foram considerados dois dos níveis de complexidade definidos por Hinde (1987), faltando o interacional e o individual. Relativamente ao primeiro, a literatura tem demonstrado que os sujeitos socialmente retirados são menos competentes e assertivos na resolução de conflitos ou dilemas interpessoais, bem como mais inibidos e menos comunicativos e afetivos na relação com os seus amigos, comparativamente com os seus pares (i.e. Rubin & Burgess, 2001; Schneider, 1999; Schneider, 2009). Assim, parece-nos relevante que futuros estudos possam incluir a observação de uma interação entre um jovem retirado e um amigo, bem como entre aquele e um outro colega qualquer. Deste modo, conseguir-se-ia, não só detalhar o comportamento e comunicação destes indivíduos na interação social, mas também averiguar possíveis diferenças consoante o parceiro é ou não

próximo — à semelhança do que foi feito por Burgess *et al.* (2006). Adicionalmente, permitiria ainda, no primeiro cenário descrito, aferir melhor a qualidade da amizade entre os sujeitos, tal como sugerimos na discussão do nosso segundo estudo.

Já no que diz respeito ao nível individual, a retirada social tem sido consistentemente associada — concorrente e preditivamente — a uma série de dificuldades de internalização — como sintomatologia ansiosa e depressiva, sentimentos de solidão ou baixa autoestima (i.e., Prior *et al.*, 2000; Rubin *et al.*, 1995). Nesta linha de pensamento, dever-se-iam incluir igualmente variáveis dependentes de cariz mais individual, que pudessem avaliar o impacto que a retirada social tem, não só no ajustamento inter, mas também intrapessoal.

Para além deste domínio social, é igualmente necessário o estudo das relações que os jovens socialmente retirados têm com os seus pais. A literatura tem afirmado que são caracterizadas pela insegurança (i.e., Calkins & Fox, 1992), por crenças parentais que o filho é vulnerável (i.e., Rubin *et al.*, 2010), assim como práticas marcadas pela excessiva proteção, intrusividade e autoridade quanto ao que fazer e como fazer (i.e., Barber *et al.*, 1994). Contudo, para além da maioria destes dados resultar de investigações realizadas na infância, desconhecemos a existência de estudos sobre este tema no nosso contexto cultural, pelo que é uma área de trabalho que deve ser explorada.

Por outro lado, alguns autores têm verificado a importância das influências conjuntas e transacionais entre as relações precoces com os pais e as estabelecidas com os pares no comportamento de retirada social (i.e., Booth-LaForce *et al.*, 2012; Rubin *et al.*, 2004). Assim, e atendendo aos progressos estatísticos efetuados nas últimas décadas — concretamente análises multiníveis, como o *General Growth Mixture Modeling* (i.e., Oh *et al.*, 2008) —, seria interessante realizar um estudo longitudinal com pelo menos três momentos avaliativos que pudesse incluir e analisar variáveis individuais, familiares e sociais na identificação de diferentes trajetórias de retirada social ao longo do tempo, explorar os fatores que preveem a pertença a cada uma das classes e aqueles que protegem, mantêm ou exacerbam estes percursos desenvolvimentais.

Finalmente, também o domínio académico poderia ser estudado, concretamente o aproveitamento, mudança de meio e abandono escolar destes jovens, assim como a relação que estabelecem com os professores. De facto, uma parte substancial da vida dos adolescentes é passado em contexto de sala-de-aula, pelo que seria importante, não só averiguar o seu desempenho académico, como também recolher a visão que os professores têm deles e do seu funcionamento social e, assim, analisar se é ou não concordante com a dos pares.

Para além destas vias de compreensão dos jovens socialmente retirados nas suas dimensões individual, familiar, social e académica, poderia também ser relevante a aferição e validação de um outro instrumento para a sua avaliação: o *Child Social Preference Scale* (Coplan *et al.*, 2004). De facto, em estudos recentes, tem sido adaptado para diferentes idades e realidades culturais (i.e., Bowker & Raja, 2011), apresentando como grande vantagem relativamente ao *Extended Class Play* a possibilidade de distinguir as diferentes facetas da retirada social — o retraimento, o desinteresse e o evitamento. Deste modo, seria não só possível estudar este fenómeno em diferentes etapas do ciclo vital, como também determinar os diferentes riscos intra e interpessoais e as trajetórias desenvolvimentais associadas a cada uma delas.

O estudo do fenómeno da retirada social em Portugal é, então, embrionário, necessitando de muito trabalho futuro para que as suas causas, correlatos, consequências desenvolvimentais e fatores de proteção e/ou risco fiquem devidamente descritos e empiricamente demonstrados. Só depois se poderá aferir, verdadeiramente, o impacto que este comportamento poderá ter nos indivíduos nas suas diferentes dimensões de análise e, assim, abrir caminho para uma reflexão sobre eventuais estratégias de prevenção ou intervenção que sejam adequadas para estes indivíduos.

## Referências Bibliográficas

- About, F., & Mendelson, M. (1998). Determinants of friendship selection and quality: Developmental perspectives. In W. Bukowski & A. Newcomb (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 87–112). New York: Cambridge University Press.
- Anderson, K., Bohlin, G., & Hagekull, B. (1999). Early temperament and stranger wariness as predictors of social inhibition in 2 year olds. *British Journal of Developmental Psychology*, *17*, 421–434.
- Arbeau, K. & Coplan, R. J. (2007). Kindergarten teachers' beliefs and responses to hypothetical prosocial, asocial, and antisocial children. *Merrill-Palmer Quarterly*, *53*(2), 291-318.
- Asendorpf, J. (1990). Beyond social withdrawal: Shyness, unsociability and peer avoidance. *Human Development*, *33*, 250-259.
- Asendorpf, J. B. (1993). Abnormal shyness in children. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, *34*, 1069–1081.
- Asendorpf, J. (1994). The malleability of behavioral inhibition: A study of individual developmental functions. *Developmental Psychology*, *30*, 912–919.
- Asendorpf, J. B., Denissen, J. J. A., & van Aken, M. A. G. (2008). Inhibited and aggressive preschool children at 23 years of age: Personality and social transitions into adulthood. *Developmental Psychology*, *44*(4), 997-1011.
- Asher, S. R., & Coie, J. D. (1990). *Peer rejection in childhood*. New York: Cambridge University Press.
- Asher, S., & McDonald, K. (2009). The behavioral basis of acceptance, rejection, and perceived popularity. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 232–248). New York: Guilford Press.
- Asher, S., & Paquette, J. (2003). Loneliness and peer relations in childhood. *Current Directions in Psychological Science*, *12*(3), 75-78.
- Asher, S. R., Parker, J. G., & Walker, D. L. (1998). Distinguishing friendship from acceptance: Implications for intervention and assessment. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. (pp. 366-405). New York, NY US: Cambridge University Press.

- Bagwell, C. L., Newcomb, A. F., & Bukowski, W. M. (1998). Preadolescent friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *Child Development, 69*(1), 140-153.
- Bagwell, C. L., Schmidt, M. E., Newcomb, A. F., & Bukowski, W. M. (2001). Friendship and Peer Rejection as Predictors of Adult Adjustment. *New Directions for Child and Adolescent Development, 2001*(91), 25-50.
- Bandura, A., (1977). *Social learning theory*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1963). *Social learning and personality development*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Barber, B. K., Olsen, J. E., & Shagle, S. C. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development, 65*, 1120-1136.
- Benenson, J. F., & Christakos, A. (2003). The greater fragility of females' versus males' closest same-sex friendships, *Child Development, 74*, 1123–1129.
- Berndt, T. J. (1982). The features and effects of friendship in early adolescence. *Child Development, 53*, 1447-1460.
- Berndt, T. J. (1996). Exploring the effects of friendship quality on social development. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 346–365). New York: Cambridge University Press.
- Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current Directions in Psychological Science (Wiley-Blackwell), 11*(1), 7-10.
- Berndt, T. J. (2004). Children's Friendships: Shifts Over a Half-Century in Perspectives on Their Development and Their Effects. *Merrill Palmer Quarterly Journal of Developmental Psychology, 50*(3), 206-223.
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Jiao, Z. (1999). Influences of friends and friendships on adjustment to junior high school. *Merrill-Palmer Quarterly, 45*, 13–41.
- Berndt, T., & Hoyle, S. (1985). Stability and change in childhood and adolescent friendships. *Developmental Psychology, 21*, 1007-1015.
- Berndt, T. J. & McCandless, M. A. (2009). Methods for investigating children's relationships with friends. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski & B. Laursen (Eds.), *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups*. (pp. 63-81). New York, NY US: Guilford Press.

- Boivin, M., & Hymel, S. (1997). Peer experiences and social self-perceptions: A sequential model. *Developmental Psychology, 33*(1), 135–145.
- Boivin, M., Hymel, S., & Bukowski, W. (1995). The roles of social withdrawal, peer rejection, and victimization by peers in predicting loneliness and depressed mood in childhood. *Development and Psychopathology, 7*, 765–785.
- Boivin, M., Hymel, S., & Hodges, E. (2001). Toward a process view of peer rejection and harassment. In S. Graham & J. Juvonen (Eds.), *Peer harassment in school: The plight of the vulnerable and victimized* (pp. 265-289), New York: Guilford Press.
- Booth-LaForce, C., Oh, W., Kennedy, A. E., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Laursen, B. (2012). Parent and peer links to trajectories of anxious withdrawal from grades 5 to 8. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 41*(2), 138-149.
- Booth-LaForce, C. & Oxford, M.L. (2008). Trajectories of social withdrawal from grades 1 to 6: prediction from early parenting, attachment, and temperament. *Developmental Psychology, 44*(5), 1298-1313.
- Boulton, M. J., Trueman, M., Chau, C., Whitehead, C., & Amatya, K. (1999). Concurrent and longitudinal links between friendship and peer victimization: Implications for befriending interventions. *Journal of Adolescence, 22*, 461–466.
- Bowker, A. (2004). Predicting friendship stability during early adolescence. *Journal of Early Adolescence, 24*, 85–112.
- Bowker, J. C., & Raja, R. (2011). Social withdrawal subtypes during early adolescence in India. *Journal of Abnormal Child Psychology, 39* (2), 201-212.
- Bowker, J. C., & Rubin, K. (2008, July). Predicting adolescent social withdrawal and internalizing problems: The moderating role of friendship quality. In K. Rubin & J. C. Bowker (Co-chairs), *Individual differences in peer relationships and adjustment during childhood and adolescence: The consideration of individual, relationships, and cultural factors*. Symposium conducted at the biennial meetings of the International Society for the Study of Behavioral Development, Wurzburg, Germany.
- Bowker, J. C., Rubin, K. H., Burgess, K. B., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. (2006). Behavioral characteristics associated with stable and fluid best friendship patterns in middle childhood. [Article]. *Merrill-Palmer Quarterly, 52*(4), 671-693.
- Bowker, J. C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L. & Booth-LaForce, C. (2007). Good friendships, bad friends: Friendship factors as moderators of the relation between aggression and social information processing. *European Journal of Developmental Psychology, 4*(4), 1-20.

- Bowker, J. C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2008). Social withdrawal, negative emotion, and peer difficulties during late childhood. Unpublished manuscript.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Volume 1: Attachment*. London: The Tavistock Institute of Human Relations.
- Brendgen, M., Lamarche, V., Wanner, B. & Vitaro, F. (2010). Links Between Friendship Relations and Early Adolescents' Trajectories of Depressed Mood. *Developmental Psychology*, *46* (2), 491–501.
- Brown, B. B. (1990). Peer groups and peer cultures. In S. S. Feldman & G. R. Elliott (Eds.), *At the threshold* (pp. 171–196). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development*, *61*(4), 1101–1111.
- Buhrmester, D. (1996). Need fulfilment, interpersonal competence, and the development contexts of early adolescent friendship. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendships and their developmental significance* (pp. 158-185). New York: Cambridge University Press.
- Buhs, E., Ladd, G., & Herald-Brown, S. (2010). Victimization and exclusion: Links to peer rejection, classroom engagement, and achievement. In S. R. Jimerson & S. M. Swearer (Eds.), *Handbook of bullying in schools: An international perspective* (pp. 163-172). New York: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Bukowski, W. M., Gauze, C., Hoza, B., & Newcomb, A. F. (1993). Differences and consistency between same-sex and other-sex peer relationships during early adolescence. *Developmental Psychology*, *29*(2), 255-263.
- Bukowski, W. M., & Hoza, B. (1989). Popularity and friendship: Issues in theory, measurement, and outcome. In T. J. Berndt & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships in child development* (pp. 15-45). Oxford, England: Wiley.
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre- and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, *11*(3), 472–484.

- Bukowski, W. M., Newcomb A. F., & Hartup W. W. (Eds.) (1996). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bukowski, W. M., Sippola, L. K., & Newcomb, A. F. (2000). Variations in patterns of attraction same- and other-sex peers during early adolescence. *Developmental Psychology*, *36*(2), 147–154.
- Burgess, K., Rubin, K.H., Cheah, C., & Nelson, L. (2001). Socially withdrawn children: Parenting and parent-child relationships. In R. Crozier & L. E. Alden (Eds.), *The self, shyness and social anxiety: A handbook of concepts, research, and interventions*. New York: Wiley.
- Burgess, K. B., Rubin, K. H., Wojslawowicz Bowker, J. C., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2003). *The ‘Extended Class Play’: A longitudinal study of its factor structure, reliability, and validity*. Presented at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL.
- Burgess, K. B., Wojslawowicz Bowker, J. C., Oh, W., Rubin, K. H., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. (2004). *The ‘Extended Class Play’: A longitudinal study of its factor structure, reliability, and validity*. Unpublished manuscript under review.
- Burgess, K. B., Wojslawowicz Bowker, J. C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2006). Social information processing and coping strategies of shy/withdrawn and aggressive children: does friendship matter? *Child Development*, *77*(2), 371-383.
- Burk, W. J., & Laursen, B. (2005). Adolescent perceptions of friendship and their associations with individual adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, *29*, 156-164.
- Cairns, R. B., & Cairns, B. D. (1994). *Lifelines and risks: Pathways of youth in our time*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cairns, R. B., Cairns, B. D., Neckerman, H. J., Gest, S. D., & Gariépy, J.-L. (1988). Social networks and aggressive behavior: Peer support or peer rejection? *Developmental Psychology*, *24*(6), 815-823.
- Cairns, R. B., Leung, M., Buchanan, L. & Cairns, B. D. (1995). Friendships and Social Networks in Childhood and Adolescence: Fluidity, Reliability, and Interrelations. *Child Development*, *66*, 1330-1345.
- Calkins, S. D., & Fox, N. A. (1992). The relations among infant temperament, security of attachment, and behavioral inhibition at 24 months. *Child Development*, *63*, 1456–1472.

- Casiglia, A. C., Lo Coco, A., & Zappulla, C. (1998). Aspects of social reputation and peer relationships in Italian children: A cross-cultural perspective. *Developmental Psychology, 34*, 723-730.
- Caspi, A., Elder, G. H., & Bem, D. J. (1988). Moving away from the world: life-course patterns of shy children. *Developmental Psychology, 24*(6), 824–831.
- Caspi, A., Harrington, H., Milne, B., Amell, J. W., Theodore, R. F., Moffitt, T. E. (2003). Children's behavioral styles at age 3 are linked to their adult personality traits at age 26. *Journal of Personality, 71*, 495-513.
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3–20). New York: Guilford Press.
- Cheah, C. S. L., & Rubin, K. H. (2004). European american and mainland chinese mothers' responses to aggression and social withdrawal in preschoolers. *International Journal of Behavioral Development, 28*(1), 83-94.
- Chen, X., Cen, G., Li, D., & He, Y. (2005). Social Functioning and Adjustment in Chinese Children: The Imprint of Historical Time. *Child Development, 76*(1), 182-195.
- Chen, X., Chen, H., & Kaspar, V. (2001). Group social functioning and individual socio-emotional and school adjustment in Chinese children. *Merrill-Palmer Quarterly, 47*, 264–299.
- Chen, X., Chung, J., & Hsiao, C. (2009). Peer interactions and relationships from a cross-cultural perspective. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 379–393). New York: Guilford Press.
- Chen, X., DeSouza, A. T., Chen, H. & Wang L. (2006). Reticent behavior and experiences in peer interactions in chinese and canadian children. *Developmental Psychology, 42*(4), 656–665.
- Chen, X., Hastings, P. D., Rubin, K. H., Chen, H., Cen, G., & Stewart, S.(1998) Child-rearing attitudes and behavioral inhibition in chinese and canadian toddlers: A cross-cultural study. *Developmental Psychology, 34*(4), 677-686.
- Chen, X., He, Y., De Oliveira, A. M., Lo Coco, A., Zappulla, C., Kaspar, V., . . . DeSouza, A. (2004). Loneliness and social adaptation in Brazilian, Canadian, Chinese and Italian children: A multi-national comparative study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45*(8), 1373-1384.

- Chen, X., Rubin, K. H., & Sun, Y. (1992). Social reputation and peer relationships in Chinese and Canadian children. *Social Development, 3*, 269-290.
- Chen, X., Rubin, K. H., & Li, Z.-y. (1995). Social functioning and adjustment in Chinese children: A longitudinal study. *Developmental Psychology, 31*(4), 531-539.
- Chen, X., Rubin, K. H., Li, B., & Li, D. (1999). Adolescent outcomes of social functioning in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development, 23* (1), 199-223.
- Cillessen, A. (2009). Sociometric methods. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 82–99). New York: Guilford Press.
- Coplan, R. J. (2000). Assessing nonsocial play in early childhood: Conceptual and methodological approaches. In K. Gitlin-Weiner, A. Sandgrund, & C. Schaefer (Eds.), *Play diagnosis and assessment* (2nd ed., pp. 563–598). New York: Wiley.
- Coplan, R. J., Arbeau, K. A., & Armer, M. (2008). Don't fret, be supportive! Maternal characteristics linking child shyness to psychosocial and school adjustment in kindergarten. *Journal of Abnormal Child Psychology, 36*, 359–371.
- Coplan, R. J., & Armer, M. (2005). 'Talking yourself out of being shy': Shyness, expressive vocabulary, and adjustment in preschool. *Merrill-Palmer Quarterly, 51*, 20–41.
- Coplan, R. J., & Armer, M. (2007). A "multitude" of solitude: A closer look at social withdrawal and nonsocial play in early childhood. *Child Development Perspectives, 1*, 26–32.
- Coplan, R. J., Closson, L., & Arbeau, K. (2007). Gender differences in the behavioral associates of loneliness and social dissatisfaction in kindergarten. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 48*, 988–995.
- Coplan, R. J., Gavinsky-Molina, M. H., Lagace-Seguin, D., & Wichmann, C. (2001). When girls versus boys play alone: Gender differences in the associates of nonsocial play in kindergarten. *Developmental Psychology, 37*, 464–474.
- Coplan, R. J., Girardi, A., Findlay, L. C., & Frohlick, S. L. (2007). Understanding solitude: Young children's attitudes and responses towards hypothetical socially-withdrawn peers. *Social Development, 16*, 390–409.
- Coplan, R. J., & Prakash, K. (2003). Spending time with teacher: Characteristics of preschoolers who frequently elicit versus initiate interactions with teachers. *Early Childhood Research Quarterly, 18*, 143–158.

- Coplan, R. J., Prakash, K., O'Neil, K., & Armer, M. (2004). Do you “want” to play? Distinguishing between conflicted shyness and social disinterest in early childhood. *Developmental Psychology, 40*, 244–258.
- Coplan, R.J., Rose-Krasnor, L., Weeks, M., Kingsbury, A., Kingsbury, M., & Bullock, A. (2013). Alone is a crowd: Social motivations, social withdrawal, and socioemotional functioning in later childhood. *Developmental Psychology, 49*(5), 861-875.
- Coplan, R. J., & Rubin, K. H. (2008). Social withdrawal in childhood: Conceptual approaches, definitions, and methodological issues. In A. LoCoco, K.H. Rubin, & C. Zappulla (Eds.), *L'isolamento sociale durante l'infanzia*. Milano: Unicopli.
- Coplan, R. J., Rubin, K. H., Fox, N. A., Calkins, S. D., & Stewart, S. L. (1994). Being alone, playing alone, and acting alone: Distinguishing among reticence, and passive- and activesolitude in young children. *Child Development, 65*, 129–138.
- Coplan, R. J., & Weeks, M. (2010). Unsociability in middle childhood: Conceptualization, assessment, and associations with socioemotional functioning. *Merrill-Palmer Quarterly, 56*, 105–130.
- Coplan, R. J., Wilson, J., Frohlick, S. L., & Zelenski, J. (2006). A person-oriented analysis of behavioral inhibition and behavioral activation in childhood. *Personality and Individual Differences, 917–927*.
- Crick, N. R., & Nelson, D. A. (2002). Relational and physical victimization within friendships: Nobody told me there'd be friends like these. *Journal of Abnormal Child Psychology, 30*(6), 599–607.
- Crozier, W. R. (1995). Shyness and self-esteem in middle childhood. *British Journal of Educational Psychology, 65*, 85-95.
- Dekovic, M., Engels, R. C., Shirai, T., De Kort, G. & Anker, A. L. (2002). The role of peer relations in adolescent development in two cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 33*(6), 577-595.
- Dishion, T. J., Andrews, D. W., & Crosby, L. (1995). Antisocial boys and their friends in early adolescence: Relationship characteristics, quality, and interactional process. *Child Development, 66*, 139–151.
- Dishion, T. J., Eddy, J. M., Haas, E., Li, F., & Spracklen, K. (1997). Friendships and violent behavior during adolescence. *Social Development, 6*, 207–223.
- Dishion, T. J., McCord, J., & Poulin, F. (1999). When interventions harm: Peer groups and problem behavior. *American Psychologist, 54*(9), 755 – 764.

- Dodge, J. D., & Coie, J. D. (1998). Aggression and antisocial behavior. In W. Damon (Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3, Social, emotional, and personality development* (5th ed., pp. 779–862). New York:Wiley.
- Dykas, M. J., Ziv, Y., & Cassidy, J. (2008). Attachment and peer relations in adolescence. *Attachment & Human Development, 10*(2), 123-141.
- Erath, S. A., Flanagan, K. S., & Bierman, K. L. (2007). Social anxiety and peer relations in early adolescence: Behavioral and cognitive factors. *Journal of Abnormal Child Psychology, 35*, 405–416.
- Findlay, L. C. & Coplan, R. J. (2008). Come out and play: Shyness in childhood and the benefits of organized sports participation. *Canadian Journal of Behavioural Science/ Revue Canadienne des Sciences du Comportement, 40*(3), 153-161.
- Fordham, K., & Stevenson-Hinde, J. (1999). Shyness, friendship quality, and adjustment during middle childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 40*(5), 757–768.
- Fox, N. A., Henderson, H. A., Marshall, P. J., Nichols, K. E., & Ghera, M. M. (2005). Behavioral inhibition: Linking biology and behavior within a developmental framework. *Annual Review of Psychology, 56*, 235-262.
- Fox, N. A., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Calkins, S. D., & Schmidt, L. A. (2001). Continuity and discontinuity of behavioral inhibition and exuberance: Psychophysiological and behavioral influences across the first four years of life. *Child Development, 72*(1), 1-21.
- Fredstrom, B. K., Rose-Krasnor, L., Campbell, K., Rubin, K. H., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. B. (2012). Brief report: How anxiously withdrawn preadolescents think about friendship. *Journal of Adolescence, 35*(2), 451-454.
- Freitas, M., Correia, J. V., Santos, A. S., Ribeiro, O., & Fernandes, E., (no prelo). A qualidade da amizade na adolescência: Análise factorial confirmatória do Friendship Quality Questionnaire numa amostra portuguesa.
- French, D. C., Bae, A., Pidada, S., & Lee, O. (2006). Friendships of Indonesian, South Korean, and U.S. college students. *Personal Relationships, 13*(1), 69-81.
- Furman, W. (1996). The measurement of friendship perceptions: Conceptual and methodological issues. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendships in childhood and adolescence* (pp. 41-65). UK: Cambridge University Press.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985) Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology, 21*(6), 1016-1024.

- Gazelle, H. (2006). Class climate moderates peer relations and emotional adjustment in children with an early history of anxious solitude: A child x environment model. *Developmental Psychology, 42*, 1179–1192.
- Gazelle, H., & Ladd, G. (2003). Anxious solitude and peer exclusion: A diathesis-stress model of internalizing trajectories in childhood. *Child Development, 74*, 257–278.
- Gazelle, H., & Rubin, K. H. (2010). Social anxiety in childhood: Bridging developmental and clinical perspectives. In H. Gazelle & K. H. Rubin (Eds.), *Social anxiety in childhood: Bridging developmental and clinical perspectives. New Directions for Child and Adolescent Development* (pp. 1–16). San Francisco: Jossey-Bass.
- Gazelle, H., & Rudolph, K. (2004). Moving toward and away from the world: Social approach and avoidance trajectories in anxious solitary youth. *Child Development, 75*, 829–849.
- Gazelle, H., & Spangler, T. (2007). Early childhood anxious solitude and subsequent peer relationships: Maternal and cognitive moderators [Special issue: New findings from secondary data analysis: Results from the NIHCD Study of Early Child Care and Youth Development]. *Journal of Applied Developmental Psychology, 28*, 515-535.
- Gest, S., Graham-Bermann, S., & Hartup, W (2001). Peer experience: Common and unique features of number of friendships, social network centrality, and sociometric Status. *Social Development, 10*, 23-40.
- Gifford-Smith, M.E., & Brownell, C. A. (2003). Childhood peer relationships: Social acceptance, friendships, and peer networks. *Journal of School Psychology, 41*, 235-284.
- Güroğlu, B., van Lieshout, C. F. M., Haselager, G. J. T., & Scholte, R. H. J. (2007). Similarity and complementarity of behavioral profiles of friendship types and types of friends: Friendships and psychosocial adjustment. *Journal of Research on Adolescence (Blackwell Publishing Limited), 17(2)*, 357-386.
- Hanish, L. D., & Guerra, N. G. (2004). Aggressive victims, passive victims, and bullies: Developmental continuity or developmental change. *Merrill-Palmer Quarterly, 50*, 17–38.
- Hardy, C. L., Bukowski, W. M., & Sippola, L. K. (2002). Stability and change in peer relationships during the transition to middle-level school. *Journal of Early Adolescence, 22*, 117–142.
- Harrist, A. W., Zaia, A. F., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Pettit, G. S. (1997). Subtypes of social withdrawal in early childhood: Sociometric status and social-cognitive differences across four years. *Child Development, 68*, 278–294.
- Hart, C. H., Yang, C., Nelson, L. J., Robinson, C., Olson, J., Porter, C., Jin, S., Olsen, S., & Wu, P. (2000). Peer acceptance in early childhood and subtypes of socially withdrawn behaviour in China, Russia, and the United States. *International Journal of Behavioral Development, 24(1)*, 73–81.

- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. In R. F. Baumeister (Ed.), *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp. 87-116). New York: Plenum Press.
- Hartup, W. W. (1992). Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, *44*, 120-126.
- Hartup, W. W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development*, *67*, 1-13.
- Hartup, W. W., & Abecassis, M. (2002). Friends and enemies. In P. K. Smith & C. H. Hart (Eds.), *Blackwell handbook of childhood social development* (pp. 286–306). Malden, MA: Blackwell.
- Hartup, W. H., & Stevens, N. (1997). Friendships and adaptation in the life course. *Psychological Bulletin*, *121*, 355 – 370.
- Hartup, W. W., & Stevens, N. (1999). Friendships and adaptation across the life span. *Current Directions In Psychological Science*, *8*(3), 76-79.
- Haselager, G. J. T., Hartup, W. H., van Lieshout, C. F. M., & Riksen-Walraven, J. M. A. (1998). Similarities between friends and nonfriends in middle childhood. *Child Development*, *69*(4), 1198–1208.
- Hawley, P. (2003). Prosocial and coercive configurations of resource control in early adolescence: A case for the well-adapted Machiavellian. *Merrill-Palmer Quarterly*, *49*, 279–309.
- Hinde, R. A. (1987). *Individuals, relationships and culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hinde, R. A., & Stevenson-Hinde, J. (1987). Interpersonal relationships and child development. *Developmental Review*, *7*, 1-21.
- Hodges, E. V. E., Boivin, M., Vitaro, F., & Bukowski, W. M. (1999). The power of friendship: Protection against an escalating cycle of peer victimization. *Developmental Psychology*, *35*, 94-101.
- Hogue, A., & Steinberg, L. (1995). Homophily of internalized distress in adolescent peer groups. *Developmental Psychology*, *31*, 897-906.
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, *54*(4), 1041-1053.
- Hoza, B., Bukowski, W. M., & Beery, S. (2000). Assessing peer network and dyadic loneliness. *Journal of Clinical Child Psychology*, *29*, 119–128.
- Hymel, S., Bowker, A., & Woody, E. (1993). Aggressive versus withdrawn unpopular children: variations in peer and self-perceptions in multiple domains. *Child Development*, *64*, 879–896.

- Hymel, S., & Rubin, K. H. (1985). Children with peer relationship and social skills problems: Conceptual, methodological, and developmental issues. In G. J. Whitehurst (Ed.), *Annals of Child Development* (Vol. 2, pp. 251-297). Greenwich, CT: JAI Press.
- Hymel, S., Rubin, K. H., Rowden, L., & LeMare, L. (1990). Children's peer relationships: Longitudinal prediction of internalizing and externalizing problems from middle to late childhood. *Child Development*, *61*, 2004–2021.
- Hymel, S., Wagner, E., & Butler, L. (1990). Reputational bias: View from the peer group. In S. R. Asher & J. Coie (Eds.), *Peer rejection in childhood* (pp. 156-186). Cambridge, London: Cambridge University Press.
- Juvonen, J., & Graham, S. (Eds.). (2001). *Peer harassment in school: The plight of the vulnerable and victimized*. New York: Guilford Press.
- Kagan, J., Reznick, J., Clarke, C., Snidman, N., & Garcia-Coll, C. (1984). Behavioral inhibition to the unfamiliar. *Child Development*, *55*, 2212–2225.
- Kennedy Root, A., & Rubin, K. (2009, April). The stability of shyness/withdrawal across the transition from 5th to 6th grade: The moderating role of parenting. In A. Kennedy Root (Chair), *The role of parents in the development of socially inhibited and withdrawn behavior: Evidence from three developmental periods*. Symposium conducted at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development, Denver, CO.
- Kim, J., Rapee, R., Oh, K., & Moon, H. (2008). Retrospective report of social withdrawal during adolescence and current maladjustment in young adulthood: cross-cultural comparisons between Australian and South Korean students. *Journal of Adolescence*, *31*, 543–563.
- Kingery, J. N., Erdley, C. A., & Marshall, K. C. (2011). Peer acceptance and friendship as predictors of early adolescents' adjustment across the middle school transition. *Merrill-Palmer Quarterly*, *57*(3), 215-243.
- Klima, T., & Repetti, R. L. (2008). Children's peer relations and their psychological adjustment: Differences between close friendships and the larger peer group. *Merrill-Palmer Quarterly*, *54*(2), 151-178.
- Kochenderfer-Ladd, B. (2003). Identification of aggressive and asocial victims and the stability of their peer victimization. *Merrill-Palmer Quarterly*, *49*(4), 401-425.
- Kohlberg, L., LaCrosse, J., Ricks, D., (1972). The predictability of adult mental health from childhood behavior. In B.B. Wolman (Eds), *Manual of child psychopathology* (pp. 1217-1284). New York: McGraw-Hill.
- Kupersmidt, J. B., Burchinal, M., and Patterson, C. J. (1995). Developmental patterns of childhood peer relations as predictors of externalizing behavior problems. *Development and Psychopathology*, *7*, 825–843.

- Kupersmidt, J. B., DeRosier, M. E., & Patterson, C. P. (1995). Similarity as the basis for children's friendships: The roles of sociometric status, aggressive and withdrawn behavior, academic achievement, and demographic characteristics. *Journal of Social and Personal Relationships, 12*, 439–452.
- Ladd, G. W. (2006). Peer rejection, aggressive or withdrawn behavior, and psychological maladjustment from ages 5 to 12: An examination of four predictive models. *Child Development, 77*(4), 822-846.
- Ladd, G. W., & Burgess, K. B. (1999). Charting the relationship trajectories of aggressive, withdrawn, and aggressive/withdrawn children during early grade school. *Child Development, 70*, 910–929.
- Ladd, G.W., Kochenderfer, B. J., & Coleman, C. C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child Development, 67*, 1103-1118.
- Ladd, G. W., & Profilet, S. M. (1996). The Child Behavior Scale: A teacher-report measure of young children's aggressive, withdrawn, and prosocial behaviors. *Developmental Psychology, 32*(6), 1008-1024.
- Ladd, G. W., & Troop-Gordon, W. (2003). The role of chronic peer difficulties in the development of children's psychological adjustment problems. *Child Development, 74*(5), 1344–1367.
- Laursen, B. (2005). Dyadic and group perspectives on close relationships. *International Journal of Behavioral Development, 29*(2), 97-100.
- Laursen, B., Bukowski, W. M., Aunola, K., & Nurmi, J.-E. (2007). Friendship moderates prospective associations between social isolation and adjustment problems in young children. *Child Development, 78*(4), 1395-1404.
- Laursen, B., Bukowski, W. M., & Hoza, B. (2010). The snowball effect: Friendship moderates escalations in depressed affect among avoidant and excluded children. *Development and Psychopathology, 22*(4), 749-757.
- Laursen, B., Hartup, W. W., & Keplas, A. L. (1996). Towards understanding peer conflict. *Merrill-Palmer Quarterly, 42*, 76–102.
- Laursen, B., & Mooney, K. S. (2005). Why Do Friends Matter? *Human Development, 48*(5), 323-326.
- Lieberman, M., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development, 70*(1), 202-213.
- Luthar, S. S., & McMahon, T. J. (1996). Peer reputation among inner-city adolescents: Structure and correlates. *Journal of Research on Adolescence, 6* (4), 581-603.

- Maccoby, E. E. (1995). The two sexes and their social systems. In P. Moen, G. H. Elder, Jr., & K. Luescher (Eds). *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 347–364). Washington, DC: American Psychological Association.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Marshall, P. J., & Stevenson-Hinde, J. (2001). Behavioral inhibition: Physiological correlates. In W. R. Crozier & L. E. Alden (Eds.), *International handbook of social anxiety* (pp. 53–66). New York: Wiley.
- Masten, A. S., Morison, P., & Pellegrini, D. S. (1985). A revised class play method of peer assessment. *Developmental Psychology*, *21*(3), 523–533.
- Mead, G. H. (1967). *Mind, self, and society: From the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press.
- Menzer, M. M., Oh, W., McDonald, K. L., Rubin, K. H., & Dashiell-Aje, E. (2010). Behavioral correlates of peer exclusion and victimization of east asian american and european american young adolescents. *Asian American Journal of Psychology*, *4*, 290-302.
- Moreno, J. L. (1934). *Who shall survive?* Washington, DC: Nervous and Mental Disease Publishing Company.
- Morison, P., & Masten, A. S. (1991). Peer reputation in middle childhood as a predictor of adaptation in adolescence; A seven-year follow-up. *Child Development*, *62*, 991-1007.
- Moskowitz, D. S., Schwartzman, A. E. & Ledingham, J. E. (1985). Stability and change in aggression and withdrawal in middle childhood and early adolescence. *Journal of Abnormal Psychology*, *94* (1), 30-41.
- Nangle, D. W., Erdley, C. A., Newman, J. E., Mason, C. A., & Carpenter, E. M. (2003). Popularity, friendship quantity, and friendship quality: Interactive influences on children's loneliness and depression. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, *32*, 546–555.
- Nelson, L. J., Rubin, K. H., & Fox, N. A. (2005). Social withdrawal, observed peer acceptance, and the development of self-perceptions in children ages 4 to 7 years. *Early Childhood Research Quarterly*, *20*, 185–200.
- Newcomb, A.F., & Bagwell, C.L. (1995). Children's friendship relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *117*, 306-347.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1996). The developmental significance of children's friendship relations. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 289–321). New York: Cambridge University Press.

- Newcomb, A. F., Bukowski, W. M., & Bagwell, C. L. (1999). Knowing the sounds: Friendship as a developmental context. In W. A. Collins, & B. Laursen (Eds.), *Relationships as developmental contexts: Vol. 30. The Minnesota symposia on child psychology* (pp. 63–84). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Newcomb, A. F., Bukowski, W. M., & Pattee, L. (1993). Children's peer relations: A meta-analytic review of popular, rejected, neglected, controversial, and average sociometric status. *Psychological Bulletin*, *113*, 99–128.
- Oh, W., Rubin, K. H., Burgess, K. B., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. A. (2004, July). *Developmental perspective on social withdrawal across middle childhood and adolescence: Predictions from parental and peer factors*. Poster to be presented at the 18th Biennial Meetings of the International Society for the Study of Behavioral Development, Ghent, Belgium.
- Oh, W., Rubin, K. H., Bowker, J. C., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Laursen, B. (2008). Trajectories of social withdrawal middle childhood to early adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *36*, 553–566.
- Ollendick, T. H., Greene, R. W., Weist, M. D., & Oswald, D. P. (1990). The predictive validity of teacher nominations: A five-year follow-up of at risk youth. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *18*, 699–713.
- Olweus, D. (2001). Peer harassment: A critical analysis and some important issues. In J. Juvonen & S. Graham (Eds.), *Peer harassment in school: The plight of the vulnerable and victimized* (pp. 3–20). New York: Guilford Press.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1987). Peer relations and later personal adjustment: Are low-accepted children at risk? *Psychological Bulletin*, *102*, 357–389.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1989). Peer relations and social adjustment: Are friendship and group acceptance distinct domains? In W. M. Bukowski (Ed.), *Properties, processes, and effects of friendship relations during childhood and adolescence. Symposium conducted at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development*. Kansas City, MO.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology*, *29* (4), 611–621.
- Parker, J. G., & Gottman, J. M. (1989). Social and emotional development in a relational context: Friendship interaction from early childhood to adolescence. In T. J. Berndt & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relations in child development* (pp. 15–45). Wiley series in personality processes, Wiley-Interscience.
- Parker, J. G., & Seal, J. (1996). Forming, losing, renewing, and replacing friendships: Applying temporal parameters to the assessment of children's friendship experiences. *Child Development*, *67*, 2248–2268.

- Parker, J., Rubin, K. H., Erath, S., WojsJawowicz, J., & Buskirk, A. (2006). Peer relationships, child development, and adjustment: A developmental psychopathology perspective. In D. Cicchetti & J. D. Cohen (Ed.), *Developmental psychopathology: Vol. 1. Theory and Method* (pp. 419-493). New York: Wiley.
- Pedersen, S., Vitaro, F., Barker, E. D., & Borge, A. I. H. (2007). The timing of Middle-Childhood Peer Rejection and Friendship: Linking Early Behavior to Early-Adolescent Adjustment. *Child Development*, 78, 1037–1051.
- Piaget, J. (1994). *Juízo Moral na Criança*. São Paulo: Summus Editorial.
- Poulin, F., Cillessen, A., Hubbard, J., Coie, J., Dodge, K., & Schwarz, D. (1997). Children's friends and behavioral similarity in two social contexts. *Social Development*, 6, 224–236.
- Prakash, K., & Coplan, R. J. (2007). Socioemotional characteristics and school adjustment of socially withdrawn children in India. *International Journal of Behavioral Development*, 31(2), 123-132.
- Prior, M., Smart, D., Sanson, A., & Oberklaid, F. (2000). Does shy inhibited temperament in childhood lead to anxiety problems in adolescence? *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 39, 461–468.
- Proulx, M-F., & Poulin, F. (2013). Stability and Change in Kindergartners' Friendships: Examination of Links with Social Functioning. *Social Development*, 22(1), 111–125.
- Rawlins, W. K. (1992). *Friendship matters*. New York: de Gruyter.
- Rose, A. J. (2002). Co-rumination in the friendships of girls and boys. *Child Development*, 73(6), 1830-1843.
- Rose, A., & Smith, R. (2009). Sex differences in peer relationships. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 379-393). New York: Guilford Press.
- Rowe, D., Plomin, R. (1977). Temperament in early childhood. *Journal of Personality Assessment*, 41, 150- 156.
- Rubin, K. H. (1982). Non-social play in preschoolers: Necessary evil? *Child Development*, 53, 651–657.
- Rubin, K. H. (1993). The Waterloo Longitudinal Project: Correlates and consequences of social withdrawal from childhood to early adolescence. In K. H. Rubin & J. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 291–314). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rubin, K. H. (2004). Three things to know about friendship. *International Society for the Study of Behavioral Development Newsletter*, 46 (2), 5-7.

- Rubin, K. H., & Asendorpf, J. B. (1993). Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood: Conceptual and definitional issues. In K. H. Rubin & J. B. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 3–17). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rubin, K. H., Bowker, J. C., & Gazelle, H. (2010). Social withdrawal in childhood and adolescence: Peer relationships and social competence. In K.H. Rubin & R. Coplan (Eds.), *The Development of Shyness and Social Withdrawal* (pp. 131-156). Guilford.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Laursen, B. (Eds.). (2009). *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. New York: Guilford Press.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In W. Damon, R. M. Lerner & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed. pp. 571-645). New York: Wiley.
- Rubin, K. H., & Burgess, K. B. (2001). Social withdrawal and anxiety. In M. W. Vasey & M. R. Dadds (Eds.), *The Developmental Psychopathology of Anxiety* (pp. 407–434). New York: Oxford University Press.
- Rubin, K. H., & Burgess, K. B. (2002). Parents of aggressive and withdrawn children. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 1: Children and parenting* (2nd ed.). (pp. 383-418). Mahwah, NJ US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Rubin, K. H., Burgess, K. B., & Coplan, R. J. (2002). Social withdrawal and shyness. In P. K. Smith & C. H. Hart (Eds.), *Blackwell's Handbook of Childhood Social Development* (pp. 329–352). London: Blackwell
- Rubin, K. H., Burgess, K. B., & Hastings, P. D. (2002). Stability and social-behavioral consequences of toddlers' inhibited temperament and parenting behaviors. *Child Development, 73*, 483–495.
- Rubin, K. H., Burgess, K., Kennedy Root, A., & Stewart, S. (2003). Social withdrawal in childhood. In E. Mash & R. Barkley (Eds.), *Child psychopathology*, (2nd ed., pp.372–406). New York: Guilford Press.
- Rubin, K. H., Cheah, C. S. L., & Fox, N. (2001). Emotion regulation, parenting and display of social reticence in preschoolers. *Early Education & Development, 12*, 97–115.
- Rubin, K. H., Chen, X., & Hymel, S. (1993). Socioemotional characteristics of withdrawn and aggressive children. *Merrill-Palmer Quarterly, 39*, 518–534.
- Rubin, K. H., Chen, X., McDougall, P., Bowker, A., & McKinnon, J. (1995). The Waterloo Longitudinal Project: predicting adolescent internalizing and externalizing problems from early and midchildhood. *Development and Psychopathology, 7*, 751–764.
- Rubin, K. H., & Coplan, R. J. (2004). Paying attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merrill-Palmer Quarterly, 50*, 506–534.

- Rubin, K. H., Coplan, R. J., Bowker, J. C. (2009). Social withdrawal in Childhood. *Annual Review of Psychology*, *60*(1), 141-171.
- Rubin, K. H., Coplan, R. J., Chen, X., Buskirk, A. A., & Wojslawowicz Bowker, J. C. (2005). Peer relationships in childhood. In M. H. Bornstein & M. E. Lamb (Eds.). *Developmental Psychology: An Advanced Textbook* (5th ed., pp. 469-512). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, *24*(4), 326-256.
- Rubin, K. H., Fredstrom, B., & Bowker, J. C. (2008). Future Directions in... Friendship in Childhood and Early Adolescence. *Social Development*, *17* (4), 1085-1096.
- Rubin, K. H., Hastings, P. P., Stewart, S. L., Henderson, H. A., & Chen, X. (1997). The consistency and concomitants of inhibition: Some of the children, all of the time. *Child Development*, *68*, 467-483.
- Rubin, K. H., Hymel, S., & Mills, R. S. L. (1989). Sociability and social withdrawal in childhood: Stability and outcomes. *Journal of Personality*, *57*, 237-256.
- Rubin, K. H., LeMare, L. J., & Lollis, S. (1990). Social withdrawal in childhood: Developmental pathways to peer rejection. In S. R. Asher & J. D. Coie (Eds.), *Peer rejection in childhood*. (pp. 217-249). New York, NY US: Cambridge University Press.
- Rubin, K. H., Lynch, D., Coplan, R. J., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (1994). "Birds of a feather ... ": Behavioral concordances and preferential personal attraction in children. *Child Development*, *65*, 1778-1785.
- Rubin, K. H., Nelson, L. J., Hastings, P., & Asendorpf, J. (1999). The transaction between parents' perceptions of their children's shyness and their parenting styles. *International Journal of Behavioral Development*, *23*, 937-957.
- Rubin, K. H., Root, A. K., & Bowker, J. C. (2010). Parents, peers, and social withdrawal in childhood: A relationship perspective. In H. Gazelle & K. H. Rubin (Eds.), *Social anxiety in childhood: Bridging developmental and clinical perspectives*. New Directions for Child and Adolescent Development, *127*, 79-94. San Francisco: Jossey-Bass.
- Rubin, K. H., Wojslawowicz Bowker, J. C., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C. & Burgess, K. B. (2006). The best friendships of shy/ withdrawn Children: prevalence, stability and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *34*(2), 143-157.
- Sadker, M., & Sadker, D. (1994). *Failing at fairness: How America's schools cheat girls*. New York: Scribner.
- Schmidt, L. A., Fox, N. A., Rubin, K. H., & Sternberg, E. M. (1997). Behavioral and neuroendocrine responses in shy children. *DevelopmentalPsychobiology*, *30*, 127-140.

- Schneider, B. (1999). A multimethod exploration of the friendships of children considered socially withdrawn by their school peers. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27(2), 115–123.
- Schneider, B. H. (2009). An observational study of the interactions of socially withdrawn/anxious early adolescents and their friends. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50, 799–806.
- Schneider, B. H., Richard, J. F., Younger, A. J., & Freeman, P. (2000). A longitudinal exploration of the continuity of children's social participation and social withdrawal across socioeconomic status levels and social settings. *European Journal of Social Psychology*, 30(4), 497-519.
- Schneider, B. H., & Tessier, N. G. (2007). Close friendship as understood by socially withdrawn, anxious early adolescents. *Child Psychiatry and Human Development*, 38, 339–351.
- Schneider, B. H., Younger, A. J., Smith, T., & Freeman, P. (1998). A longitudinal exploration of the cross-contextual stability of social withdrawal in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 18(4), 374.
- Schwartz, C. E., Snidman, N., & Kagan, J. (1999). Adolescent social anxiety as an outcome of inhibited temperament in childhood. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 38, 1008-1015.
- Sebanc, A. M. (2003). The friendship features of preschool children: Links with prosocial behavior and aggression. *Social Development*, 12(2), 249-268.
- Selfhout, M. H. W., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2007). Similarity in adolescent best friendships: The role of gender. *Netherlands Journal of Psychology*, 63(2), 50-57.
- Selman, R., & Schultz, L. H. (1990). *Making a friend in youth: Developmental theory and pair therapy*. Chicago: University of Chicago Press.
- Sroufe, L. A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48(4), 1184-1199.
- Sroufe, L. A. (1983). Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: The roots of maladaptation and competence. In M. Perlmutter (Ed.), *Minnesota symposia on child psychology* (Vol. 16, pp. 41-81). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Stevenson-Hinde, J. & Glover, A. (1996). Shy girls and boys: A new look. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37(2), 181–187.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Svavarsdottir, E. K., & Orlygsdottir, B. (2006). Health-related quality of life in Icelandic school children. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 20(2), 209-215.

- Tarrant, M. (2002). Adolescent peer groups and social identity. *Social Development, 11*, 110–123.
- Urberg, K.A., Degirmencioglu, S.M., & Tolson, J.M. (1998). Adolescent friendship selection and termination: The role of similarity. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*, 703-710.
- Vitaro, F., Tremblay, R., Kerr, M., Pagani, L., & Bukwoski, W. (1997). Disruptiveness, friends' characteristics, and delinquency in early adolescence: A test of two competing models of development. *Child Development, 68*, 676-689.
- Waldrip, Malcolm, & Jensen-Campbell, (2008). With a little help from your friends: The importance of high-quality friendships on early adolescent adjustment. *Social Development, 17*( 4), 832-852.
- Way, N., & Greene, M. L. (2006). Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: The patterns and contextual predictors. *Journal of Research on Adolescence, 16*, 293–320.
- Wentzel, K., Barry, C., & Caldwell, K. (2004). Friendships in middle school Influences on motivation and school adjustment. *Journal of Educational Psychology, 96*(2), 195-203.
- Wojslawowicz Bowker, J. C., Rubin, K. H., Burgess, K., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. (2006). Behavioral characteristics associated with stable and fluid best friendship patterns in middle childhood. *Merrill-Palmer Quarterly: Journal of Developmental Psychology, 52*, 671-693.
- Younger, A. J., & Boyko, K. A. (1989). Aggression and withdrawal as social schemas underlying children's peer perceptions. *Child Development, 58*, 1094–1100.
- Younger, A., Gentile, C., & Burgess, K. (1993). Children's perceptions of social withdrawal: Changes across age. In K. H. Rubin & J. B. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 215-235). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Younger, A., & Piccinin, A. (1989). Children's recall of aggressive and withdrawn behaviour: Recognition memory and likeability judgements. *Child Development, 60*, 580-590.
- Younger, A., Schwartzman, A., & Ledingham, J. (1985). Agerelated changes in children's perceptions of aggression and withdrawal in their peers. *Developmental Psychology, 21*, 70-75.
- Zeller, M., Vannatta, K., Schafer, J. & Noll, R. B. (2003). Behavioral reputation: a cross-age perspective. *Developmental Psychology, 39*(1), 129-139.
- Zongkui, Z., Dongmei, Z., Xiaojun, S. & Xianfeng, D. (2006). Children's experiences with peers and loneliness: A two-year longitudinal study. *Acta Psychologica Sinica, 38*(5), 743-750.

## **ANEXOS**

### **Anexo A:**

#### **Outputs Estatísticos do 1º Estudo**

**Tabela 1:** Dados descritivos da amostra.**Statistics**

Género

N	Valid	465
	Missing	0

**Género**

	Frequenc y	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Raparigas	230	49,5	49,5	49,5
Valid Rapazes	235	50,5	50,5	100,0
Total	465	100,0	100,0	

**Descriptive Statistics**

	N	Minimu m	Maximu m	Mean	Std. Deviation
Idade	465	11	18	13,32	1,353
Valid N (listwise)	465				

**Statistics**

Género

N	Valid	204
	Missing	0

**Género**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Raparigas	108	52,9	52,9	52,9
Rapazes	96	47,1	47,1	100,0

Total	204	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Age	204	11	18	13,45	1,398
Valid N (listwise)	204				

### Statistics

Género

N	Valid	261
	Missing	0

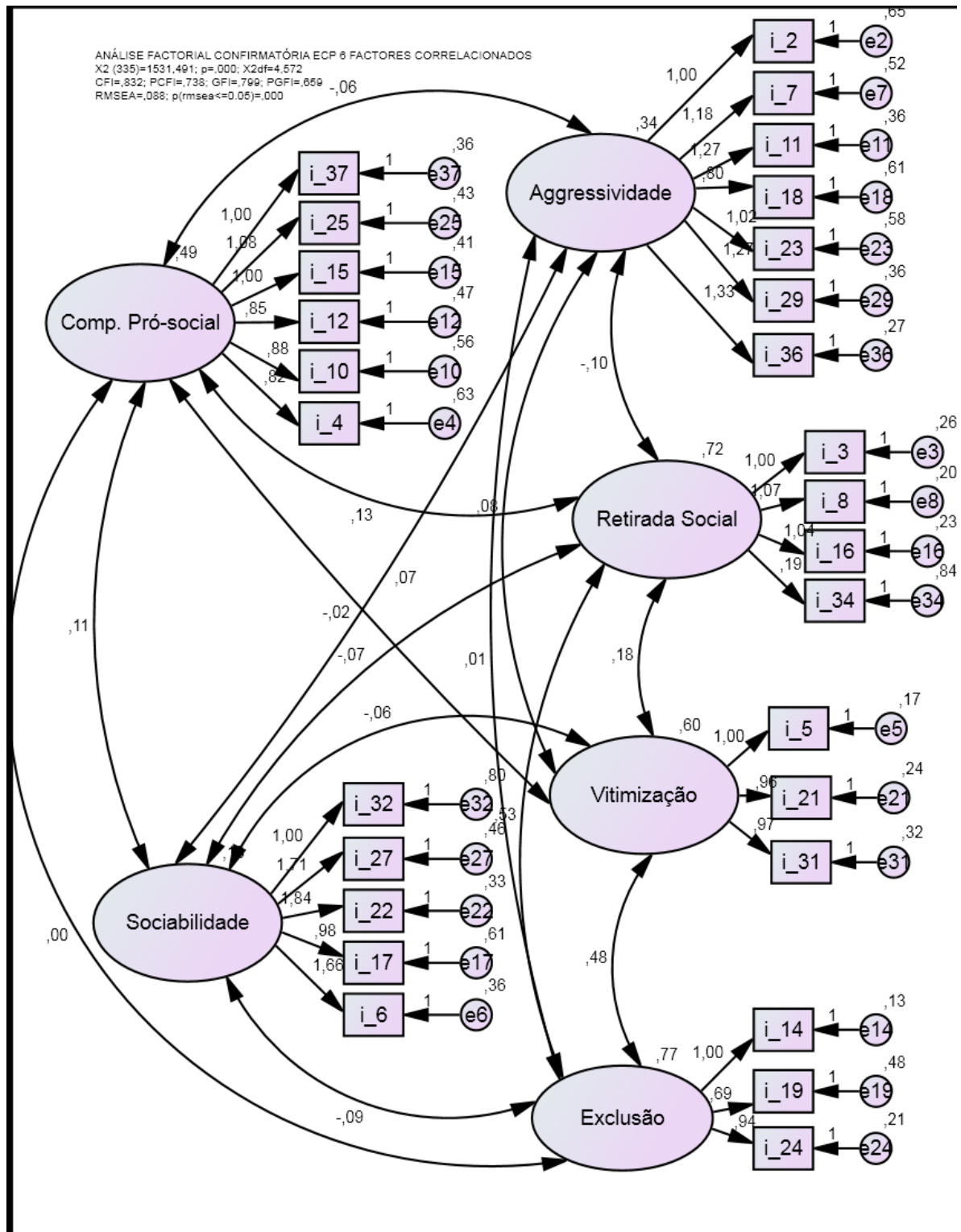
### Género

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Raparigas	122	46,7	46,7	46,7
Valid Rapazes	139	53,3	53,3	100,0
Total	261	100,0	100,0	

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	261	11	18	12,88	1,263
Valid N (listwise)	261				

Figura 1: Modelo hexafatorial original do ECP.



**Figura 2:** Modelo hexafatorial do *ECP* de fatores não correlacionados.

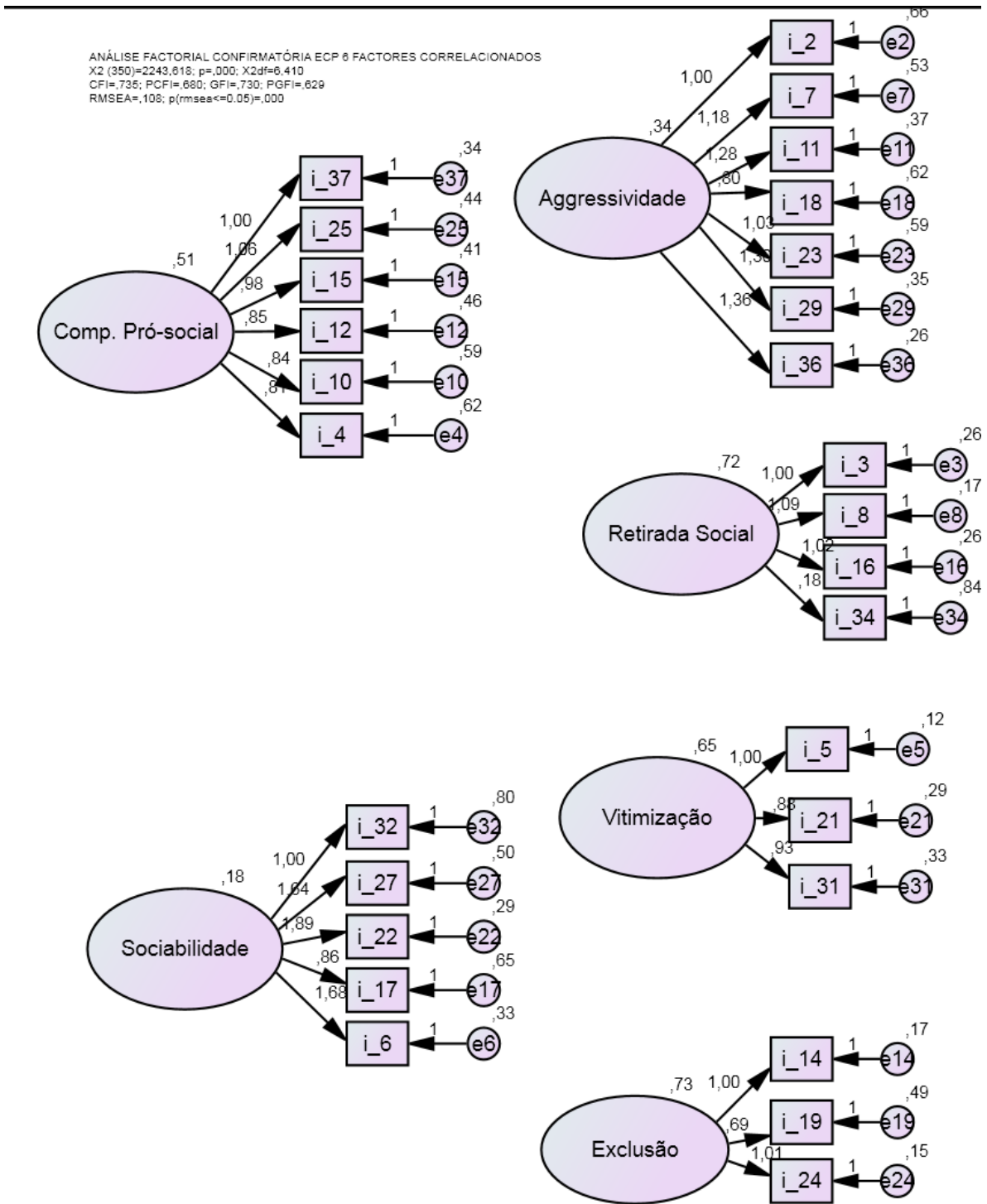
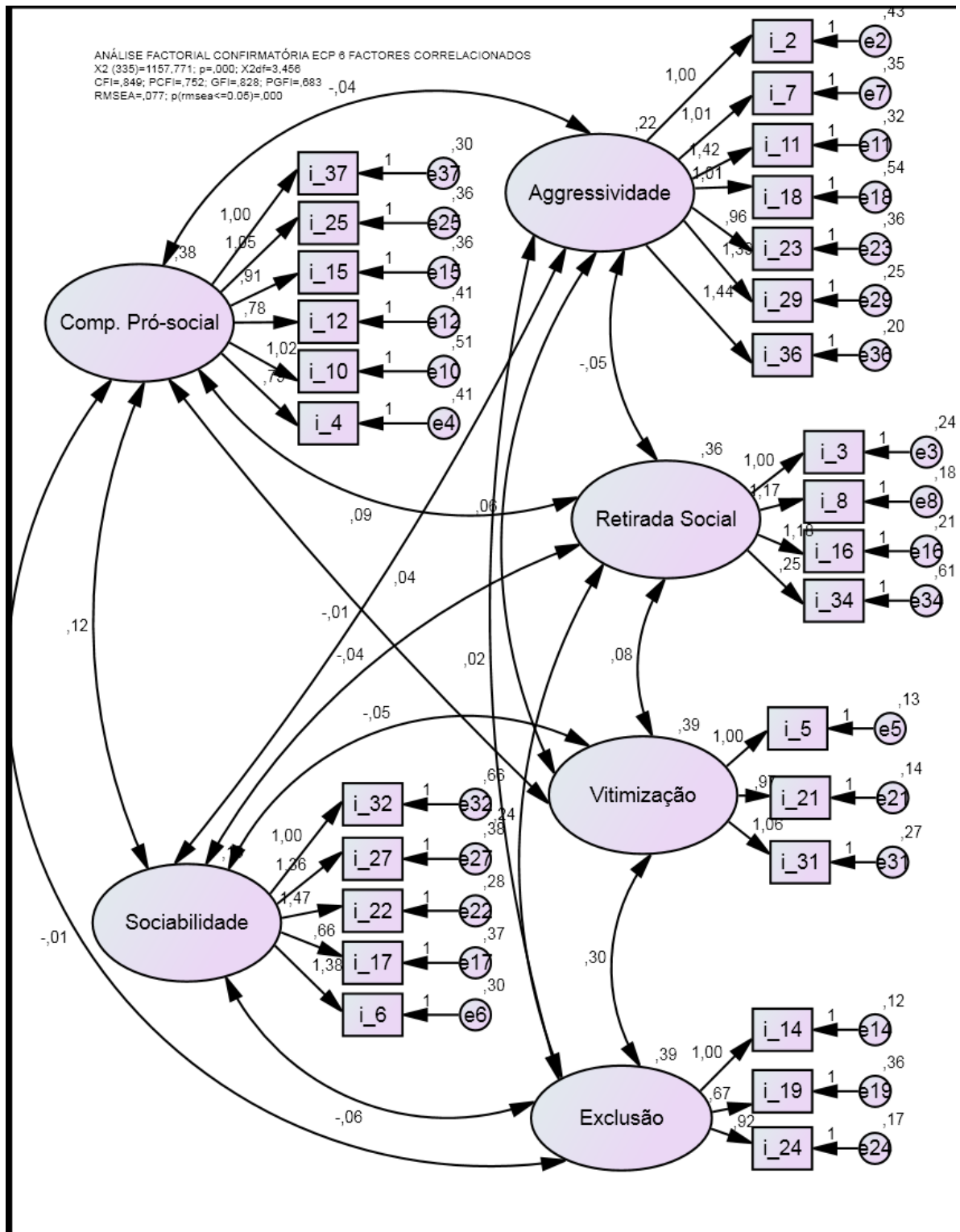


Figura 3: Modelo hexafatorial do ECP sem outliers.



**Tabela 2:** Modelo hexafatorial simplificado do *ECP*;**Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)**

	Estimate
ZECP_2_SS <--- Aggress	,600
ZECP_36_SS <--- Aggress	,814
ZECP_18_SS <--- Aggress	,554
ZECP_11_SS <--- Aggress	,749
ZECP_7_SS <--- Aggress	,576
ZECP_29_SS <--- Aggress	,766
ZECP_3_SS <--- SocialWithdrawal	,774
ZECP_8_SS <--- SocialWithdrawal	,857
ZECP_16_SS <--- SocialWithdrawal	,841
ZECP_5_SS <--- Victim	,866
ZECP_4_SS <--- ProsocialBehavior	,652
ZECP_10_SS <--- ProsocialBehavior	,724
ZECP_15_SS <--- ProsocialBehavior	,578
ZECP_25_SS <--- ProsocialBehavior	,766
ZECP_6_SS <--- SociabilityPopularity	,648
ZECP_22_SS <--- SociabilityPopularity	,677
ZECP_27_SS <--- SociabilityPopularity	,755
ZECP_32_SS <--- SociabilityPopularity	,486
ZECP_14_SS <--- Exclus	,879
ZECP_19_SS <--- Exclus	,571
ZECP_24_SS <--- Exclus	,817
ZECP_21_SS <--- Victim	,850
ZECP_31_SS <--- Victim	,789

**Factor Score Weights (Group number 1 - Default model)**

	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE
	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP
	_2	_4	_1	_1	_2	_6	_2	_2	_3	_3	_2	_1	_1	_5	_1	_8	_3	_3	_2	_1	_1	_7	_2
	1_	_S	0_	5_	5_	_S	2_	7_	2_	1_	4_	9_	4_	_S	6_	_S	_S	6_	9_	8_	1_	_S	_S
	SS	S	SS	SS	SS	S	SS	SS	SS	SS	SS	SS	SS	S	SS	S	S	SS	SS	SS	SS	S	S
Excl	,08	-	-	-	-	-	-	-	-	,05	,22	,07	,34	,09	,05	,06	,04	,00	,00	,00	,00	,00	,00
us	5	,00	,00	,00	,01	,00	,00	,00	,00	0	4	4	7	5	7	6	2	2	2	1	2	1	1
		8	8	6	1	2	2	4	1														
Soci	-	,03	,03	,02	,04	,10	,11	,21	,07	-	-	-	-	-	-	-	-	,01	,01	,00	,01	,00	,00
ab	,01	,02	,01	,04	,02	,00	,09	,00	,00	,00	,00	,00	,01	,00	,00	,00	,00	,05	,00	,06	,01	,04	,07
	0									6	5	2	7	1	8	9	6						
Pros	,01	,19	,18	,14	,25	,03	,04	,07	,02	,00	-	-	-	,01	,01	,02	,01	-	-	-	-	-	-
ocia	,04	,03	,09	,05	,08	,04	,00	,01	,04	,08	,02	,00	,03	,05	,08	,01	,03	,01	,00	,00	,00	,00	,00
l											3	7	5					2	9	5	9	3	6
Vict	,28	,00	,00	,00	,00	-	-	-	-	,16	,07	,02	,10	,31	-	-	-	,00	,00	,00	,00	,00	,00
im	0	4	4	3	6	,00	,00	,00	,00	3	0	3	8	3	,01	,02	,01	9	6	3	6	2	4
						3	4	7	2						9	2	4						
Soc	-	,00	,00	,00	,00	-	-	-	-	-	,05	,01	,08	-	,24	,27	,17	-	-	-	-	-	-

	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE	ZE
	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP	CP
	_2	_4	_1	_1	_2	_6	_2	_2	_3	_3	_2	_1	_1	_5	_1	_8	_3	_3	_2	_1	_1	_7	_2
	1_	_S	0_	5_	5_	_S	2_	7_	2_	1_	4_	9_	4_	_S	6_	_S	_S	6_	9_	8_	1_	_S	_S
	SS	S	SS	SS	SS	S	SS	SS	SS	SS	SS	SS	SS	S	SS	S	S	SS	SS	SS	SS	S	S
Wit	,02	7	6	5	9	,00	,00	,00	,00	,01	6	9	7	,02	2	8	6	,00	,00	,00	,00	,00	,00
h	2					3	4	7	2	3				5				7	5	3	5	2	3
Agg	,01	-	-	-	-	,00	,00	,01	,00	,00	,00	,00	,00	,01	-	-	-	,19	,13	,07	,13	,05	,08
ress	2	,00	,00	,00	,00	6	8	4	5	7	3	1	4	3	,00	,00	,00	2	2	0	4	1	9
		5	5	4	7										8	9	6						

**CMIN**

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	65	411,208	211	,000	1,949
Saturated model	276	,000	0		
Independence model	23	4582,570	253	,000	18,113

**RMR, GFI**

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,034	,924	,901	,707
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,160	,406	,352	,372

**Baseline Comparisons**

Model	NFI	RFI	IFI	TLI	CFI
	Delta1	rho1	Delta2	rho2	
Default model	,910	,892	,954	,945	,954
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

**Parsimony-Adjusted Measures**

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,834	,759	,795
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

**NCP**

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	200,208	146,547	261,665
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	4329,570	4113,511	4552,894

**FMIN**

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	,981	,478	,350	,624
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	10,937	10,333	9,817	10,866

**RMSEA**

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,048	,041	,054	,712
Independence model	,202	,197	,207	,000

**AIC**

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	541,208	549,107	803,825	868,825
Saturated model	552,000	585,539	1667,110	1943,110
Independence model	4628,570	4631,365	4721,496	4744,496

**ECVI**

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	1,292	1,164	1,438	1,311

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Saturated model	1,317	1,317	1,317	1,397
Independence model	11,047	10,531	11,580	11,053

### HOELTER

Model	HOELTER	HOELTER
	.05	.01
Default model	251	267
Independence model	27	29

**Tabela 3:** Comparação dos modelos original e simplificado do *ECP*.

#### 1) Teste do $\chi^2$ : Modelo Original (MO) Vs. Modelo Simplificado (MS)

	$\chi^2$	df	$\chi^2_{Mo-}$ $\chi^2_{Ms}$	df <sub>Mo-</sub> df <sub>Ms</sub>	Valor crítico
Mo	1157.771	335	746.563	124	151.116
Ms	411.208	211			

*Nota:* Como  $746.563 > 151.116$ , rejeita-se  $H_0$ : O Modelo Simplificado ajusta-se significativamente melhor do que o Modelo Original.

#### 2) Índices de Parcimónia

	AIC	BCC	ECVI	MECVI
Mo	1299.771	1310.33	3.102	3.127
Ms	541.208	549.107	1.292	1.311

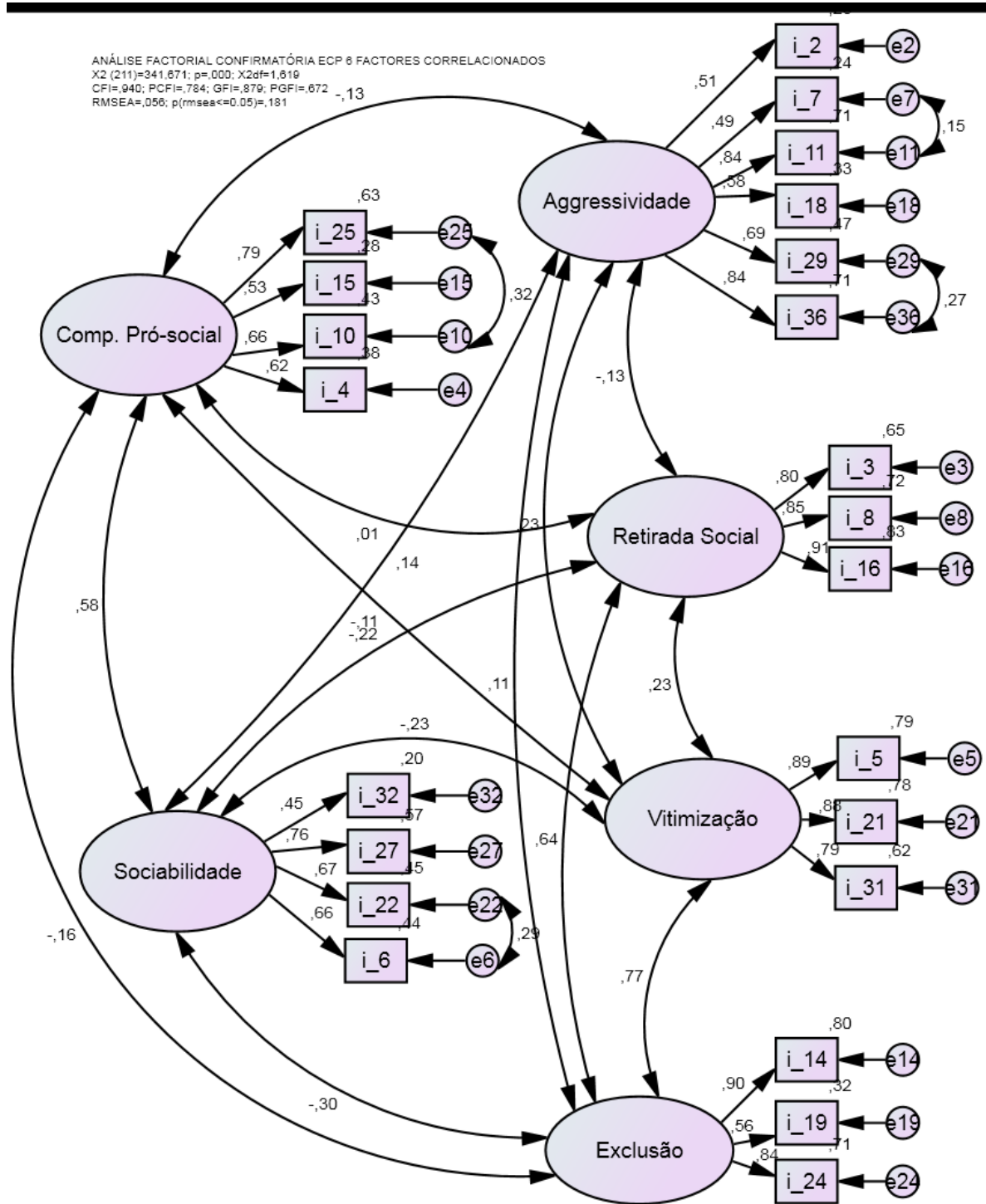
*Nota:* O MS é também mais parcimonioso do que o MO.

**Tabela 4:** Fiabilidade compósita dos fatores.

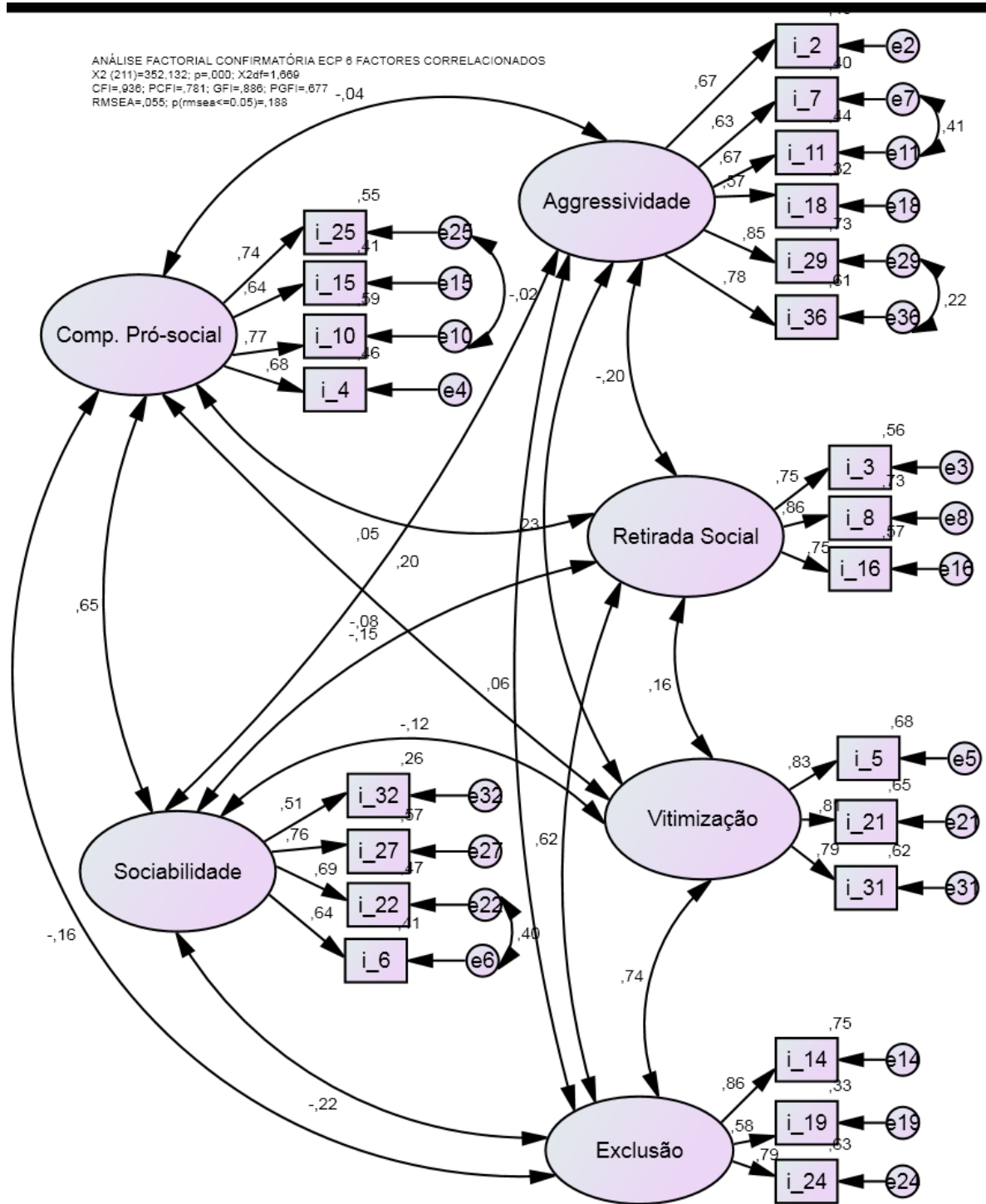
MODELO SIMPLIFICADO	Item	Peso	$\Sigma$ Peso	$(\Sigma$ Peso) <sup>2</sup>	1-Peso	$(\Sigma$ Peso) <sup>2</sup> + (1-Peso)	Fiabilidade Compósita *	
	<b>Agressividade</b>	2	0,600	4,059	16,47548	0,4	18,41648	<b>0,895</b>
		36	0,814			0,186		
		18	0,554			0,446		
		11	0,749			0,251		
		7	0,576			0,424		
		29	0,766			0,234		
	<b>Retirada Social</b>	3	0,774	2,472	6,110784	0,226	7,684784	<b>0,795</b>
		8	0,857			0,143		
		16	0,841			0,159		
<b>Comp. Prosocial</b>	4	0,652	2,72	7,3984	0,348	9,3534	<b>0,791</b>	
	10	0,724			0,276			
	15	0,578			0,422			
	25	0,766			0,234			
<b>Sociabilidade</b>	6	0,648	2,566	6,584356	0,352	8,568356	<b>0,768</b>	
	22	0,677			0,323			
	27	0,755			0,245			
	32	0,486			0,514			
<b>Exclusão</b>	14	0,879	2,267	5,139289	0,121	6,367289	<b>0,807</b>	
	19	0,571			0,429			
	24	0,817			0,183			
<b>Vitimização</b>	21	0,850	2,505	6,275025	0,15	6,770025	<b>0,927</b>	
	31	0,789			0,211			
	5	0,866			0,134			

\* FC $\geq$ 0.7 é indicador de fiabilidade de constructo apropriada.

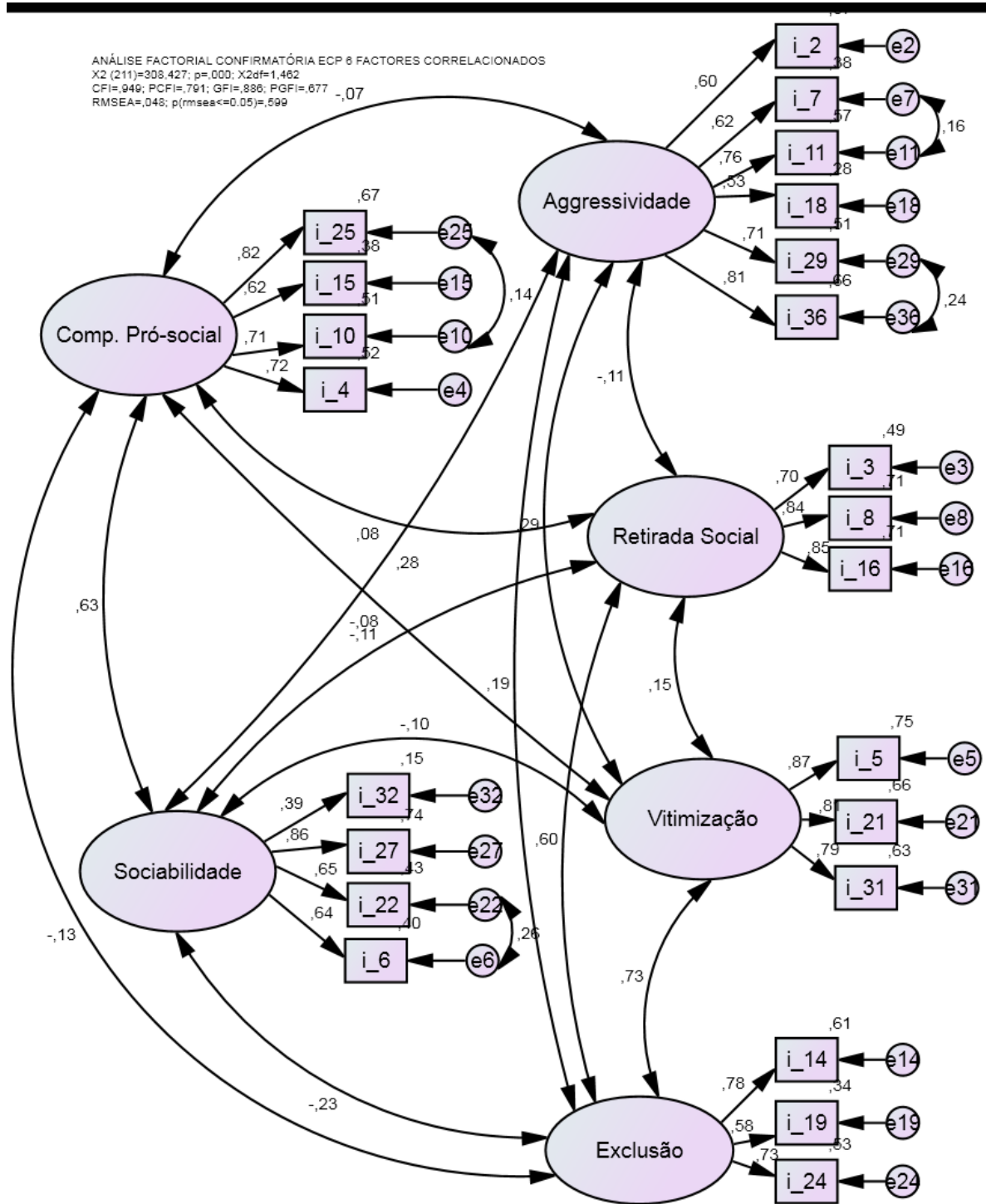
**Figura 4:** Modelo hexafatorial simplificado do *ECP* para raparigas.



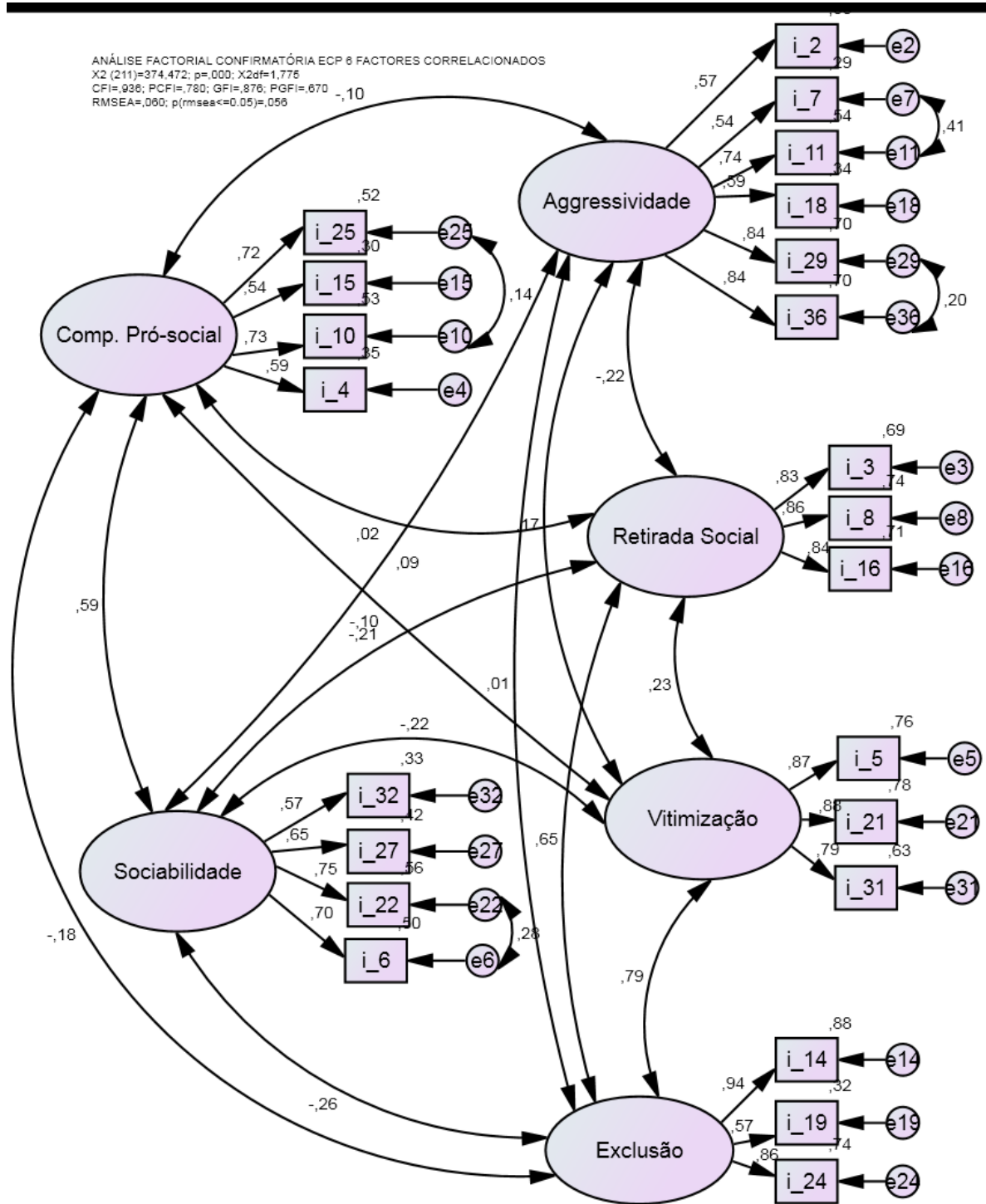
**Figura 5:** Modelo hexafatorial simplificado do *ECP* para rapazes.



**Figura 6:** Modelo hexafatorial simplificado do *ECP* para sujeitos mais novos.



**Figura 7:** Modelo hexafatorial simplificado do *ECP* para sujeitos mais velhos.





## Anexo B:

## Outputs Estatísticos do 2º Estudo

**Tabela 5:** Dados descritivos da amostra.**Género**

	Frequenc y	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Feminino	418	49,2	49,2	49,2
Masculin o	432	50,8	50,8	100,0
Valid Total	850	100,0	100,0	

**Descriptive Statistics**

	N	Minimu m	Maximu m	Mean	Std. Deviation
Idade	840	10	18	13,12	1,437
Valid N (listwise)	840				

**Statistics**

Género

N	Valid	353
	Missing	0
Mean		1,51
Std. Deviation		,501
Minimum		1
Maximum		2

**Género**

		Frequenc y	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	174	49,3	49,3	49,3
	Masculin o	179	50,7	50,7	100,0
	Total	353	100,0	100,0	

**Statistics**

Idade

N	Valid	353
	Missing	0
Mean		13,02
Std. Deviation		1,228
Minimum		10
Maximum		18

**Descriptive Statistics**

	N	Minimu m	Maximu m	Mean	Std. Deviation
Idade	353	10	18	13,02	1,228
Valid N (listwise)	353				

**Statistics**

Género

N	Valid	261
	Missing	0
Mean		1,53
Std. Deviation		,500
Minimum		1
Maximum		2

**Género**

		Frequenc y	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	122	46,7	46,7	46,7
	Masculin o	139	53,3	53,3	100,0
	Total	261	100,0	100,0	

**Descriptive Statistics**

	N	Minimu m	Maximu m	Mean	Std. Deviation
Idade	249	11	18	13,16	1,473
Valid N (listwise)	249				

### Statistics

Género

N	Valid	238
	Missing	0
Mean		1,48
Std. Deviation		,501
Minimum		1
Maximum		2

### Género

	Frequenc y	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Feminino	123	51,7	51,7	51,7
Masculin o	115	48,3	48,3	100,0
Total	238	100,0	100,0	

### Descriptive Statistics

	N	Minimu m	Maximu m	Mean	Std. Deviation
Idade	238	11	18	13,22	1,665
Valid N (listwise)	238				

**Tabela 6:** Consistência interna das dimensões do *ECP*.**Scale: Agressividade****Case Processing Summary**

		N	%
	Valid	850	100,0
Cases	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,826	6

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
Zscore(ECP_2_SS)	-,0119253	,97201868	850
Zscore(ECP_7_SS)	-,0101863	,96767762	850
Zscore(ECP_11_SS)	-,0121769	,96198053	850
)			
Zscore(ECP_18_SS)	-,0207328	,96168263	850
)			
Zscore(ECP_29_SS)	-,0325992	,93278290	850
)			
Zscore(ECP_36_SS)	-,0111214	,95376301	850
)			

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Zscore(ECP_2_SS)	-,0868167	13,222	,498	,818
Zscore(ECP_7_SS)	-,0885557	12,750	,579	,801
Zscore(ECP_11_SS )	-,0865651	12,326	,657	,785
Zscore(ECP_18_SS )	-,0780092	13,361	,484	,821
Zscore(ECP_29_SS )	-,0661428	12,438	,666	,784
Zscore(ECP_36_SS )	-,0876206	12,174	,692	,778

#### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
-,0987420	17,690	4,20595989	6

Scale: Retirada Social

#### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	849	99,9
	Excluded <sup>a</sup>	1	,1
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

#### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,857	,857	3

### Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Zscore(ECP_3_SS)	,0164317	,98288506	849
Zscore(ECP_8_SS)	,0291980	,99447061	849
Zscore(ECP_16_SS)	,0300365	,99968079	849

### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Zscore(ECP_3_SS)	,0592345	3,263	,749	,570	,781
Zscore(ECP_8_SS)	,0464682	3,223	,750	,571	,780
Zscore(ECP_16_SS)	,0456298	3,358	,691	,478	,836

### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
,0756663	6,890	2,62490635	3

**Scale: Exclusão****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	850	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,832	,831	3

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
Zscore(ECP_14_SS)	,0154741	,99016139	850
Zscore(ECP_19_SS)	-,0107825	,94806477	850
Zscore(ECP_24_SS)	,0118302	,98060172	850

**Inter-Item Correlation Matrix**

	Zscore(ECP_14_SS)	Zscore(ECP_19_SS)	Zscore(ECP_24_SS)
Zscore(ECP_14_SS)	1,000	,523	,792

Zscore(ECP_19_SS )	,523	1,000	,548
Zscore(ECP_24_SS )	,792	,548	1,000

#### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Zscore(ECP_14_SS )	,0010477	2,880	,750	,638	,708
Zscore(ECP_19_SS )	,0273043	3,479	,566	,322	,884
Zscore(ECP_24_SS )	,0046916	2,861	,771	,652	,686

#### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
,0165218	6,380	2,52577253	3

#### Scale: Vitimização

#### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	850	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,864	,864	3

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
Zscore(ECP_5_SS)	-,0009903	,96721343	850
Zscore(ECP_21_SS)	-,0115755	,95055638	850
Zscore(ECP_31_SS)	,0017685	,95194532	850

**Inter-Item Correlation Matrix**

	Zscore(ECP_5_SS)	Zscore(ECP_21_SS)	Zscore(ECP_31_SS)
Zscore(ECP_5_SS)	1,000	,726	,663
Zscore(ECP_21_SS)	,726	1,000	,650
Zscore(ECP_31_SS)	,663	,650	1,000

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Zscore(ECP_5_SS)	-,0098070	2,986	,765	,591	,788

Zscore(ECP_21_SS )	,0007781	3,063	,755	,578	,797
Zscore(ECP_31_SS )	-,0125658	3,174	,707	,500	,841

### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
-,0107973	6,477	2,54508014	3

### Scale: Comportamento Prosocial

#### Case Processing Summary

	N	%
Valid	849	99,9
Cases Excluded <sup>a</sup>	1	,1
Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,738	,738	4

### Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Zscore(ECP_4_SS)	-,0175650	,95747727	849

Zscore(ECP_10_SS )	-,0021997	,97698020	849
Zscore(ECP_15_SS )	-,0085141	,94771969	849
Zscore(ECP_25_SS )	,0057253	,97368577	849

#### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Zscore(ECP_4_SS)	-,0049885	5,425	,446	,202	,726
Zscore(ECP_10_SS )	-,0203538	4,967	,553	,360	,666
Zscore(ECP_15_SS )	-,0140394	5,266	,498	,253	,697
Zscore(ECP_25_SS )	-,0282787	4,717	,630	,424	,619

#### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
-,0225535	8,329	2,88595571	4

#### Scale: Sociabilidade

#### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	850	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables  
in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,792	,793	4

### Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Zscore(ECP_6_SS)	-,0174656	,94727484	850
Zscore(ECP_22_SS)	-,0112078	,95548443	850
Zscore(ECP_27_SS)	-,0199138	,95078256	850
Zscore(ECP_32_SS)	,0118114	,98077345	850

### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Zscore(ECP_6_SS)	-,0193101	5,300	,656	,489	,714
Zscore(ECP_22_SS)	-,0255679	5,150	,691	,508	,695
Zscore(ECP_27_SS)	-,0168619	5,378	,630	,411	,727

Zscore(ECP_32_SS )	-,0485871	5,966	,445	,204	,818
-----------------------	-----------	-------	------	------	------

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
-,0367757	9,059	3,00984584	4

**Tabela 7:** Consistência interna das dimensões do *FQQ*.**Scale: Companheirismo/ Recreação****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	584	68,7
	Excluded <sup>a</sup>	266	31,3
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,717	5

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_2	2,50	1,575	584
FQQ_7	3,44	1,338	584
FQQ_19	4,10	1,119	584
FQQ_22	3,08	1,545	584
FQQ_23	3,67	1,328	584

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_2	14,29	15,426	,387	,712
FQQ_7	13,34	15,347	,529	,649

FQQ_19	12,69	16,541	,538	,655
FQQ_22	13,71	14,841	,459	,679
FQQ_23	13,12	15,588	,509	,657

### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
16,79	22,690	4,763	5

Scale: Validação/Cuidado

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	567	66,7
	Excluded <sup>a</sup>	283	33,3
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,838	6

### Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_4	3,30	1,157	567
FQQ_5	3,50	1,257	567
FQQ_6	3,53	1,281	567
FQQ_12	3,99	1,178	567
FQQ_13	3,12	1,262	567
FQQ_15	3,60	1,131	567

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_4	17,75	21,423	,605	,814
FQQ_5	17,54	20,800	,599	,815
FQQ_6	17,52	20,331	,629	,809
FQQ_12	17,05	21,319	,600	,814
FQQ_13	17,92	21,079	,567	,821
FQQ_15	17,44	20,834	,691	,798

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
21,05	29,242	5,408	6

**Scale: Ajuda/Orientação**

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	578	68,0
	Excluded <sup>a</sup>	272	32,0
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,913	8

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_17	3,61	1,160	578
FQQ_18	3,44	1,271	578
FQQ_24	3,59	1,273	578
FQQ_32	3,70	1,209	578
FQQ_33	3,58	1,326	578
FQQ_34	3,57	1,220	578
FQQ_36	3,85	1,190	578
FQQ_39	3,31	1,373	578

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_17	25,04	49,068	,754	,899
FQQ_18	25,21	48,909	,682	,905
FQQ_24	25,06	48,316	,718	,902
FQQ_32	24,95	48,564	,750	,899
FQQ_33	25,07	48,467	,673	,906
FQQ_34	25,07	48,395	,752	,899
FQQ_36	24,80	48,433	,773	,897
FQQ_39	25,34	48,372	,649	,908

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
28,65	62,655	7,915	8

**Scale: Partilha de Intimidade****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	591	69,5
	Excluded <sup>a</sup>	259	30,5
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,893	5

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_14	3,73	1,333	591
FQQ_16	3,88	1,281	591
FQQ_25	3,21	1,529	591
FQQ_38	3,57	1,416	591
FQQ_40	3,75	1,428	591

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_14	14,41	22,924	,753	,867
FQQ_16	14,26	23,522	,736	,871
FQQ_25	14,94	22,792	,628	,897

FQQ_38	14,58	21,706	,803	,854
FQQ_40	14,40	21,769	,788	,858

### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
18,15	34,304	5,857	5

### Scale: Resolução de Conflito

#### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	599	70,5
	Excluded <sup>a</sup>	251	29,5
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,739	3

### Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_11	3,49	1,371	599
FQQ_26	3,91	1,304	599
FQQ_35	3,67	1,396	599

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_11	7,58	5,768	,494	,734
FQQ_26	7,17	5,372	,633	,574
FQQ_35	7,41	5,292	,570	,647

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
11,08	10,902	3,302	3

**Scale: Conflito/Traição****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	569	66,9
	Excluded <sup>a</sup>	281	33,1
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,807	7

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_3	1,69	1,004	569
FQQ_9	1,56	1,024	569
FQQ_20	1,68	1,076	569
FQQ_21	1,60	1,119	569
FQQ_27	1,61	1,061	569
FQQ_31	1,79	1,098	569
FQQ_37	1,57	1,022	569

#### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_3	9,81	20,067	,486	,791
FQQ_9	9,94	19,762	,510	,787
FQQ_20	9,82	18,030	,685	,755
FQQ_21	9,91	20,079	,411	,806
FQQ_27	9,90	18,502	,638	,764
FQQ_31	9,72	18,489	,609	,769
FQQ_37	9,93	20,171	,461	,795

#### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
11,50	25,451	5,045	7

Scale: FQQ\_Tot

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	506	59,5
	Excluded <sup>a</sup>	344	40,5
	Total	850	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,951	27

### Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
FQQ_2	2,48	1,563	506
FQQ_4	3,33	1,146	506
FQQ_5	3,51	1,251	506
FQQ_6	3,51	1,279	506
FQQ_7	3,47	1,342	506
FQQ_11	3,54	1,361	506
FQQ_12	4,00	1,182	506
FQQ_13	3,16	1,266	506
FQQ_14	3,75	1,325	506
FQQ_15	3,60	1,118	506
FQQ_16	3,91	1,258	506
FQQ_17	3,63	1,153	506
FQQ_18	3,46	1,250	506
FQQ_19	4,13	1,097	506
FQQ_22	3,11	1,544	506

FQQ_23	3,71	1,302	506
FQQ_24	3,65	1,255	506
FQQ_25	3,23	1,520	506
FQQ_26	3,95	1,287	506
FQQ_32	3,74	1,192	506
FQQ_33	3,60	1,317	506
FQQ_34	3,62	1,194	506
FQQ_35	3,74	1,371	506
FQQ_36	3,89	1,164	506
FQQ_38	3,57	1,403	506
FQQ_39	3,34	1,358	506
FQQ_40	3,76	1,425	506

#### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FQQ_2	93,90	515,941	,336	,953
FQQ_4	93,06	511,068	,577	,950
FQQ_5	92,87	507,430	,590	,950
FQQ_6	92,88	503,255	,651	,949
FQQ_7	92,92	504,397	,598	,950
FQQ_11	92,84	504,603	,585	,950
FQQ_12	92,39	505,156	,672	,949
FQQ_13	93,23	510,854	,521	,950
FQQ_14	92,64	498,418	,711	,949
FQQ_15	92,78	504,589	,725	,949
FQQ_16	92,48	499,498	,732	,948
FQQ_17	92,75	502,024	,753	,948
FQQ_18	92,93	500,240	,723	,948
FQQ_19	92,26	507,639	,676	,949
FQQ_22	93,28	505,759	,491	,951

FQQ_23	92,68	509,557	,527	,950
FQQ_24	92,74	500,335	,718	,949
FQQ_25	93,16	498,392	,612	,950
FQQ_26	92,43	503,165	,649	,949
FQQ_32	92,65	501,816	,730	,948
FQQ_33	92,79	503,304	,630	,949
FQQ_34	92,77	502,447	,717	,949
FQQ_35	92,65	506,875	,543	,950
FQQ_36	92,50	501,094	,764	,948
FQQ_38	92,82	495,283	,721	,948
FQQ_39	93,05	504,298	,592	,950
FQQ_40	92,62	494,481	,722	,948

#### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
96,39	542,254	23,286	27

**Tabela 8:** Correlações das dimensões do *FQQ*.

		<b>Correlations</b>					
		Companheiris mo	Validaçã o	Ajud a	Intimidad e	Resoluçã o de conflito	Conflit o
Companheiris mo	Pearson Correlatio n	1	,615**	,718* *	,613**	,566**	,018
	Sig. (2- tailed)		,000	,000	,000	,000	,655
	N	606	601	605	603	597	604
Validação	Pearson Correlatio n	,615**	1	,763* *	,700**	,633**	-,111**
	Sig. (2- tailed)	,000		,000	,000	,000	,007
	N	601	603	603	601	595	602
Ajuda	Pearson Correlatio n	,718**	,763**	1	,729**	,662**	-,065
	Sig. (2- tailed)	,000	,000		,000	,000	,108
	N	605	603	608	606	599	607
Intimidade	Pearson Correlatio n	,613**	,700**	,729* *	1	,589**	-,104*
	Sig. (2- tailed)	,000	,000	,000		,000	,011
	N	603	601	606	606	598	605

Resolução de conflito	Pearson Correlation	,566**	,633**	,662*	,589**	1	-,125**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,002
	N	597	595	599	598	599	598
	Pearson Correlation	,018	-,111**	-,065	-,104*	-,125**	1
Conflito	Sig. (2-tailed)	,655	,007	,108	,011	,002	
	N	604	602	607	605	598	607

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**Tabela 9:** Descritivos do Grupo Retirados e do Grupo de Controlo.

#### Género

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Feminino	87	53,4	53,4	53,4
Masculino	76	46,6	46,6	100,0
Total	163	100,0	100,0	

#### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	163	10	18	12,88	1,275
Valid N (listwise)	163				

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Aggression	163	-,85	-,30	-,5008	,10096
SWithdrawal	163	-,12	5,78	1,1822	1,07019
Valid N (listwise)	163				

**Género**

	Frecuency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Feminino	95	47,7	47,7	47,7
Masculino	104	52,3	52,3	100,0
Total	199	100,0	100,0	

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	191	11	18	13,42	1,708
Valid N (listwise)	191				

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Aggression	199	-,85	-,29	-,4992	,10808
SWithdrawal	199	-,90	-,32	-,4765	,09173
Valid N (listwise)	199				

**Tabela 10:** MANOVA para comparação dos grupos dos Retirados e de Controlo nas dimensões da Retirada Social e Agressividade.**Multivariate Tests<sup>a</sup>**

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>c</sup>
Intercept	Pillai's Trace	,958	4065,502 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,958	8131,004	1,000
	Wilks' Lambda	,042	4065,502 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,958	8131,004	1,000
	Hotelling's Trace	22,776	4065,502 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,958	8131,004	1,000
	Roy's Largest Root	22,776	4065,502 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,958	8131,004	1,000
	Pillai's Trace	,569	235,627 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,569	471,255	1,000
GROUPS_P67	Wilks' Lambda	,431	235,627 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,569	471,255	1,000
	Hotelling's Trace	1,320	235,627 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,569	471,255	1,000
	Roy's Largest Root	1,320	235,627 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,000	,569	471,255	1,000
	Pillai's Trace	,009	1,643 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,195	,009	3,287	,346
	Wilks' Lambda	,991	1,643 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,195	,009	3,287	,346
Género	Hotelling's Trace	,009	1,643 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,195	,009	3,287	,346
	Roy's Largest Root	,009	1,643 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,195	,009	3,287	,346
	Pillai's Trace	,001	,127 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,881	,001	,254	,069
	Wilks' Lambda	,999	,127 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,881	,001	,254	,069

Género	Hotelling's Trace	,001	,127 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,881	,001	,254	,069
	Roy's Largest Root	,001	,127 <sup>b</sup>	2,000	357,000	,881	,001	,254	,069

a. Design: Intercept + GROUPS\_P67 + Género + GROUPS\_P67 \* Género

b. Exact statistic

c. Computed using alpha = ,05

#### Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>c</sup>
Corrected Model	Aggression	,041 <sup>a</sup>	3	,014	1,262	,287	,010	3,785	,337
	SWithdrawal	246,551 <sup>b</sup>	3	82,184	157,178	,000	,568	471,533	1,000
Intercept	Aggression	89,307	1	89,307	8150,016	,000	,958	8150,016	1,000
	SWithdrawal	44,528	1	44,528	85,161	,000	,192	85,161	1,000
GROUPS_P67	Aggression	2,397E-005	1	2,397E-005	,002	,963	,000	,002	,050
	SWithdrawal	245,566	1	245,566	469,651	,000	,567	469,651	1,000
Género	Aggression	,036	1	,036	3,295	,070	,009	3,295	,441
	SWithdrawal	,007	1	,007	,014	,905	,000	,014	,052

GROUPS_P67	Aggression	,003	1	,003	,249	,618	,001	,249	,079
*									
Género	SWithdrawal	,007	1	,007	,014	,905	,000	,014	,052
Error	Aggression	3,923	358	,011					
	SWithdrawal	187,187	358	,523					
Total	Aggression	94,429	362						
	SWithdrawal	460,204	362						
Corrected Total	Aggression	3,964	361						
	SWithdrawal	433,738	361						

a. R Squared = ,010 (Adjusted R Squared = ,002)

b. R Squared = ,568 (Adjusted R Squared = ,565)

c. Computed using alpha = ,05

**Estimates**

Dependent Variable	GROUPS_P67	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound

Aggression	SW	-,500	,008	-,516	-,484
	Control	-,500	,007	-,514	-,485
SWithdrawal	SW	1,182	,057	1,071	1,294
	Control	-,476	,051	-,577	-,375

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable (I)	(J)	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>		
					GROUPS_P67	GROUPS_P67	Lower Bound
Aggression	SW	Control	-,001	,011	,963	-,022	,021
	Control	SW	,001	,011	,963	-,021	,022
SWithdrawal	SW	Control	1,658*	,077	,000	1,508	1,809
	Control	SW	-1,658*	,077	,000	-1,809	-1,508

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

**Tabela 11:** MANOVA para comparação do funcionamento social dos grupos dos Retirados e de Controlo.

		<b>Multivariate Tests<sup>a</sup></b>							
Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>c</sup>
Intercept	Pillai's Trace	,959	1345,588 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,959	8073,526	1,000
	Wilks' Lambda	,041	1345,588 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,959	8073,526	1,000
	Hotelling's Trace	23,133	1345,588 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,959	8073,526	1,000
	Roy's Largest Root	23,133	1345,588 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,959	8073,526	1,000
GROUPS_P67	Pillai's Trace	,608	90,149 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,608	540,897	1,000
	Wilks' Lambda	,392	90,149 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,608	540,897	1,000
	Hotelling's Trace	1,550	90,149 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,608	540,897	1,000
	Roy's Largest Root	1,550	90,149 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,000	,608	540,897	1,000
Género	Pillai's Trace	,026	1,547 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,162	,026	9,281	,596
	Wilks' Lambda	,974	1,547 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,162	,026	9,281	,596

	Hotelling's Trace	,027	1,547 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,162	,026	9,281	,596
	Roy's Largest Root	,027	1,547 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,162	,026	9,281	,596
	Pillai's Trace	,049	2,972 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,008	,049	17,830	,902
	Wilks' Lambda	,951	2,972 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,008	,049	17,830	,902
Idade_Groups	Hotelling's Trace	,051	2,972 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,008	,049	17,830	,902
	Roy's Largest Root	,051	2,972 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,008	,049	17,830	,902
	Pillai's Trace	,025	1,508 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,174	,025	9,050	,583
	Wilks' Lambda	,975	1,508 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,174	,025	9,050	,583
GROUPS_P67 *	Hotelling's Trace	,026	1,508 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,174	,025	9,050	,583
Género	Roy's Largest Root	,026	1,508 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,174	,025	9,050	,583
	Pillai's Trace	,028	1,665 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,129	,028	9,991	,634
GROUPS_P67 *	Wilks' Lambda	,972	1,665 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,129	,028	9,991	,634
Idade_Groups	Hotelling's Trace	,029	1,665 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,129	,028	9,991	,634

Género *	Roy's Largest	,029	1,665 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,129	,028	9,991	,634
	Root								
	Pillai's Trace	,026	1,536 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,165	,026	9,215	,592
	Wilks' Lambda	,974	1,536 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,165	,026	9,215	,592
	Hotelling's	,026	1,536 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,165	,026	9,215	,592
Idade_Groups	Trace								
	Roy's Largest	,026	1,536 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,165	,026	9,215	,592
	Root								
	Pillai's Trace	,012	,688 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,659	,012	4,130	,273
	Wilks' Lambda	,988	,688 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,659	,012	4,130	,273
GROUPS_P67 *	Hotelling's	,012	,688 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,659	,012	4,130	,273
	Trace								
	Roy's Largest	,012	,688 <sup>b</sup>	6,000	349,000	,659	,012	4,130	,273
	Root								

a. Design: Intercept + GROUPS\_P67 + Género + Idade\_Groups + GROUPS\_P67 \* Género + GROUPS\_P67 \* Idade\_Groups + Género \*

Idade\_Groups + GROUPS\_P67 \* Género \* Idade\_Groups

b. Exact statistic

c. Computed using alpha = ,05

**Tests of Between-Subjects Effects**

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>g</sup>
Corrected Model	Aggression	,096 <sup>a</sup>	7	,014	1,261	,269	,024	8,829	,540
	SWithdrawal	256,021 <sup>b</sup>	7	36,574	72,854	,000	,590	509,978	1,000
	Exclusion	65,024 <sup>c</sup>	7	9,289	17,722	,000	,259	124,052	1,000
	Victimization	23,101 <sup>d</sup>	7	3,300	7,109	,000	,123	49,762	1,000
	Prosocial	16,934 <sup>e</sup>	7	2,419	4,512	,000	,082	31,582	,993
	Sociability	1,721 <sup>f</sup>	7	,246	,812	,578	,016	5,684	,351
Intercept	Aggression	86,926	1	86,926	7955,559	,000	,957	7955,559	1,000
	SWithdrawal	41,536	1	41,536	82,737	,000	,189	82,737	1,000
	Exclusion	,103	1	,103	,197	,657	,001	,197	,073
	Victimization	5,025	1	5,025	10,825	,001	,030	10,825	,907
	Prosocial	,019	1	,019	,035	,851	,000	,035	,054
	Sociability	17,035	1	17,035	56,249	,000	,137	56,249	1,000
GROUPS_P67	Aggression	,000	1	,000	,015	,904	,000	,015	,052
	SWithdrawal	235,697	1	235,697	469,493	,000	,570	469,493	1,000
	Exclusion	57,677	1	57,677	110,036	,000	,237	110,036	1,000
	Victimization	19,135	1	19,135	41,220	,000	,104	41,220	1,000
	Prosocial	11,335	1	11,335	21,140	,000	,056	21,140	,996

	Sociability	,002	1	,002	,006	,939	,000	,006	,051
	Aggression	,031	1	,031	2,836	,093	,008	2,836	,390
	SWithdrawal	,042	1	,042	,084	,772	,000	,084	,060
Género	Exclusion	1,282	1	1,282	2,446	,119	,007	2,446	,345
	Victimization	,052	1	,052	,113	,737	,000	,113	,063
	Prosocial	,099	1	,099	,185	,668	,001	,185	,071
	Sociability	,025	1	,025	,082	,775	,000	,082	,059
	Aggression	,004	1	,004	,326	,568	,001	,326	,088
	SWithdrawal	4,318	1	4,318	8,602	,004	,024	8,602	,833
Idade_Groups	Exclusion	,777	1	,777	1,483	,224	,004	1,483	,229
	Victimization	,369	1	,369	,794	,373	,002	,794	,144
	Prosocial	3,811	1	3,811	7,108	,008	,020	7,108	,758
	Sociability	,421	1	,421	1,390	,239	,004	1,390	,217
	Aggression	,003	1	,003	,283	,595	,001	,283	,083
	SWithdrawal	,126	1	,126	,252	,616	,001	,252	,079
GROUPS_P67 * Género	Exclusion	1,393	1	1,393	2,657	,104	,007	2,657	,369
	Victimization	,261	1	,261	,562	,454	,002	,562	,116
	Prosocial	,014	1	,014	,026	,872	,000	,026	,053

GROUPS_P67 * Idade_Groups	Sociability	,873	1	,873	2,881	,090	,008	2,881	,395
	Aggression	7,784E-005	1	7,784E-005	,007	,933	,000	,007	,051
	SWithdrawal	4,136	1	4,136	8,239	,004	,023	8,239	,817
	Exclusion	,568	1	,568	1,084	,298	,003	1,084	,180
	Victimization	,022	1	,022	,046	,830	,000	,046	,055
	Prosocial	1,106	1	1,106	2,064	,152	,006	2,064	,299
	Sociability	,134	1	,134	,442	,507	,001	,442	,102
Género * Idade_Groups	Aggression	,036	1	,036	3,255	,072	,009	3,255	,436
	SWithdrawal	,829	1	,829	1,651	,200	,005	1,651	,249
	Exclusion	,073	1	,073	,139	,710	,000	,139	,066
	Victimization	1,375	1	1,375	2,961	,086	,008	2,961	,404
	Prosocial	,069	1	,069	,128	,720	,000	,128	,065
	Sociability	,016	1	,016	,052	,819	,000	,052	,056
GROUPS_P67 * Género * Idade_Groups	Aggression	,019	1	,019	1,739	,188	,005	1,739	,260
	SWithdrawal	,616	1	,616	1,228	,269	,003	1,228	,197
	Exclusion	,032	1	,032	,062	,804	,000	,062	,057
	Victimization	,006	1	,006	,013	,910	,000	,013	,051
	Prosocial	,083	1	,083	,155	,694	,000	,155	,068

Error	Sociability	,067	1	,067	,223	,637	,001	,223	,076
	Aggression	3,868	354	,011					
	SWithdrawal	177,717	354	,502					
	Exclusion	185,555	354	,524					
	Victimization	164,334	354	,464					
	Prosocial	189,816	354	,536					
	Sociability	107,208	354	,303					
Total	Aggression	94,429	362						
	SWithdrawal	460,204	362						
	Exclusion	250,689	362						
	Victimization	194,812	362						
	Prosocial	206,840	362						
	Sociability	127,427	362						
Corrected Total	Aggression	3,964	361						
	SWithdrawal	433,738	361						
	Exclusion	250,579	361						
	Victimization	187,435	361						
	Prosocial	206,751	361						
	Sociability	108,929	361						

- a. R Squared = ,024 (Adjusted R Squared = ,005)
- b. R Squared = ,590 (Adjusted R Squared = ,582)
- c. R Squared = ,259 (Adjusted R Squared = ,245)
- d. R Squared = ,123 (Adjusted R Squared = ,106)
- e. R Squared = ,082 (Adjusted R Squared = ,064)
- f. R Squared = ,016 (Adjusted R Squared = -,004)
- g. Computed using alpha = ,05

## Estimates

Dependent Variable	GROUPS_P6	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound
Aggression	SW	-,498	,008	-,514	-,482
	Control	-,499	,008	-,514	-,485
SWithdrawal	SW	1,166	,056	1,056	1,276
	Control	-,476	,051	-,577	-,376
Exclusion	SW	,423	,057	,311	,536
	Control	-,389	,052	-,491	-,287
Victimization	SW	,114	,054	,008	,220
	Control	-,354	,049	-,450	-,257
Prosocial	SW	,187	,058	,073	,301
	Control	-,173	,053	-,276	-,069
Sociability	SW	-,223	,044	-,309	-,137
	Control	-,219	,040	-,296	-,141

**Pairwise Comparisons**

Dependent Variable	(I) GROUPS_P67	(J) GROUPS_P67	Mean Difference (I- J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
						Lower Bound	Upper Bound
						Aggression	SW
	Control	SW	-,001	,011	,904	-,023	,021
SWithdrawal	SW	Control	1,642*	,076	,000	1,493	1,791
	Control	SW	-1,642*	,076	,000	-1,791	-1,493
Exclusion	SW	Control	,812*	,077	,000	,660	,965
	Control	SW	-,812*	,077	,000	-,965	-,660
Victimization	SW	Control	,468*	,073	,000	,325	,611
	Control	SW	-,468*	,073	,000	-,611	-,325
Prosocial	SW	Control	,360*	,078	,000	,206	,514
	Control	SW	-,360*	,078	,000	-,514	-,206
Sociability	SW	Control	-,004	,059	,939	-,120	,111
	Control	SW	,004	,059	,939	-,111	,120

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

**Univariate Tests**

Dependent Variable		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Aggression	Contrast	,000	1	,000	,015	,904	,000	,015	,052
	Error	3,868	354	,011					
SWithdrawal	Contrast	235,697	1	235,697	469,493	,000	,570	469,493	1,000
	Error	177,717	354	,502					
Exclusion	Contrast	57,677	1	57,677	110,036	,000	,237	110,036	1,000
	Error	185,555	354	,524					
Victimization	Contrast	19,135	1	19,135	41,220	,000	,104	41,220	1,000
	Error	164,334	354	,464					
Prosocial	Contrast	11,335	1	11,335	21,140	,000	,056	21,140	,996
	Error	189,816	354	,536					
Sociability	Contrast	,002	1	,002	,006	,939	,000	,006	,051
	Error	107,208	354	,303					

The F tests the effect of GROUPS\_P67. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05



### Estimates

Dependent Variable	Idade_Groups	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound
Aggression	<13	-,495	,008	-,512	-,479
	>=13	-,502	,008	-,517	-,487
SWithdrawal	<13	,234	,056	,124	,343
	>=13	,456	,051	,355	,557
Exclusion	<13	-,030	,057	-,142	,082
	>=13	,064	,052	-,039	,168
Victimization	<13	-,087	,054	-,193	,018
	>=13	-,152	,049	-,249	-,055
Prosocial	<13	,112	,058	-,002	,225
	>=13	-,097	,053	-,201	,007
Sociability	<13	-,186	,043	-,271	-,101
	>=13	-,255	,040	-,334	-,177

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable	(I) Idade_Groups	(J) Idade_Groups	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
						Lower Bound	Upper Bound
						Aggression	<13
	>=13	<13	-,006	,011	,568	-,028	,016
SWithdrawal	<13	>=13	-,222*	,076	,004	-,371	-,073
	>=13	<13	,222*	,076	,004	,073	,371
Exclusion	<13	>=13	-,094	,077	,224	-,247	,058
	>=13	<13	,094	,077	,224	-,058	,247
Victimization	<13	>=13	,065	,073	,373	-,078	,208
	>=13	<13	-,065	,073	,373	-,208	,078
Prosocial	<13	>=13	,209*	,078	,008	,055	,363

	>=13	<13	-,209*	,078	,008	-,363	-,055
Sociability	<13	>=13	,069	,059	,239	-,046	,185
	>=13	<13	-,069	,059	,239	-,185	,046

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

**Univariate Tests**

Dependent Variable		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Aggression	Contrast	,004	1	,004	,326	,568	,001	,326	,088
	Error	3,868	354	,011					
SWithdrawal	Contrast	4,318	1	4,318	8,602	,004	,024	8,602	,833
	Error	177,717	354	,502					
Exclusion	Contrast	,777	1	,777	1,483	,224	,004	1,483	,229
	Error	185,555	354	,524					
Victimization	Contrast	,369	1	,369	,794	,373	,002	,794	,144
	Error	164,334	354	,464					
Prosocial	Contrast	3,811	1	3,811	7,108	,008	,020	7,108	,758
	Error	189,816	354	,536					
Sociability	Contrast	,421	1	,421	1,390	,239	,004	1,390	,217
	Error	107,208	354	,303					

The F tests the effect of Idade\_Groups. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

**Tabela 12:** ANOVA para comparação dos grupos dos Retirados e de Controlo na prevalência da amizade**Tests of Between-Subjects Effects**

Dependent Variable: MELHS\_AMIGS\_RECIPR\_SS

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>b</sup>
Corrected Model	6,253 <sup>a</sup>	3	2,084	3,618	,014	,044	10,853	,791
Intercept	188,701	1	188,701	327,511	,000	,580	327,511	1,000
GROUPS_P67	1,384	1	1,384	2,402	,122	,010	2,402	,339
Género	3,644	1	3,644	6,324	,013	,026	6,324	,707
GROUPS_P67 * Género	,588	1	,588	1,020	,314	,004	1,020	,172
Error	136,552	237	,576					
Total	340,000	241						
Corrected Total	142,805	240						

a. R Squared = ,044 (Adjusted R Squared = ,032)

b. Computed using alpha = ,05

**Género****Estimates**

Dependent Variable: MELHS\_AMIGS\_RECIPR\_SS

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Feminino	1,039	,070	,901	1,178
Masculino	,786	,072	,644	,928

**Pairwise Comparisons**

Dependent Variable: MELHS\_AMIGS\_RECIPR\_SS

(I) Género	(J) Género	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
Feminino	Masculino	,254*	,101	,013	,055	,452
Masculino	Feminino	-,254*	,101	,013	-,452	-,055

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

**Univariate Tests**

Dependent Variable: MELHS\_AMIGS\_RECIPR\_SS

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Contrast	3,644	1	3,644	6,324	,013	,026	6,324	,707
Error	136,552	237	,576					

The F tests the effect of Género. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using  $\alpha = ,05$



Género	Wilks' Lambda	,969	,610 <sup>b</sup>	6,000	116,000	,722	,031	3,662	,236
	Hotelling's Trace	,032	,610 <sup>b</sup>	6,000	116,000	,722	,031	3,662	,236
	Roy's Largest								
	Root	,032	,610 <sup>b</sup>	6,000	116,000	,722	,031	3,662	,236

a. Design: Intercept + BF\_Group + Género + BF\_Group \* Género

b. Exact statistic

c. Computed using alpha = ,05

#### Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>g</sup>
Corrected Model	Aggression	2,711 <sup>a</sup>	3	,904	2,410	,070	,056	7,230	,590
	SWithdrawal	4,289 <sup>b</sup>	3	1,430	2,524	,061	,059	7,572	,612
	Exclusion	5,631 <sup>c</sup>	3	1,877	4,501	,005	,100	13,502	,873
	Victimization	,378 <sup>d</sup>	3	,126	,238	,870	,006	,714	,094
	Prosocial	,406 <sup>e</sup>	3	,135	,208	,891	,005	,624	,088
	Sociability	,790 <sup>f</sup>	3	,263	,283	,838	,007	,848	,103
Intercept	Aggression	,009	1	,009	,025	,874	,000	,025	,053
	SWithdrawal	,001	1	,001	,002	,961	,000	,002	,050
	Exclusion	,501	1	,501	1,201	,275	,010	1,201	,193
	Victimization	,060	1	,060	,113	,738	,001	,113	,063

BF_Group	Prosocial	13,236	1	13,236	20,345	,000	,144	20,345	,994
	Sociability	9,247	1	9,247	9,926	,002	,076	9,926	,878
	Aggression	2,146	1	2,146	5,723	,018	,045	5,723	,660
	SWithdrawal	2,935	1	2,935	5,182	,025	,041	5,182	,617
	Exclusion	5,223	1	5,223	12,525	,001	,094	12,525	,940
	Victimization	,140	1	,140	,263	,609	,002	,263	,080
	Prosocial	,070	1	,070	,108	,743	,001	,108	,062
	Sociability	,000	1	,000	,000	,990	,000	,000	,050
Género	Aggression	,478	1	,478	1,276	,261	,010	1,276	,202
	SWithdrawal	,076	1	,076	,135	,714	,001	,135	,065
	Exclusion	,467	1	,467	1,120	,292	,009	1,120	,183
	Victimization	,120	1	,120	,227	,635	,002	,227	,076
	Prosocial	,257	1	,257	,394	,531	,003	,394	,096
	Sociability	,008	1	,008	,009	,926	,000	,009	,051

	Aggression	,044	1	,044	,117	,733	,001	,117	,063
	SWithdrawal	,781	1	,781	1,379	,243	,011	1,379	,214
BF_Group *	Exclusion	,000	1	,000	,001	,979	,000	,001	,050
Género	Victimization	,142	1	,142	,267	,606	,002	,267	,081
	Prosocial	,086	1	,086	,133	,716	,001	,133	,065
	Sociability	,777	1	,777	,834	,363	,007	,834	,148
	Aggression	45,366	121	,375					
	SWithdrawal	68,537	121	,566					
Error	Exclusion	50,460	121	,417					
	Victimization	64,172	121	,530					
	Prosocial	78,718	121	,651					
	Sociability	112,723	121	,932					
	Aggression	48,083	125						
	SWithdrawal	72,855	125						
	Exclusion	56,489	125						
Total	Victimization	64,630	125						
	Prosocial	93,068	125						
	Sociability	123,198	125						
<hr/>									
<hr/>									

Corrected Total	Aggression	48,076	124					
	SWithdrawal	72,826	124					
	Exclusion	56,091	124					
	Victimization	64,550	124					
	Prosocial	79,123	124					
	Sociability	113,513	124					

a. R Squared = ,056 (Adjusted R Squared = ,033)

b. R Squared = ,059 (Adjusted R Squared = ,036)

c. R Squared = ,100 (Adjusted R Squared = ,078)

d. R Squared = ,006 (Adjusted R Squared = -,019)

e. R Squared = ,005 (Adjusted R Squared = -,020)

f. R Squared = ,007 (Adjusted R Squared = -,018)

g. Computed using alpha = ,05

## Estimates

Dependent Variable	BF_Group	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound
Aggression	BF_SW	-,124	,076	-,274	,027
	BF_CONTRO L	,141	,081	-,018	,301
SWithdrawal	BF_SW	,151	,093	-,033	,336
	BF_CONTRO L	-,158	,099	-,354	,038
Exclusion	BF_SW	,143	,080	-,016	,301
	BF_CONTRO L	-,270	,085	-,439	-,102
Victimization	BF_SW	,012	,090	-,167	,190
	BF_CONTRO L	-,056	,096	-,246	,134
Prosocial	BF_SW	,305	,100	,107	,503
	BF_CONTRO L	,353	,106	,143	,563
Sociability	BF_SW	,276	,120	,039	,513
	BF_CONTRO L	,274	,127	,022	,525

## Pairwise Comparisons

Dependent Variable	(I) BF_Group	(J) BF_Group	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
						Lower Bound	Upper Bound
Aggression	BF_SW	BF_CONTRO L	-,265*	,111	,018	-,484	-,046
	BF_CONTRO L	BF_SW	,265*	,111	,018	,046	,484
SWithdrawal	BF_SW	BF_CONTRO L	,310*	,136	,025	,040	,579
	BF_CONTRO L	BF_SW	-,310*	,136	,025	-,579	-,040
Exclusion	BF_SW	BF_CONTRO L	,413*	,117	,001	,182	,644
	BF_CONTRO L	BF_SW	-,413*	,117	,001	-,644	-,182
Victimization	BF_SW	BF_CONTRO L	,068	,132	,609	-,193	,328
	BF_CONTRO L	BF_SW	-,068	,132	,609	-,328	,193

Prosocial	BF_SW	BF_CONTRO L	-,048	,146	,743	-,337	,241
	BF_CONTRO L	BF_SW	,048	,146	,743	-,241	,337
Sociability	BF_SW	BF_CONTRO L	,002	,174	,990	-,343	,347
	BF_CONTRO L	BF_SW	-,002	,174	,990	-,347	,343

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

#### Univariate Tests

Dependent Variable		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Aggression	Contrast	2,146	1	2,146	5,723	,018	,045	5,723	,660
	Error	45,366	121	,375					

SWithdrawal	Contrast	2,935	1	2,935	5,182	,025	,041	5,182	,617
	Error	68,537	121	,566					
Exclusion	Contrast	5,223	1	5,223	12,525	,001	,094	12,525	,940
	Error	50,460	121	,417					
Victimization	Contrast	,140	1	,140	,263	,609	,002	,263	,080
	Error	64,172	121	,530					
Prosocial	Contrast	,070	1	,070	,108	,743	,001	,108	,062
	Error	78,718	121	,651					
Sociability	Contrast	,000	1	,000	,000	,990	,000	,000	,050
	Error	112,723	121	,932					

The F tests the effect of BF\_Group. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

**Tabela 14:** ANOVA para comparação da qualidade da amizade, na perspectiva dos sujeitos-alvo retirados e de controlo.**Tests of Between-Subjects Effects**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>b</sup>
Corrected Model	8,160 <sup>a</sup>	3	2,720	4,839	,003	,118	14,516	,896
Intercept	1426,936	1	1426,936	2538,460	,000	,959	2538,460	1,000
TARGET_Group	1,577	1	1,577	2,806	,097	,025	2,806	,382
Género	6,955	1	6,955	12,372	,001	,102	12,372	,937
TARGET_Group * Género	,104	1	,104	,186	,667	,002	,186	,071
Error	61,272	109	,562					
Total	1582,206	113						
Corrected Total	69,432	112						

a. R Squared = ,118 (Adjusted R Squared = ,093)

b. Computed using alpha = ,05

**Género****Estimates**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Feminino	3,876	,093	3,691	4,061
Masculino	3,370	,109	3,153	3,587

**Pairwise Comparisons**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

(I) Género	(J) Género	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
Feminino	Masculino	,506*	,144	,001	,221	,791
Masculino	Feminino	-,506*	,144	,001	-,791	-,221

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

**Univariate Tests**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Contrast	6,955	1	6,955	12,372	,001	,102	12,372	,937
Error	61,272	109	,562					

The F tests the effect of Género. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

**Tabela 15:** ANOVA para comparação da qualidade da amizade, na perspectiva dos melhores amigos dos jovens socialmente retirados e de controlo.

### Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>b</sup>
Corrected Model	8,873 <sup>a</sup>	3	2,958	5,761	,001	,136	17,283	,944
Intercept	1543,656	1	1543,656	3006,766	,000	,965	3006,766	1,000
BF_Group	,769	1	,769	1,498	,224	,013	1,498	,228
Género	8,469	1	8,469	16,496	,000	,130	16,496	,981
BF_Group * Género	,021	1	,021	,040	,841	,000	,040	,055
Error	56,473	110	,513					
Total	1678,012	114						
Corrected Total	65,346	113						

a. R Squared = ,136 (Adjusted R Squared = ,112)

b. Computed using alpha = ,05

**Género****Estimates**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Feminino	4,014	,091	3,833	4,195
Masculino	3,461	,101	3,260	3,661

**Pairwise Comparisons**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

(I) Género	(J) Género	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
Feminino	Masculino	,554*	,136	,000	,283	,824
Masculino	Feminino	-,554*	,136	,000	-,824	-,283

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

**Univariate Tests**

Dependent Variable: FQQ\_Tot

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Contrast	8,469	1	8,469	16,496	,000	,130	16,496	,981
Error	56,473	110	,513					

The F tests the effect of Género. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

**Tabela 16:** ANOVA para comparação da qualidade da amizade, entre os sujeitos-alvo e os seus melhores amigos.

### Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>b</sup>
Corrected Model	11,071 <sup>a</sup>	3	3,690	6,622	,000	,141	19,866	,970
Intercept	1539,151	1	1539,151	2761,899	,000	,958	2761,899	1,000
SW_Dyads	,650	1	,650	1,166	,282	,010	1,166	,188
Género	10,002	1	10,002	17,948	,000	,129	17,948	,988
SW_Dyads * Género	,778	1	,778	1,395	,240	,011	1,395	,216
Error	67,431	121	,557					
Total	1751,246	125						
Corrected Total	78,502	124						

a. R Squared = ,141 (Adjusted R Squared = ,120)

b. Computed using alpha = ,05

### Género

#### Estimates

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Feminino	3,884	,086	3,715	4,054
Masculino	3,305	,107	3,093	3,516

#### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: FQQ\_Tot

(I) Género	(J) Género	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
Feminino	Masculino	,579*	,137	,000	,309	,850
Masculino	Feminino	-,579*	,137	,000	-,850	-,309

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: FQQ\_Tot

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Contrast	10,002	1	10,002	17,948	,000	,129	17,948	,988
Error	67,431	121	,557					

The F tests the effect of Género. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

### Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>b</sup>
Corrected Model	6,894 <sup>a</sup>	3	2,298	4,698	,004	,125	14,093	,885

Intercept	1469,55 2	1	1469,55 2	3004,13 3	,00 0	,968	3004,133	1,000
CONTROL_Dyads	,164	1	,164	,335	,56 4	,003	,335	,088
Género	6,673	1	6,673	13,641	,00 0	,121	13,641	,955
CONTROL_Dyads * Género	,112	1	,112	,229	,63 3	,002	,229	,076
Error	48,428	99	,489					
Total	1538,23 6	10 3						
Corrected Total	55,322	10 2						

a. R Squared = ,125 (Adjusted R Squared = ,098)

b. Computed using alpha = ,05

## Género

### Estimates

Dependent Variable: FQQ\_Tot

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Feminino	4,038	,095	3,849	4,227
Masculino	3,528	,100	3,330	3,727

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: FQQ\_Tot

(I) Género	(J) Género	Mean Difference (I- J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
Feminino	Masculino	,510*	,138	,000	,236	,784
Masculino	Feminino	-,510*	,138	,000	-,784	-,236

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: FQQ\_Tot

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>a</sup>
Contrast	6,673	1	6,673	13,641	,000	,121	13,641	,955
Error	48,428	99	,489					

The F tests the effect of Género. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

**Tabela 17:** MANOVA para comparação do funcionamento social de jovens retirados com e sem amigos.

		Multivariate Tests <sup>a</sup>							
Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>c</sup>
Intercept	Pillai's Trace	,953	411,916 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,000	,953	2471,497	1,000
	Wilks'								
	Lambda	,047	411,916 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,000	,953	2471,497	1,000
	Hotelling's Trace	20,093	411,916 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,000	,953	2471,497	1,000
	Roy's Largest Root	20,093	411,916 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,000	,953	2471,497	1,000
	Pillai's Trace	,160	3,913 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
SWithdrawn_BFriendships	Wilks'	,840	3,913 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
	Lambda								
	Hotelling's Trace	,191	3,913 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
	Roy's Largest Root	,191	3,913 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
Género	Pillai's Trace	,130	3,067 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,008	,130	18,402	,901

SWithdrawn_BFriendships * Género	Wilks' Lambda	,870	3,067 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,008	,130	18,402	,901
	Hotelling's Trace	,150	3,067 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,008	,130	18,402	,901
	Roy's Largest Root	,150	3,067 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,008	,130	18,402	,901
	Pillai's Trace	,148	3,565 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,003	,148	21,392	,944
	Wilks' Lambda	,852	3,565 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,003	,148	21,392	,944
	Hotelling's Trace	,174	3,565 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,003	,148	21,392	,944
	Roy's Largest Root	,174	3,565 <sup>b</sup>	6,000	123,000	,003	,148	21,392	,944

a. Design: Intercept + SWithdrawn\_BFriendships + Género + SWithdrawn\_BFriendships \* Género

b. Exact statistic

c. Computed using alpha = ,05

**Tests of Between-Subjects Effects**

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>g</sup>
--------	--------------------	-------------------------	----	-------------	---	------	---------------------	--------------------	-----------------------------

Corrected Model	Aggression	,018 <sup>a</sup>	3	,006	,538	,657	,012	1,613	,158
	SWithdrawal	5,619 <sup>b</sup>	3	1,873	1,776	,155	,040	5,329	,454
	Exclusion	20,935 <sup>c</sup>	3	6,978	9,146	,000	,177	27,438	,996
	Victimization	10,247 <sup>d</sup>	3	3,416	6,606	,000	,134	19,818	,970
	Prosocial	10,659 <sup>e</sup>	3	3,553	5,715	,001	,118	17,146	,943
	Sociability	2,810 <sup>f</sup>	3	,937	4,176	,007	,089	12,528	,845
Intercept	Aggression	26,590	1	26,590	2436,606	,000	,950	2436,606	1,000
	SWithdrawal	146,122	1	146,122	138,580	,000	,520	138,580	1,000
	Exclusion	32,139	1	32,139	42,123	,000	,248	42,123	1,000
	Victimization	2,529	1	2,529	4,892	,029	,037	4,892	,593
	Prosocial	2,016	1	2,016	3,243	,074	,025	3,243	,432
	Sociability	6,256	1	6,256	27,886	,000	,179	27,886	,999
SWithdrawn_BFriendships	Aggression	,006	1	,006	,542	,463	,004	,542	,113
	SWithdrawal	3,652	1	3,652	3,464	,065	,026	3,464	,455
	Exclusion	8,831	1	8,831	11,575	,001	,083	11,575	,922
	Victimization	3,926	1	3,926	7,593	,007	,056	7,593	,781
	Prosocial	10,631	1	10,631	17,100	,000	,118	17,100	,984
	Sociability	2,047	1	2,047	9,127	,003	,067	9,127	,850

Género	Aggression	,007	1	,007	,646	,423	,005	,646	,125
	SWithdrawal	2,371	1	2,371	2,249	,136	,017	2,249	,319
	Exclusion	11,266	1	11,266	14,766	,000	,103	14,766	,968
	Victimization	5,172	1	5,172	10,003	,002	,072	10,003	,881
	Prosocial	,707	1	,707	1,137	,288	,009	1,137	,185
	Sociability	,965	1	,965	4,303	,040	,033	4,303	,539
	Aggression	,002	1	,002	,213	,645	,002	,213	,074
SWithdrawn_BFriendships *	SWithdrawal	1,976	1	1,976	1,874	,173	,014	1,874	,274
	Exclusion	11,101	1	11,101	14,550	,000	,102	14,550	,966
	Victimization	6,089	1	6,089	11,777	,001	,084	11,777	,926
	Prosocial	,026	1	,026	,041	,840	,000	,041	,055
	Sociability	,028	1	,028	,125	,724	,001	,125	,064
	Aggression	1,397	128	,011					
	SWithdrawal	134,965	128	1,054					
Error	Exclusion	97,662	128	,763					
	Victimization	66,181	128	,517					
	Prosocial	79,577	128	,622					
	Sociability	28,715	128	,224					
Total	Aggression	35,397	132						
	SWithdrawal	297,457	132						

	Exclusion	138,797	132					
	Victimization	76,646	132					
	Prosocial	99,162	132					
	Sociability	37,023	132					
<hr/>								
	Aggression	1,414	131					
	SWithdrawal	140,585	131					
Corrected Total	Exclusion	118,597	131					
	Victimization	76,428	131					
	Prosocial	90,236	131					
	Sociability	31,526	131					

a. R Squared = ,012 (Adjusted R Squared = -,011)

b. R Squared = ,040 (Adjusted R Squared = ,017)

c. R Squared = ,177 (Adjusted R Squared = ,157)

d. R Squared = ,134 (Adjusted R Squared = ,114)

e. R Squared = ,118 (Adjusted R Squared = ,097)

f. R Squared = ,089 (Adjusted R Squared = ,068)

g. Computed using alpha = ,05

## 1. RETIRADOS COM Vs. SEM AMIGOS

### Estimates

Dependent Variable	SW_BF	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound
Aggression	Friendless	-,497	,017	-,531	-,463
	W/Friend	-,512	,011	-,535	-,490
SWithdrawal	Friendless	1,370	,168	1,039	1,702
	W/Friend	,996	,111	,777	1,216
Exclusion	Friendless	,846	,143	,564	1,128
	W/Friend	,264	,094	,077	,451
Victimization	Friendless	,350	,117	,117	,582
	W/Friend	-,038	,078	-,192	,115
Prosocial	Friendless	-,180	,129	-,435	,075
	W/Friend	,458	,085	,290	,627
Sociability	Friendless	-,385	,077	-,538	-,232
	W/Friend	-,105	,051	-,206	-,004

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable	(I) SW_BF	(J) SW_BF	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
						Lower Bound	Upper Bound
						Aggression	Friendless
W/Friend	Friendless	-,015	,020	,463	-,056		,025
SWithdrawal	Friendless	W/Friend	,374	,201	,065	-,024	,772
	W/Friend	Friendless	-,374	,201	,065	-,772	,024

Exclusion	Friendless	W/Friend	,582*	,171	,001	,243	,920
	W/Friend	Friendless	-,582*	,171	,001	-,920	-,243
Victimization	Friendless	W/Friend	,388*	,141	,007	,109	,666
	W/Friend	Friendless	-,388*	,141	,007	-,666	-,109
Prosocial	Friendless	W/Friend	-,638*	,154	,000	-,944	-,333
	W/Friend	Friendless	,638*	,154	,000	,333	,944
Sociability	Friendless	W/Friend	-,280*	,093	,003	-,464	-,097
	W/Friend	Friendless	,280*	,093	,003	,097	,464

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Multivariate Tests

	Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power <sup>b</sup>
Pillai's trace	,160	3,913 <sup>a</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
Wilks' lambda	,840	3,913 <sup>a</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
Hotelling's trace	,191	3,913 <sup>a</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963
Roy's largest root	,191	3,913 <sup>a</sup>	6,000	123,000	,001	,160	23,481	,963

Each F tests the multivariate effect of SW\_BF. These tests are based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Exact statistic

b. Computed using alpha = ,05

### Univariate Tests

Dependent Variable	Sum of Squares	df	Mean Squar e	F	Sig.	Partial Eta Square d	Noncent. Paramete r	Observe d Power <sup>a</sup>	
Aggression	Contrast	,006	1	,006	,542	,463	,004	,542	,113
	Error	1,397	128	,011					
SWithdrawal	Contrast	3,652	1	3,652	3,464	,065	,026	3,464	,455
	Error	134,965	128	1,054					
Exclusion	Contrast	8,831	1	8,831	11,575	,001	,083	11,575	,922

Victimization	Error	97,662	12	,763					
	Contrast	3,926	1	3,926	7,593	,007	,056	7,593	,781
Prosocial	Error	66,181	12	,517					
	Contrast	10,631	1	10,631	17,100	,000	,118	17,100	,984
Sociability	Error	79,577	12	,622					
	Contrast	2,047	1	2,047	9,127	,003	,067	9,127	,850
	Error	28,715	12	,224					

The F tests the effect of SW\_BF. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

a. Computed using alpha = ,05

## 2. GÉNERO

### Estimates

Dependent Variable	Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound
Aggression	Feminino	-,513	,015	-,543	-,483
	Masculino	-,497	,014	-,524	-,469
SWithdrawal	Feminino	1,334	,149	1,040	1,628
	Masculino	1,033	,135	,765	1,300
Exclusion	Feminino	,884	,127	,633	1,134
	Masculino	,226	,115	-,001	,454
Victimization	Feminino	,378	,104	,172	,584
	Masculino	-,067	,095	-,254	,120
Prosocial	Feminino	,057	,114	-,169	,283
	Masculino	,221	,104	,016	,427
Sociability	Feminino	-,341	,069	-,477	-,205
	Masculino	-,149	,062	-,272	-,025

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable	(I) Género (J) Género		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
						Lower Bound	Upper Bound
Aggression	Feminino	Masculino	-,016	,020	,423	-,057	,024
	Masculino	Feminino	,016	,020	,423	-,024	,057
SWithdrawal	Feminino	Masculino	,301	,201	,136	-,096	,699
	Masculino	Feminino	-,301	,201	,136	-,699	,096
Exclusion	Feminino	Masculino	,657*	,171	,000	,319	,996
	Masculino	Feminino	-,657*	,171	,000	-,996	-,319
Victimization	Feminino	Masculino	,445*	,141	,002	,167	,724
	Masculino	Feminino	-,445*	,141	,002	-,724	-,167
Prosocial	Feminino	Masculino	-,165	,154	,288	-,470	,141
	Masculino	Feminino	,165	,154	,288	-,141	,470

Sociability	Feminino	Masculino	-,192*	,093	,040	-,376	-,009
	Masculino	Feminino	,192*	,093	,040	,009	,376

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).



Victimization	Error	97,662	12 8	,763					
	Contrast	5,172	1	5,172	10,003	,002	,072	10,003	,881
Prosocial	Error	66,181	12 8	,517					
	Contrast	,707	1	,707	1,137	,288	,009	1,137	,185
Sociability	Error	79,577	12 8	,622					
	Contrast	,965	1	,965	4,303	,040	,033	4,303	,539
	Error	28,715	12 8	,224					

The F tests the effect of Género. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

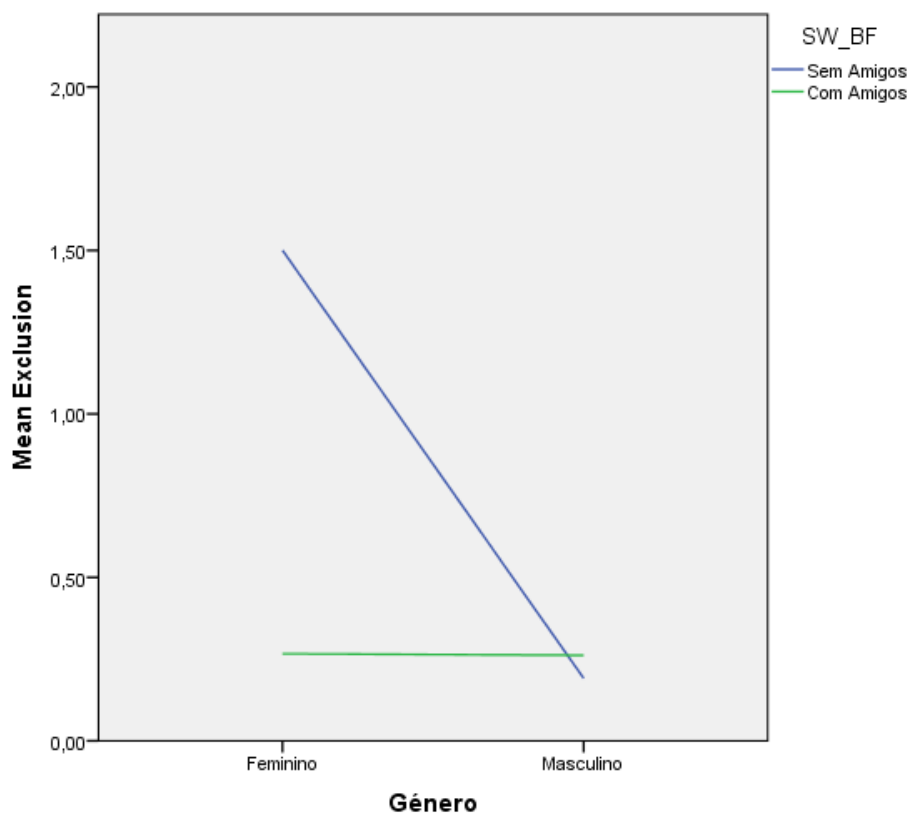
a. Computed using alpha = ,05

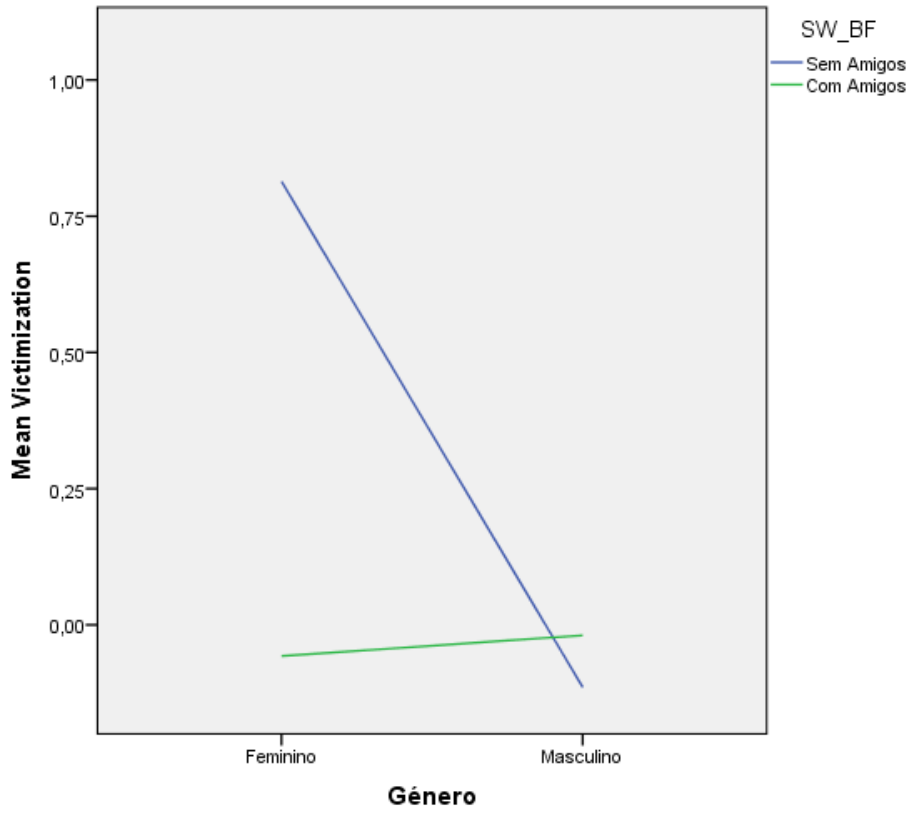
## 3. SW\_BF \* Género

Dependent Variable	SW_BF	Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval		
					Lower Bound	Upper Bound	
Aggression	Friendless	Feminino	-,510	,027	-,564	-,457	
		Masculino	-,484	,021	-,526	-,443	
	W/Friend	Feminino	-,516	,014	-,543	-,489	
		Masculino	-,509	,018	-,544	-,473	
	SWithdrawal	Friendless	Feminino	1,659	,265	1,134	2,183
			Masculino	1,082	,205	,676	1,488
W/Friend		Feminino	1,009	,135	,743	1,276	
		Masculino	,983	,176	,635	1,332	
Exclusion	Friendless	Feminino	1,501	,226	1,054	1,947	
		Masculino	,191	,175	-,155	,537	
	W/Friend	Feminino	,266	,115	,040	,493	
		Masculino	,262	,150	-,035	,558	
	Victimization	Friendless	Feminino	,814	,186	,446	1,181
			Masculino	-,115	,144	-,399	,170
W/Friend		Feminino	-,057	,094	-,244	,130	
		Masculino	-,019	,123	-,263	,225	
Prosocial	Friendless	Feminino	-,278	,204	-,681	,125	
		Masculino	-,082	,158	-,394	,230	
	W/Friend	Feminino	,392	,104	,187	,596	

Sociability	o	Masculin	,525	,135	,257	,792
		Feminino	-,465	,122	-,707	-,223
	Friendless	Masculin	-,305	,095	-,493	-,118
		Feminino	-,217	,062	-,340	-,094
	W/Friend	Masculin	,008	,081	-,153	,169
		o				

**Figura 8:** Efeito de interação entre grupo e género no funcionamento social de jovens retirados com e sem amigos.





Anexo C:  
Outputs Estatísticos do 3º Estudo

**Tabela 18:** Dados descritivos da amostra.**Frequencies****Statistics**

Género.1

N	Valid	345
	Missing	0

**Género.1**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Feminino	172	49,9	49,9	49,9
Valid Masculino	173	50,1	50,1	100,0
Total	345	100,0	100,0	

**Descriptive Statistics**

	N	Minimu m	Maximu m	Mean	Std. Deviation
Idade.1	345	11	17	12,95	1,193
Valid N (listwise)	345				

**Tabela 19:** Dados descritivos das trajetórias desenvolvimentais de retirada social.**Case Processing Summary**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Trajeto�rias de retirada social * Género.2	115	33,3%	230	66,7%	345	100,0%

**trajeto rias de retirada social \* Género.2 Crosstabulation**

Count

		Género.2		Total
		Feminino	Masculino	
Trajetórias de retirada social	retirados em T1-T2	18	28	46
	retirados s�o em T2	17	15	32
	retirados s�o em T1	17	20	37
Total		52	63	115

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	46	12	17	13,67	1,034
Valid N (listwise)	46				

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	32	12	16	13,72	1,085
Valid N (listwise)	32				

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	37	13	16	13,89	,906
Valid N (listwise)	37				

**Tabela 20:** Dados descritivos dos padrões de amizade.**Case Processing Summary**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
PADROES_AMIZAD E * Género.2	115	33,3%	230	66,7%	345	100,0%

**PADROES\_AMIZADE \* Género.2 Crosstabulation**

Count

		Género.2		Total
		Feminino	Masculino	
PADROES_AMIZADE	Amigo em T1 e T2	26	23	49
	Amigo em T1	8	17	25
	Amigo em T2	10	10	20
	Sem amigo em T1 e T2	8	13	21
Total		52	63	115

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	49	13	16	13,65	,948
Valid N (listwise)	49				

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	25	12	15	13,64	,907
Valid N (listwise)	25				

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	20	12	17	14,00	1,170
Valid N (listwise)	20				

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade.2	21	13	16	13,90	1,091
Valid N (listwise)	21				

**Tabela 21:** Teste de Qui-Quadrado para averiguar probabilidade de pertencer a diferentes trajetórias de retirada social e padrões de amizade consoante o género.

### Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Género.2 * trajetórias de retirada social	115	33,3%	230	66,7%	345	100,0%
Género.2 * PADROES_AMIZAD E	115	33,3%	230	66,7%	345	100,0%

### Género.2 \* trajetórias de retirada social

#### Crosstab

Count

	trajetórias de retirada social			Total
	retirados em T1-T2	retirados só em T2	retirados só em T1	
	Feminino	18	17	
Género.2 Masculino	28	15	20	63
Total	46	32	37	115

**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,504 <sup>a</sup>	2	,471
Likelihood Ratio	1,506	2	,471
Linear-by-Linear Association	,458	1	,498
N of Valid Cases	115		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 14,47.

**Género.2 \* PADROES\_AMIZADE****Crosstab**

Count

	PADROES_AMIZADE				Total
	Amigo em T1 e T2	Amigo em T1	Amigo em T2	Sem amigo em T1 e T2	
Feminino	26	8	10	8	52
Género.2 Masculino	23	17	10	13	63
Total	49	25	20	21	115

### Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,595 <sup>a</sup>	3	,309
Likelihood Ratio	3,646	3	,302
Linear-by-Linear Association	1,310	1	,252
N of Valid Cases	115		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,04.

**Tabela 22:** ANCOVA para averiguar a influência dos fatores “trajetórias desenvolvimentais de retirada social” e “padrões de amizade” no nível de retirada social.

**Tests of Between-Subjects Effects**

Dependent Variable: SWithdrawal.2

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	50,974 <sup>a</sup>	12	4,248	6,639	,000
Intercept	7,436	1	7,436	11,621	,001
SWithdrawal.1	8,492	1	8,492	13,271	,000
TRAJECTÓRIA_SW	21,389	2	10,695	16,714	,000
PADROES_AMIZAD E	4,713	3	1,571	2,455	,067
TRAJECTÓRIA_SW * PADROES_AMIZAD E	4,393	6	,732	1,144	,342
Error	65,267	102	,640		
Total	160,695	115			
Corrected Total	116,241	114			

a. R Squared = ,439 (Adjusted R Squared = ,372)

### Parameter Estimates

Dependent Variable: SWithdrawal.2

Parameter	B	Std. Error	t	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Intercept	-,087	,270	-,321	,749	-,623	,450
SWithdrawal.1	,296	,081	3,643	,000	,135	,458
[TRAJECTÓRIA_SW =1]	1,353	,400	3,381	,001	,559	2,146
[TRAJECTÓRIA_SW =2]	,888	,473	1,876	,064	-,051	1,826
[TRAJECTÓRIA_SW =3]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=1]	-,207	,334	-,620	,537	-,870	,456
[PADROES_AMIZAD E=3]	-,173	,414	-,418	,677	-,995	,648
[PADROES_AMIZAD E=4]	-,285	,394	-,724	,471	-1,068	,497
[PADROES_AMIZAD E=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	-,738	,488	-1,512	,134	-1,706	,230
[PADROES_AMIZAD E=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	-,376	,563	-,669	,505	-1,493	,740
[PADROES_AMIZAD E=3]						
[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	-,083	,564	-,147	,884	-1,201	1,036
[PADROES_AMIZAD E=4]						

[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=5]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	-,222	,558	-,398	,692	-1,329	,885
[PADROES_AMIZAD E=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	,574	,650	,883	,379	-,715	1,862
[PADROES_AMIZAD E=3]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	-,362	,692	-,522	,603	-1,735	1,012
[PADROES_AMIZAD E=4]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=5]						
[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=3]						
[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=4]						

[TRAJECTÓRIA_SW =3] *						
[PADROES_AMIZAD E=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.

a. This parameter is set to zero because it is redundant.

### Custom Hypothesis Tests

#### Contrast Results (K Matrix)

trajectorias de retirada social Simple Contrast <sup>a</sup>		Dependent Variable
		SWithdrawal. 2
Level 2 vs. Level 1	Contrast Estimate	-,168
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-,168
	Std. Error	,226
	Sig.	,459
	95% Confidence Interval Lower Bound for Difference Upper Bound	-,617 ,280
Level 3 vs. Level 1	Contrast Estimate	-1,054
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-1,054
	Std. Error	,194
	Sig.	,000
	95% Confidence Interval Lower Bound for Difference Upper Bound	-1,438 -,669

a. Reference category = 1

### Test Results

Dependent Variable: SWithdrawal.2

Source	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	21,389	2	10,695	16,714	,000
Error	65,267	102	,640		

### Trajetórias de retirada social

#### Estimates

Dependent Variable: SWithdrawal.2

trajectorias de retirada social	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
retirados em T1-T2	1,068 <sup>a</sup>	,135	,799	1,337
retirados só em T2	,900 <sup>a</sup>	,171	,561	1,239
retirados só em T1	,014 <sup>a</sup>	,139	-,261	,290

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values:

SWithdrawal.1 = ,9034.

#### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: SWithdrawal.2

(I) trajetorias de retirada social	(J) trajetorias de retirada social	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
retirados em T1-T2	retirados só em T2	,168	,226	,459	-,280	,617
	retirados só em T1	1,054 <sup>*</sup>	,194	,000	,669	1,438

retirados em T2	retirados em T1-T2	-,168	,226	,459	-,617	,280
retirados em T1	retirados em T1	,885*	,220	,000	,448	1,322
retirados em T1	retirados em T1-T2	-1,054*	,194	,000	-1,438	-,669
retirados em T2	retirados em T2	-,885*	,220	,000	-1,322	-,448

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: SWithdrawal.2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	21,389	2	10,695	16,714	,000
Error	65,267	102	,640		

The F tests the effect of trajetórias de retirada social. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

**Tabela 23:** ANCOVA para averiguar a influência dos fatores “trajetórias desenvolvimentais de retirada social” e “padrões de amizade” no nível de exclusão.

**Tests of Between-Subjects Effects**

Dependent Variable: Exclusion.2

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	52,101 <sup>a</sup>	12	4,342	8,943	,000
Intercept	1,867	1	1,867	3,845	,053
Exclusion.1	16,988	1	16,988	34,991	,000
TRAJECTÓRIA_SW	5,636	2	2,818	5,805	,004
PADROES_AMIZAD E	11,714	3	3,905	8,043	,000
TRAJECTÓRIA_SW * PADROES_AMIZAD E	6,004	6	1,001	2,061	,064
Error	49,521	102	,485		
Total	106,879	115			
Corrected Total	101,622	114			

a. R Squared = ,513 (Adjusted R Squared = ,455)

### Parameter Estimates

Dependent Variable: Exclusion.2

Parameter	B	Std. Error	t	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Intercept	-,010	,231	-,044	,965	-,469	,449
Exclusion.1	,420	,071	5,915	,000	,279	,561
[TRAJECTÓRIA_SW =1]	1,218	,344	3,541	,001	,536	1,899
[TRAJECTÓRIA_SW =2]	1,207	,412	2,928	,004	,389	2,025
[TRAJECTÓRIA_SW =3]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=1]	-,209	,299	-,699	,486	-,802	,384
[PADROES_AMIZAD E=3]	-,258	,362	-,713	,477	-,977	,460
[PADROES_AMIZAD E=4]	-,167	,346	-,483	,630	-,853	,519
[PADROES_AMIZAD E=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	-1,260	,425	-2,967	,004	-2,103	-,418
[PADROES_AMIZAD E=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	-,816	,493	-1,656	,101	-1,793	,161
[PADROES_AMIZAD E=3]						

[TRAJECTÓRIA_SW =1] *						
[PADROES_AMIZAD E=4]	-,639	,494	-1,294	,198	-1,618	,340
[TRAJECTÓRIA_SW =1] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=5]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	-1,080	,483	-2,236	,028	-2,038	-,122
[PADROES_AMIZAD E=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	-,761	,566	-1,345	,182	-1,883	,362
[PADROES_AMIZAD E=3]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	-1,232	,601	-2,051	,043	-2,424	-,041
[PADROES_AMIZAD E=4]						
[TRAJECTÓRIA_SW =2] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=5]						
[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=3]						

[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=4]						
[TRAJECTÓRIA_SW =3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZAD E=5]						

a. This parameter is set to zero because it is redundant.

### Custom Hypothesis Tests #1

#### Contrast Results (K Matrix)

trajectorias de retirada social Simple Contrast <sup>a</sup>		Dependent Variable
		Exclusion.2
Level 2 vs. Level 1	Contrast Estimate	-,100
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-,100
	Std. Error	,184
	Sig.	,587
	95% Confidence Interval Lower Bound for Difference	-,465
	Upper Bound	,265
Level 3 vs. Level 1	Contrast Estimate	-,539
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-,539
	Std. Error	,164
	Sig.	,001
	95% Confidence Interval Lower Bound for Difference	-,864
	Upper Bound	-,214

a. Reference category = 1

### Test Results

Dependent Variable: Exclusion.2

Source	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	5,636	2	2,818	5,805	,004
Error	49,521	102	,485		

### Estimated Marginal Means

#### 1. Trajetórias de retirada social

#### Estimates

Dependent Variable: Exclusion.2

trajetorias de retirada social	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
retirados em T1-T2	,527 <sup>a</sup>	,111	,306	,747
retirados só em T2	,426 <sup>a</sup>	,146	,137	,716
retirados só em T1	-,012 <sup>a</sup>	,121	-,252	,228

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Exclusion.1 = ,3724.

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: Exclusion.2

(I) trajetorias de retirada social	(J) trajetorias de retirada social	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
retirados em T1-T2	retirados só em T2	,100	,184	,587	-,265	,465
T2	retirados só em T1	,539 <sup>*</sup>	,164	,001	,214	,864

retirados em T1- retirados só em T2	T2	-,100	,184	,587	-,465	,265
retirados só em T1		,439*	,190	,023	,063	,815
retirados em T1- retirados só em T1	T2	-,539*	,164	,001	-,864	-,214
retirados só em T2		-,439*	,190	,023	-,815	-,063

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: Exclusion.2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	5,636	2	2,818	5,805	,004
Error	49,521	102	,485		

The F tests the effect of trajetórias de retirada social. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

## 2. PADRÕES\_AMIZADE

### Estimates

Dependent Variable: Exclusion.2

PADROES_AMIZADE	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Amigo em T1 e T2	-,034 <sup>a</sup>	,105	-,243	,174
Amigo em T1	,171 <sup>a</sup>	,146	-,119	,461
Amigo em T2	,164 <sup>a</sup>	,165	-,164	,491
Sem amigo em T1 e T2	,954 <sup>a</sup>	,167	,622	1,287

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Exclusion.1 = ,3724.

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: Exclusion.2

(I)	(J)	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. . <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
PADROES_AMIZ ADE	Amigo em T1	-,205	,183	,264	-,567	,157
	Amigo em T1 e T2	-,198	,197	,317	-,589	,193
	Sem amigo em T1 e T2	-,989*	,204	,000	-1,393	-,584
Amigo em T1	Amigo em T1 e T2	,205	,183	,264	-,157	,567
	Amigo em T2	,007	,220	,975	-,430	,443
	Sem amigo em T1 e T2	-,784*	,220	,001	-1,220	-,348
Amigo em T2	Amigo em T1 e T2	,198	,197	,317	-,193	,589
	Amigo em T1	-,007	,220	,975	-,443	,430
	Sem amigo em T1 e T2	-,791*	,234	,001	-1,254	-,327
Sem amigo em T1 e T2	Amigo em T1 e T2	,989*	,204	,000	,584	1,393
	Amigo em T1	,784*	,220	,001	,348	1,220
	Amigo em T2	,791*	,234	,001	,327	1,254

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: Exclusion.2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	11,714	3	3,905	8,043	,000
Error	49,521	102	,485		

The F tests the effect of PADROES\_AMIZADE. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

**Tabela 24:** ANCOVA para averiguar a influência dos fatores “trajetórias desenvolvimentais de retirada social” e “padrões de amizade” no nível de vitimização.

### Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: Victimization.2

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	39,218 <sup>a</sup>	12	3,268	6,958	,000
Intercept	,007	1	,007	,015	,902
Victimization.1	22,202	1	22,202	47,265	,000
TRAJECTÓRIA_SW	,625	2	,313	,665	,516
PADROES_AMIZADE	5,733	3	1,911	4,068	,009
TRAJECTÓRIA_SW * PADROES_AMIZADE	3,070	6	,512	1,089	,374
Error	47,913	102	,470		
Total	87,154	115			
Corrected Total	87,131	114			

a. R Squared = ,450 (Adjusted R Squared = ,385)

### Parameter Estimates

Dependent Variable: Victimization.2

Parameter	B	Std. Error	t	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Intercept	-,115	,221	-,523	,602	-,553	,322
Victimization.1	,513	,075	6,875	,000	,365	,661
[TRAJECTÓRIA_SW=1]	,540	,338	1,599	,113	-,130	1,210
[TRAJECTÓRIA_SW=2]	,919	,406	2,263	,026	,114	1,724
[TRAJECTÓRIA_SW=3]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=1]	-,183	,290	-,630	,530	-,758	,392
[PADROES_AMIZADE=3]	,069	,354	,193	,847	-,634	,771
[PADROES_AMIZADE=4]	,189	,338	,560	,577	-,481	,860
[PADROES_AMIZADE=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *			-			
[PADROES_AMIZADE=1]	-,513	,417	1,230	,222	-1,339	,314
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *						
[PADROES_AMIZADE=3]	-,252	,484	-,520	,604	-1,211	,708
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *			-			
[PADROES_AMIZADE=4]	-,666	,485	1,374	,172	-1,628	,295
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *						
[PADROES_AMIZADE=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[TRAJECTÓRIA_SW=2] *			-			
[PADROES_AMIZADE=1]	-,905	,476	1,900	,060	-1,849	,040
[TRAJECTÓRIA_SW=2] *			-			
[PADROES_AMIZADE=3]	-,876	,557	1,574	,119	-1,981	,228
[TRAJECTÓRIA_SW=2] *			-			
[PADROES_AMIZADE=4]	1,354	,592	2,287	,024	-2,529	-,180
[TRAJECTÓRIA_SW=2] *						
[PADROES_AMIZADE=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.

[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=3]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=4]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=5]						

a. This parameter is set to zero because it is redundant.

### Custom Hypothesis Tests

#### Contrast Results (K Matrix)

PADROES_AMIZADE Simple Contrast <sup>a</sup>		Dependent Variable
		Victimization
		.2
Level 2 vs. Level 1	Contrast Estimate	,348
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	,348
	Std. Error	,180
	Sig.	,057
	95% Confidence Interval Lower Bound	-,010
	for Difference Upper Bound	,706
Level 3 vs. Level 1	Contrast Estimate	,171
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	,171
	Std. Error	,192
	Sig.	,376
Level 4 vs. Level 1	95% Confidence Interval Lower Bound	-,211
	for Difference Upper Bound	,553
	Contrast Estimate	,655

1	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	,655
	Std. Error	,194
	Sig.	,001
	95% Confidence Interval Lower Bound	,270
	for Difference Upper Bound	1,040

a. Reference category = 1

### Test Results

Dependent Variable: Victimization.2

Source	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	5,733	3	1,911	4,068	,009
Error	47,913	102	,470		

### Estimated Marginal Means

#### PADROES\_AMIZADE

### Estimates

Dependent Variable: Victimization.2

PADROES_AMIZAD E	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Amigo em T1 e T2	-,204 <sup>a</sup>	,101	-,404	-,003
Amigo em T1	,144 <sup>a</sup>	,146	-,145	,433
Amigo em T2	-,033 <sup>a</sup>	,162	-,355	,289
Sem amigo em T1 e T2	,451 <sup>a</sup>	,162	,130	,773

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Victimization.1 = ,1569.

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: Victimization.2

(I)	(J)	Mean Differenc e (I-J)	Std. Erro r	Sig. <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Low er Boun d	Upper Bound
Amigo em T1 e T2	Amigo em T1	-,348	,180	,057	-,706	,010
	Amigo em T2	-,171	,192	,376	-,553	,211
	Sem amigo em T1 e T2	-,655*	,194	,001	- 1,040	-,270
Amigo em T1	Amigo em T1 e T2	,348	,180	,057	-,010	,706
	Amigo em T2	,177	,217	,417	-,254	,607
	Sem amigo em T1 e T2	-,307	,215	,156	-,734	,119
Amigo em T2	Amigo em T1 e T2	,171	,192	,376	-,211	,553
	Amigo em T1	-,177	,217	,417	-,607	,254
	Sem amigo em T1 e T2	-,484*	,229	,037	-,938	-,031
Sem amigo em T1 e T2	Amigo em T1 e T2	,655*	,194	,001	,270	1,040
	Amigo em T1	,307	,215	,156	-,119	,734
	Amigo em T2	,484*	,229	,037	,031	,938

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: Victimization.2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	5,733	3	1,911	4,068	,009
Error	47,913	102	,470		

The F tests the effect of PADROES\_AMIZADE. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

**Tabela 25:** ANCOVA para averiguar a influência dos fatores “trajetórias desenvolvimentais de retirada social” e “padrões de amizade” no nível de comportamento prosocial.

### Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: Prosocial.2

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	39,759 <sup>a</sup>	12	3,313	9,058	,000
Intercept	,218	1	,218	,596	,442
Prosocial.1	19,320	1	19,320	52,815	,000
TRAJECTÓRIA_SW	,502	2	,251	,686	,506
PADROES_AMIZADE	4,587	3	1,529	4,180	,008
TRAJECTÓRIA_SW * PADROES_AMIZADE	2,716	6	,453	1,238	,293
Error	37,311	102	,366		
Total	79,536	115			
Corrected Total	77,070	114			

a. R Squared = ,516 (Adjusted R Squared = ,459)

### Parameter Estimates

Dependent Variable: Prosocial.2

Parameter	B	Std. Error	t	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Intercept	-.291	,193	-1,511	,134	-,673	,091
Prosocial.1	,546	,075	7,267	,000	,397	,695
[TRAJECTÓRIA_SW=1]	,125	,299	,418	,677	-,468	,718
[TRAJECTÓRIA_SW=2]	-.123	,358	-,343	,733	-,832	,587
[TRAJECTÓRIA_SW=3]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=1]	,506	,255	1,981	,050	-,001	1,012
[PADROES_AMIZADE=3]	-.324	,314	-1,029	,306	-,947	,300
[PADROES_AMIZADE=4]	,443	,299	1,483	,141	-,149	1,036
[PADROES_AMIZADE=5]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *	,074	,368	,202	,841	-,656	,804
[PADROES_AMIZADE=1]	,392	,426	,920	,360	-,453	1,237
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *	-.300	,426	-,704	,483	-1,146	,545
[PADROES_AMIZADE=4]	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[TRAJECTÓRIA_SW=1] *	-.003	,419	-,006	,995	-,834	,829
[PADROES_AMIZADE=1]	,908	,491	1,847	,068	-,067	1,882
[TRAJECTÓRIA_SW=2] *	-.056	,522	-,106	,915	-1,090	,979
[PADROES_AMIZADE=4]						

[TRAJECTÓRIA_SW=2] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=5]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=1]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=3]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=4]						
[TRAJECTÓRIA_SW=3] *	0 <sup>a</sup>	.	.	.	.	.
[PADROES_AMIZADE=5]						

a. This parameter is set to zero because it is redundant.

### Custom Hypothesis Tests

#### Contrast Results (K Matrix)

PADROES_AMIZADE Simple Contrast <sup>a</sup>		Dependent Variable
		Prosocial.2
Level 2 vs. Level 1	Contrast Estimate	-,420
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-,420
	Std. Error	,155
	Sig.	,008
	95% Confidence Interval Lower Bound	-,728
	for Difference Upper Bound	-,112
Level 3 vs. Level 1	Contrast Estimate	-,205
	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-,205
	Std. Error	,172
	Sig.	,238
Level 4 vs. Level 1	95% Confidence Interval Lower Bound	-,547
	for Difference Upper Bound	,137
	Contrast Estimate	-,530

1	Hypothesized Value	0
	Difference (Estimate - Hypothesized)	-,530
	Std. Error	,175
	Sig.	,003
	95% Confidence Interval Lower Bound	-,876
	for Difference Upper Bound	-,183

a. Reference category = 1

### Test Results

Dependent Variable: Prosocial.2

Source	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	4,587	3	1,529	4,180	,008
Error	37,311	102	,366		

### Estimated Marginal Means

#### PADROES\_AMIZADE

### Estimates

Dependent Variable: Prosocial.2

PADROES_AMIZADE	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
Amigo em T1 e T2	,357 <sup>a</sup>	,090	,179	,534
Amigo em T1	-,063 <sup>a</sup>	,126	-,314	,187
Amigo em T2	,152 <sup>a</sup>	,144	-,135	,439
Sem amigo em T1 e T2	-,173 <sup>a</sup>	,145	-,461	,115

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Prosocial.1 = ,2149.

### Pairwise Comparisons

Dependent Variable: Prosocial.2

(I)	(J)	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. . <sup>b</sup>	95% Confidence Interval for Difference <sup>b</sup>	
					Lower Bound	Upper Bound
PADROES_AMIZ ADE	Amigo em T1	,420*	,155	,00 8	,112	,728
	Amigo em T1 e T2	,205	,172	,23 8	-,137	,547
	Sem amigo em T1 e T2	,530*	,175	,00 3	,183	,876
Amigo em T1	Amigo em T1 e T2	-,420*	,155	,00 8	-,728	-,112
	Amigo em T2	-,215	,192	,26 4	-,596	,165
	Sem amigo em T1 e T2	,109	,192	,57 0	-,272	,490
Amigo em T2	Amigo em T1 e T2	-,205	,172	,23 8	-,547	,137
	Amigo em T1	,215	,192	,26 4	-,165	,596
	Sem amigo em T1 e T2	,325	,202	,11 0	-,075	,725
Sem amigo em T1 e T2	Amigo em T1 e T2	-,530*	,175	,00 3	-,876	-,183
	Amigo em T1	-,109	,192	,57 0	-,490	,272
	Amigo em T2	-,325	,202	,11 0	-,725	,075

Based on estimated marginal means

\*. The mean difference is significant at the ,05 level.

b. Adjustment for multiple comparisons: Least Significant Difference (equivalent to no adjustments).

### Univariate Tests

Dependent Variable: Prosocial.2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Contrast	4,587	3	1,529	4,180	,008
Error	37,311	102	,366		

The F tests the effect of PADROES\_AMIZADE. This test is based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.